



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"



PROFLETRAS

GEISA ALEXANDRELI BORGES DE ANDRADE

**O LETRAMENTO LITERÁRIO POR INTERMÉDIO DA LEITURA DE
FILOSOFIAS DE VÓ MARIA: CRÔNICAS DE UM COTIDIANO
CABOCLO**

ASSIS

2021

GEISA ALEXANDRELI BORGES DE ANDRADE

**O LETRAMENTO LITERÁRIO POR INTERMÉDIO DA LEITURA DE
FILOSOFIAS DE VÓ MARIA: CRÔNICAS DE UM COTIDIANO
CABOCLO**

Dissertação apresentada à Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras de Assis, para a obtenção do título de Mestra em Letras junto ao Programa de Mestrado Profissional – PROFLETRAS (Área de Conhecimento: Teorias da Linguagem e Ensino).

Orientação: Prof^a Dra. Ana Carolina Sperança Criscuolo

Coorientação: Prof^a Dra. Eliane Aparecida Galvão Ribeiro Ferreira

Prof^a Dra. Aline Pereira de Souza

ASSIS

2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Laura Akie Saito Inafuko - CRB 8/9116

A553L Andrade, Geisa Alexandreli Borges de
O letramento literário por intermédio da leitura de
"Filosofias de Vó Maria: Crônicas de um Cotidiano Caboclo" /
Geisa Alexandreli Borges de Andrade. Assis, 2021.
106 f. : il.

Dissertação de Mestrado - Universidade Estadual Paulista
(UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis
Orientadora: Dra. Ana Carolina Sperança Criscuolo
Coorientadora: Dra. Eliane A. Galvão Ribeiro Ferreira
Coorientadora: Dra. Aline Pereira de Souza

1. Literatura. 2. Letramento literário. 3. Crônica. 4.
Sequência básica. I. Título.

CDD 372.4



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

Câmpus de Assis



CERTIFICADO DE APROVAÇÃO

TÍTULO DA DISSERTAÇÃO: O LETRAMENTO LITERÁRIO POR INTERMÉDIO DA LEITURA DE
FILOSOFIAS DE VÓ MARIA: CRÔNICAS DE UM COTIDIANO CABOCLÓ

AUTORA: GEISA ALEXANDRELI BORGES DE ANDRADE

ORIENTADORA: ANA CAROLINA SPERANÇA CRISCUOLO

COORIENTADORA: ALINE PEREIRA DE SOUZA

COORIENTADORA: ELIANE APARECIDA GALVÃO RIBEIRO FERREIRA

Aprovada como parte das exigências para obtenção do Título de Mestra em LETRAS, área:
Linguagens e Letramentos pela Comissão Examinadora:

Profa. Dra. ANA CAROLINA SPERANÇA CRISCUOLO (Participação Virtual)
Pesquisadora / UNESP/Araraquara

Prof. Dr. MARCO ANTONIO DOMINGUES SANT'ANNA (Participação Virtual)
Departamento de Estudos Linguísticos, Literários e da Educação / UNESP/FCL-Assis

Profa. Dra. BEATRIZ QUIRINO ARRUDA DONA (Participação Virtual)
São Paulo-SP / Adriano Chan - Laboratório de Redação

Assis, 10 de fevereiro de 2021

À memória de minha saudosa avó, Helem Santana Alexandreli.

AGRADECIMENTOS

A Deus, o autor da vida, por me fortalecer na superação de meus limites e pelo amparo em todo o tempo.

À minha mãe, Roseli Alexandreli Borges de Andrade, pelo cuidado constante, incentivo e orações.

Ao meu saudoso pai, Josué Borges de Andrade (em memória), por ter me ensinado valores.

Às professoras Dra. Ana Carolina Sperança Criscuolo, Dra. Eliane Aparecida Galvão Ribeiro Ferreira e Dra. Aline Pereira de Souza, pelas valiosas orientações que conduziram este trabalho.

Aos professores do Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS) — UNESP de Assis/SP, pela disponibilidade em compartilhar conhecimentos, que nos abrem novos horizontes.

À banca de defesa, composta pelos professores doutores Marco Antônio Domingues Sant'Anna e Beatriz Quirino Arruda Doná, por nos prestigiar com suas contribuições para o aperfeiçoamento deste trabalho.

À Nê Sant'Anna, por partilhar conosco sua obra.

Às amigas de longa data, Juliana Fabrício e Sandra Aparecida Dias, pelo auxílio, encorajamento e empatia.

Ao meu irmão, Tércio Guilherme Alexandreli Borges de Andrade, e, ao caro colega de profissão, Dr. José Roberto Nunes de Azevedo, pela ajuda nas questões técnicas e formais.

Aos meus colegas Tiago Nascimento e Maria Bernadete de Almeida Garcia, pela gentileza em me ajudar na busca de dados essenciais para esse trabalho.

À estimada comunidade escolar da E. E. Antonio de Almeida Prado.

Aos caros amigos da 6ª turma do Profletras, com os quais dividi risos, anseios e sonhos.

Enfim, agradeço a todos que direta ou indiretamente contribuíram para a realização desta pesquisa.

ANDRADE, Geisa Alexandreli Borges de. O letramento literário por intermédio da leitura de “Filosofias de Vó Maria: Crônicas de um Cotidiano Caboclo”. Assis, 2021. 106p. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS) – Faculdade de Ciências e Letras, *Campus* de Assis, Universidade Estadual Paulista – Júlio de Mesquita Filho.

RESUMO

Este trabalho traz uma proposta de atividades que têm, como objetivo, despertar nos alunos do Ensino Fundamental II o prazer pela leitura de textos literários. Surgiu da necessidade de promover experiências significativas de ensino-aprendizagem da Literatura, o que se denomina *letramento literário*. A motivação se deu no 9º ano do Ensino Fundamental de uma escola da rede pública estadual, situada na cidade de Iepê — SP, onde já atuamos como professora. Em nossa proposta, a partir da leitura de uma obra local, trabalhamos com textos literários e, por meio deles, ativamos o diálogo com a história do município. Nossa pesquisa fundamenta-se, principalmente, em Antonio Candido (1972; 1992; 2003; 2017), no que se refere ao estudo da literatura e à análise do gênero textual *crônica*, e, em Rildo Cosson (2018), no tocante ao conceito de *letramento literário* e aporte à proposta de intervenção pedagógica. Também nos ancoramos, para a fundamentação bibliográfica desse trabalho e discussão dos temas letramento literário, leitura literária e gênero textual *crônica*, em Lajolo (1993), Lerner (2002), Sá (1987), Costa (2020), Arrigucci Jr. (2001), entre outros. A proposta foi elaborada a partir de uma sequência de atividades que priorizam a prática de leitura e a interpretação de textos literários, de acordo com os fundamentos do letramento literário de Cosson (2018), tendo por base o livro *Filosofias de Vó Maria: Crônicas de um Cotidiano Caboclo*, de Nê Sant’Anna (2017), autora iepense que, a partir de sua memória afetiva, resgatou, por meio de crônicas, as histórias que ouviu no meio em que cresceu, sobre sua avó, a qual não conheceu.

Palavras-chave: Literatura. Letramento Literário. Crônica. Sequência Básica.

ANDRADE, Geisa Alexandreli Borges de. Literary literacy through the reading of “Filosofias de Vó Maria: Crônicas de um Cotidiano Caboclo”. Assis, 2021. 106p. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS) – Faculdade de Ciências e Letras, *Campus* de Assis, Universidade Estadual Paulista – Júlio de Mesquita Filho.

ABSTRACT

This work presents a proposal of activities that aim to arouse in elementary school students the pleasure of reading literary texts. It arose from the need to promote significant teaching-learning experiences in Literature, which is called *literary literacy*. The motivation came in the 9th grade of elementary school at a public school in the state, located in the town of Iepê — SP, where we already work as a teacher. In our proposal, from the reading of a local work, we worked with literary texts and, through them, we activated the dialogue with the history of the town. Our research is based mainly on Antonio Candido (1972; 1992; 2003; 2017), regarding the study of literature and the analysis of the textual genre *chronic* and in Rildo Cosson (2018), regarding the concept of *literary literacy* and contribution to the pedagogical intervention proposal. We also anchored ourselves, for the bibliographic foundation of this work and discussion of the themes literary literacy, literary reading and textual genre *chronic*, in Lajolo (1993), Lerner (2002), and, on Sá (1987), Costa (2020), Arrigucci Jr. (2001) among others. The proposal was developed based on a sequence of activities, which prioritize the practice of reading and interpreting literary texts, according to the foundations of Cosson's literary literacy (2018), based on the book *Filosofias de Vó Maria: Crônicas de um Cotidiano Caboclo*, by Nê Sant'Anna (2017), an author from Iepê, who based on her affective memory, rescued, through chronicles, the stories she heard in the environment she grew up, about her grandmother, whom she did not know.

Keywords: Literature. Literary Literacy. Chronic. Basic Sequence.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Vista da cidade de Iepê	33
Figura 2- Olívia Alexandrelli Alves Montoia e a escritora Nê Sant´Anna.....	39
Figura 3- Porta-retratos antigo.....	75
Figura 4- Museu Histórico da Igreja Presbiteriana Independente de Iepê.....	76
Figura 5- Capa do livro <i>Filosofias de Vó Maria: Crônicas de um Cotidiano Caboclo</i>	77
Figura 6- Roda de conversa.....	78
Figura 7- Mural.....	80
Figura 8- Modelo de móbile para a exposição de fotos.....	83

LISTA DE TABELAS

Tabela 1- O letramento literário e as memórias de Iepê	84
---	-----------

SUMÁRIO

“Conversa preliminar”: relato de um percurso	12
Introdução à pesquisa	15
Capítulo 1 – Conceito do gênero textual <i>crônica</i>	20
1.1 A crônica no universo escolar.....	24
1.2 Algumas notas sobre o letramento.....	27
1.3 Letramento literário.....	29
Capítulo 2 – Apresentação da cidade de Iepê, da autora e da obra: a literatura como expressão da cultura local.....	33
2.1 O município.....	33
2.2 A autora e sua obra.....	37
2.3 Apresentação e análise das crônicas.....	40
2.4 A importância da obra e do seu valor cultural.....	69
Capítulo 3 – A crônica na sala de aula: caminhos para o letramento literário.....	71
Considerações finais.....	86
Referências.....	88
Apêndice – Suporte Pedagógico.....	91

Conversa preliminar: relato de um percurso

Este trabalho se inicia com uma sucinta retrospectiva sobre minha trajetória vivida, acadêmica e profissional, assim como sobre as razões que me conduziram à escolha do tema desse trabalho.

Sempre fui aluna da rede pública estadual paulista, desde a educação infantil até o Ensino Médio, o qual concluí em 1994. Meus estudos se deram na mesma escola, a E.E. Antonio de Almeida Prado, local onde atualmente trabalho, o que me faz cultivar pela instituição uma relação de profunda afetividade, pois foi nesse lugar que fiz amigos, tive acesso a uma educação de qualidade e me espelhei em muitos professores, os quais me inspiraram a seguir a carreira de docente.

Em 1995, prestei meu primeiro vestibular e fui aprovada no curso de Administração, em Presidente Prudente, na Instituição Toledo de Ensino. Dediquei-me ao curso, formei-me nessa instituição, mas sentia que ainda não havia encontrado a profissão que me satisfizesse. Neste período, concomitantemente aos estudos, ministrava aulas particulares de piano e me sentia muito realizada em poder ensinar esse instrumento, principalmente para o público infantil, o qual constituía a maioria de meus alunos. Esta prática fez-me perceber que tinha contentamento em ensinar e certa habilidade em compartilhar conhecimento.

Como sempre gostei muito de literatura, de língua portuguesa e de língua inglesa na época do colégio, em 2001 resolvi prestar o vestibular para Letras, na Universidade Estadual Paulista — UNESP, *Campus* de Assis, instituição que sempre me despertou interesse e confiança. Consegui uma vaga e, muito alegremente, dei início a uma nova graduação. Durante este período, tive o privilégio de conviver com grandes mestres, que contribuíram imensamente na minha formação intelectual, acadêmica, e pelos quais nutro grande admiração e respeito.

Em 2005, no último ano do curso de Letras, a convite de uma colega de turma, Juliana Casarotti, prestei um concurso para PEB II no estado de Mato Grosso do Sul e obtive aprovação. Fui convocada, e, em 2007, iniciei meu trabalho como professora de língua portuguesa e literatura.

Trabalhei então, de 2007 a 2012, na rede pública do Mato Grosso do Sul, na cidade de Bataguassu. Na minha sede, a Escola Manoel da Costa Lima, fui muito bem acolhida e pude aprender com toda a equipe escolar muito sobre a docência, sobre o trabalho em equipe e

sobre a ética na profissão. Nesse local, iniciei minha vida profissional como professora e recebi todo apoio, sendo ainda uma principiante imatura no exercício docente.

Em 2010, prestei o concurso público de PEB II, na Secretaria Estadual de São Paulo, nas disciplinas de língua portuguesa e língua espanhola. Obtive aprovação em ambas. Fui convocada no ano de 2013, para tomar posse no cargo efetivo de língua portuguesa na escola professor Celso de Mello, localizada em Tatuí, pertencente à Diretoria de Ensino de Itapetininga.

Trabalhei nesta instituição durante o ano de 2013 e fui muito bem recebida pela equipe escolar. No ano seguinte, consegui, por meio do concurso de remoção, uma vaga para a cidade de Nantes, pertencente à Diretoria de Assis. Lecionei, então, na escola Rage Anderáos, onde senti muito prazer em trabalhar, até o ano de 2016, quando consegui uma outra remoção, agora para a E. E. Antonio de Almeida Prado.

Sendo assim, desde 2017, estou lecionando em Iepê — SP, minha amada cidade natal, conhecida por sua hospitalidade e pelo MAI — Museu Arqueológico de Iepê, local que abriga grande acervo de peças indígenas guarani e valoriza a história de seus antepassados.

Sempre gostei de estudar e, por meio de informações postadas em um grupo virtual da escola, pelo meu coordenador, Rodrigo Costa e Silva, no ano de 2017, conheci o Programa Nacional de acesso ao Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS).

Fazer parte desse programa se tornou, então, um grande desejo, pois ele se direciona aos professores da rede pública, atuantes no Ensino Fundamental e objetiva contribuir para a melhoria da qualidade do ensino público, capacitando os docentes em seu exercício. O Programa de Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS) é um curso de pós-graduação *stricto sensu*, oferecido em rede nacional, em parceria com instituições de ensino superior públicas, no âmbito do Sistema Universidade Aberta do Brasil (UAB), sendo coordenado pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN).

O acesso ao Programa se dá por meio de um exame nacional, que é realizado em diferentes polos associados. O primeiro exame nacional de acesso ao PROFLETRAS foi realizado no ano de 2013 e seu processo seletivo engloba uma prova dissertativa e também 20 questões de múltipla escolha.

Prestei o exame duas vezes e, em uma delas, fui contemplada com uma vaga para o polo da UNESP de Assis/SP, em 2019. Fiquei imensamente feliz pela oportunidade de retornar à Universidade que me formou há 16 anos e, novamente, torna a contribuir para o aprimoramento de minha prática docente, por meio da formação continuada.

Desde que concluí a graduação em 2005, nutria o desejo de, em uma oportunidade de cursar um mestrado, realizar um estudo sobre uma obra que retratasse, resgatasse e valorizasse o passado de minha tão estimada cidade. E que, ao mesmo tempo, pudesse mostrar aos nossos alunos da E. E. Antonio de Almeida Prado que aqui mesmo, em Iepê, em nossa pequena cidade, também há escritores, contadores de histórias, os quais devem ser lidos, ouvidos e valorizados.

Esse desejo vem se consolidando com a escolha da obra de Nê Sant'Anna, intitulada *Filosofias de Vó Maria: Crônicas de um Cotidiano Caboclo* (2017), visto que nela nosso passado é revisitado e retratado de forma divertida e inusitada.

Introdução à pesquisa

Nós, docentes na Rede Pública Estadual Paulista, temos sido desafiados, em nossa profissão, a promover atividades que estimulem a leitura, que desenvolvam a prática da escrita e contemplem as habilidades socioemocionais presentes na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), como a capacidade dos alunos de se relacionarem com o outro, de exercitarem o diálogo.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) aponta, entre as competências a serem contempladas no Ensino Fundamental “Valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social, cultural e digital para entender e explicar a realidade, continuar aprendendo e colaborar para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva”. (BRASIL, 2017, p. 9)

Ainda de acordo com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC),

O Eixo Leitura compreende as práticas de linguagem que decorrem da interação ativa do leitor/ouvinte/espectador com os textos escritos, orais e multissemióticos e de sua interpretação, sendo exemplos as leituras para: fruição estética de textos e obras literárias; pesquisa e embasamento de trabalhos escolares e acadêmicos; realização de procedimentos; conhecimento, discussão e debate sobre temas sociais relevantes; sustentar a reivindicação de algo no contexto de atuação da vida pública; ter mais conhecimento que permita o desenvolvimento de projetos pessoais, dentre outras possibilidades. (BRASIL, 2017, p. 71)

Verificamos, enquanto professores de Língua Portuguesa, que parte significativa de nossos alunos demonstra desinteresse e indiferença pela leitura, especialmente a literária. Embora Marisa Lajolo afirme sobre a importância do ato da leitura que:

Lê-se para entender o mundo, para viver melhor. Em nossa cultura, quanto mais abrangente a concepção de mundo e de vida, mais intensamente se lê, numa espiral quase sem fim, que pode e deve começar na escola, mas não pode (nem costuma) encerrar-se nela. (1993, p. 7)

Diante desse cenário, com motivação no 9º ano do Ensino Fundamental de uma escola da rede pública estadual situada na cidade de Iepê — SP, esta pesquisa¹ tem por objetivo promover o letramento literário visando tornar o ensino de literatura uma prática significativa, por meio da leitura de textos literários e do diálogo com a história local.

¹ Esclarecemos que devido ao contexto atual da pandemia de COVID - 19, a turma VI do Programa de Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS) foi dispensada de realizar a aplicação da proposta em sala de aula, uma vez que as aulas encontram-se suspensas. Dessa forma, o trabalho apresenta uma proposta para aplicação futura. A resolução número 003/2020, de 02 de junho de 2020, elaborada pelo conselho gestor, rege a dispensa.

Esperamos criar condições para que, durante a leitura de uma obra literária, os alunos possam lançar um olhar diferenciado para a realidade que nos cerca, que vejam com certa literariedade o que acontece em nosso cotidiano.

Entre os objetivos desta pesquisa² está o de incentivar os alunos, por meio das propostas de letramento literário, a buscar suas memórias e suas raízes históricas.

Assim, considerando a importância da leitura para a formação do sujeito, este trabalho visa a contribuir para despertar o prazer nos alunos do Ensino Fundamental II pelos textos literários. Nossa proposta se justifica, pois de acordo com Mortatti:

Ao longo de todo esse processo escolar, o ensino de língua portuguesa deve se basear na diversidade de tipos e modalidades de textos, privilegiando a leitura de textos literários, mesmo não constando, nos currículos do ensino fundamental e do ensino médio, disciplina com denominação “literatura”³ ou “literatura infantil e juvenil”. No sentido que lhes atribuo, trata-se, portanto, de matérias de ensino correlacionadas e inseparáveis. (2014, p. 8)

No que diz respeito ao estudo de literatura, a fundamentação teórica desta dissertação, inicialmente, está pautada em Candido (1972; 1992; 2003; 2017), e em Cosson (2018), no tocante ao conceito de letramento literário. Mais especificamente, no trabalho intitulado *A literatura e a formação do homem*, Antonio Candido concebe a literatura como força humanizadora, não como sistema de obras. Para Candido (1972, p. 803), “a literatura tem a capacidade de confirmar a humanidade do homem.” Isto porque a literatura é um modo de conhecimento do mundo e do homem e nos leva à reflexão, ela atua sobre nós.

Entre suas funções, Candido (1972) afirma serem estas: satisfazer à necessidade universal de fantasia; contribuir para a formação da personalidade; conhecimento de mundo; conhecimento do ser.

Nesse sentido, dialogamos com o crítico literário, visto que, a partir da leitura do texto literário *Filosofias de Vó Maria: Crônicas de um Cotidiano Caboclo* — uma obra local —, o aluno pode ter a oportunidade de expressar-se, de demonstrar emoções, de conhecer a visão de mundo de outras pessoas. Também, em consonância com Rildo Cosson, acreditamos que:

O segredo maior da literatura é justamente o envolvimento único que ela nos proporciona em um mundo feito de palavras. O conhecimento de como esse mundo é articulado, como ele age sobre nós, não eliminará seu poder, antes o fortalecerá

² Aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), sob o Parecer de nº 3.996.367, em 29 de abril de 2020.

³ Na Rede Pública Paulista não há uma disciplina denominada “Literatura”, porém, é comum nas escolas da Rede Particular de Ensino a divisão da disciplina de Língua Portuguesa com frentes de Literatura, Gramática e Redação, no Ensino Médio.

porque estará apoiado no conhecimento que ilumina e não na escuridão da ignorância. (2018, p. 29)

A esse respeito, interessa-nos apresentar a percepção que os alunos poderão ter de uma obra local, como a significam e ressignificam, de acordo com sua prática social. Ressaltamos, nesse ponto, a afirmação de Candido (2017, p. 182), de que “As produções literárias, de todos os tipos e todos os níveis, satisfazem necessidades básicas do ser humano”. Desse modo, o autor nos apresenta a literatura como indispensável ao ser humano, assim como a alimentação ou o sono. Ela tem, portanto, uma função social, política, uma vez que nos é apresentada como um direito.

A proposta se constitui de uma sequência de atividades que priorizaram a prática de leitura e interpretação de textos literários, de acordo com os fundamentos do letramento literário de Cosson (2018), direcionada ao 9º ano do Ensino Fundamental de uma escola estadual, tendo por base o livro *Filosofias de Vó Maria: Crônicas de um Cotidiano Caboclo*, de Nê Sant’Anna (2017), autora iepense, a qual também atua desenvolvendo projetos de incentivo à leitura e à escrita e que, a partir de sua memória afetiva, recriou por meio de crônicas as histórias de sua avó, a qual não conheceu.

Reconhecemos, nesse ponto, que o trabalho apresenta um contexto muito particular, uma obra local, a cidade de Iepê, o que poderia ser uma limitação. Porém, destacamos que embora a obra seja específica, singular e trate da cultura local, o trabalho proposto também aborda questões importantes para a formação do leitor, as quais possibilitam ao aluno desenvolver competências gerais, repertório cultural, pensamento crítico e criativo, que lhe seriam úteis em outros contextos, e isso é que constitui, essencialmente, o letramento.

Este trabalho, no contexto do Programa PROFLETRAS (Mestrado Profissional em Letras/CAPES), busca motivar a participação dos discentes em atividades de leitura, a fim de proporcionar uma ampliação de repertório que pode ser adquirido diante de novos textos. Por meio da leitura, somos capazes de apreender o mundo que nos cerca, podemos refletir sobre quem somos, dialogar com nossas raízes.

Lajolo (1993, p. 105) salienta que a literatura constitui modalidade privilegiada de leitura, em que a liberdade e o prazer são virtualmente ilimitados. Desta forma, acreditamos que a obra selecionada para esta pesquisa permite ao aluno deliciar-se com as crônicas de Nê Sant’Anna, visto que nelas se encontram fatos pitorescos e hilários de outro tempo da cidade de Iepê — SP.

Segundo Cosson (2018, p. 93), a literatura deve ser ensinada para garantir sua função essencial de construir e reconstruir a palavra que nos humaniza. Assim, por meio da literatura vamos alterando a maneira pela qual vemos o mundo e também a nós mesmos.

A proposta de letramento literário justifica-se pelo entendimento de que, segundo Cosson (2018), ele é fundamental no processo educativo, para que se vá além da simples leitura, ou seja, da leitura de decodificação, de compreensão, de localização de dados explícitos. Afinal, por meio dele, busca-se uma formação que leve o leitor a produzir leituras que sejam significativas para ele.

A importância do letramento literário a partir da reflexão da obra *Filosofias de Vó Maria: Crônicas de um Cotidiano Caboclo*, de Nê Sant'Anna (2017), encontra-se no fato de que por ela perpassam temas que retratam o passado local, a cidade de Iepê — SP, mas também outros temas que dialogam com o presente, sinalizando para uma cultura de paz, que é o alicerce da cidade, a liberdade religiosa, também a identidade cabocla.

Acrescenta-se, ainda, que, após perseguições e preconceitos por parte de um grupo de pessoas, a cidade foi fundada em 1923, firmada também em ideais de igualdade, valorização da educação, respeito e direitos para todas as pessoas. Isso é perceptível em pelo menos duas crônicas da obra de Nê: *Água do Sovaco* (2017, p. 8-9) e em *O nascimento de Iepê: uma cidade sertaneja* (2017, p. 46- 48).

As crônicas presentes na obra de Nê Sant'Anna (2017) são pitorescas, divertidas, inusitadas e criativas. Propiciam uma leitura agradável, prazerosa, e também nos permitem revisitar nosso passado histórico. Elas tornam públicas muitas lembranças sobre o modo de viver do século passado, na cidade de Iepê, dando oportunidade aos leitores de apreciarem o resgate da história do lugar onde vivem.

Justamente, Cosson afirma que o ato de ler implica:

[...] troca de sentidos não só entre o escritor e o leitor, mas também com a sociedade onde ambos estão localizados, pois os sentidos são resultado de compartilhamento de visões do mundo entre os homens no tempo e no espaço. (2018, p. 27)

Por meio das narrativas, os alunos do 9º ano podem ter a oportunidade de revisitar o passado local e, a partir dele, refletir sobre como estão construindo sua própria história.

A escola em que atuamos, a E. E. Antonio de Almeida Prado, atende cerca de 800 alunos de Ensino Fundamental, do Ensino Médio e da Educação de Jovens e Adultos. A clientela dessa instituição é heterogênea, principalmente pelo fato de a escola ser a única da cidade a oferecer as modalidades de Ensino Fundamental II e Ensino Médio. Essa

heterogeneidade gera desafios à equipe escolar, no sentido de buscar caminhos que possam suprir as fragilidades de muitos estudantes em situação de vulnerabilidade, muitas vezes por conta de sua situação socioeconômica, e, por outro lado, valorizar as potencialidades desses alunos e de tantos outros que apresentam situações distintas.

Salientamos que seus alunos vêm de diferentes realidades: muitos da zona rural, outros da zona urbana; uns de classe social desfavorecida; outros da classe média baixa, assim como da classe média alta. É na escola que alguns estudantes têm a oportunidade de assistir a peças de teatro, de fazer viagens de curta distância e conhecer o cinema, por exemplo, e de entrar em contato com a literatura.

Este trabalho divide-se em três capítulos. No primeiro, abordamos o gênero textual crônica e sua relevância no universo escolar, os aportes teóricos que embasam nossa pesquisa e também a questão do letramento literário.

O segundo capítulo apresenta a cidade em que o trabalho se desenvolveu, sua fundação. Também, contextualiza a autora com a qual trabalhamos e discorre sobre as crônicas que compõem a obra eleita como objeto de estudo, destacando que a construção da cidade foi concebida de maneira coletiva, tendo como pilares a inclusão e o acolhimento. A obra selecionada nos apresenta e nos faz refletir sobre o modo como viviam nossos antepassados em Iepê — SP nos primórdios do século XX a partir de um olhar bem-humorado e sensível de Nê Sant'Anna.

No terceiro capítulo, apresentamos os pressupostos metodológicos que nortearam nossa pesquisa, à luz de Cosson (2018), Paulino e Cosson (2009) e Ferreira e Remenche (2015), autores que discutem o letramento literário, e elaboramos uma sequência de atividades, de acordo com a sequência básica proposta por Cosson (2018), voltada ao 9º ano do Ensino Fundamental.

Por fim, apresentamos as considerações finais que amarram todos os capítulos, assim como os encaminhamentos futuros da pesquisa, que prevê aplicação prática em sala de aula. Por esse motivo, no apêndice, disponibilizamos um Suporte Pedagógico direcionado ao professor, no intuito de orientá-lo na aplicação das atividades que sugerimos.

Capítulo 1 – O gênero textual *crônica*

Do olhar lançado para fora de si, onde estão os assuntos que merecem uma crônica.

Fernando Sabino

A crônica é um gênero textual que retrata com leveza os acontecimentos do cotidiano, possibilitando ao cronista registrar suas opiniões, suas vivências, assim como lançar sobre estes acontecimentos um olhar ora de reflexão, ora de crítica, e até mesmo de humor, como uma caricatura da realidade.

Além disso, a crônica está muito presente em nossa tradição literária e tem grande circulação nas práticas escolares, pois é um texto breve que cabe no tempo da aula, tem linguagem acessível, é leve para a leitura.

Para este estudo, optamos pelo entendimento da concepção de crônica em seu sentido mais atual, ou seja, entendendo-a como gênero jornalístico, que rompeu os limites da página de um jornal e acabou perdurando nas páginas dos livros, convertendo-se em gênero literário e não apenas como compilação de fatos históricos apresentados segundo a ordem de sucessão no tempo, por exemplo, o registro dos atos dos reis, desde o início da Era Cristã, como nos apresenta Costa (2020).

Isto porque, na contemporaneidade, observamos que o gênero textual crônica cada vez mais tem circulado não somente em jornais, mas em diversas mídias, como revistas, blogs, livros e inclusive nas redes sociais.

A respeito do suporte deste gênero, Candido (2003) assinala que “quando passa do jornal ao livro, nós verificamos meio espantados que a sua durabilidade pode ser ainda maior”.

Como a crônica tematiza o cotidiano com suas relações humanas, sua leitura nos põe como observadores de coisas que tantas vezes passam de modo despercebido aos nossos olhos.

Conforme Sá (1987):

[...] a aparência de leveza da crônica revela, quase sempre, o acontecimento captado sob a forma de uma reflexão, mesmo quando se trata de alguma coisa afetivamente ligada só ao escritor. (1987, p. 57)

Nesse sentido, é interessante ressaltar que, na obra *Filosofias de Vó Maria: Crônicas de um Cotidiano Caboclo*, Nê Sant’Anna (2017), por meio de suas crônicas, convida os

leitores a serem observadores dos costumes e das relações sociais estabelecidas em Iepê — SP, no início do século XX, como se eles voltassem no tempo enquanto saboreiam os textos. Destacamos que na obra as crônicas partem desse contexto particular, porém alcançam o sentido universal se pensarmos que nesse gênero textual observamos frequentemente que a interpretação do cotidiano se dá também por meio da criação de cenas e cenários que o compõem, resultando em uma nova leitura dos acontecimentos.

O vocábulo “crônica”, etimologicamente, está associado a *khrónos*, nome atribuído ao deus da mitologia grega relacionado ao tempo (NERY, 2010). Por abordar temas do cotidiano, da vida diária, a preocupação com o momento, o gênero recebeu este nome.

“*Chronica*” era a palavra utilizada pelos antigos romanos para o registro de eventos históricos, na ordem cronológica em que aconteciam, sem que houvesse a necessidade de aprofundamento.

Para Costa (2020, p. 92), em relação ao estilo, a crônica, geralmente é um texto curto, breve, simples, de interlocução direta com o leitor, com marcas bem típicas da oralidade. Ainda na obra *O dicionário de gêneros textuais* (2020), o autor afirma que “originalmente a crônica limitava-se a relatos verídicos e nobres [...], pois tratava-se da compilação de fatos históricos apresentados segundo a ordem de sucessão no tempo, como o dia a dia da corte, as histórias dos reis [...] etc.”

Sobre a evolução do gênero crônica, Costa (2020) pontua:

Mais tarde, entretanto, grandes escritores, a partir do século XIX passam a cultivá-la, refletindo com argúcia e oportunismo, a vida social, a política, os costumes, o cotidiano, etc. do seu tempo em livros, jornais e folhetins. Contemporaneamente, no jornalismo, em coluna de periódicos, assinada, pode vir em forma de notícias, comentários, algumas vezes críticos e polêmicos, abordando temas ligados a atividades culturais (literatura, teatro, cinema, etc.), políticas, econômicas, de divulgação científica, desportivas, etc. Atualmente também abrange o noticiário social e mundano. Conforme a esfera social que retrata, recebe o nome de crônica literária, policial, esportiva, política, jornalística, etc. (2020, p. 92)

O autor acrescenta que, em relação aos motivos que compõem os temas de uma crônica, estes são, na maior parte, extraídos do cotidiano imediato, de uma cena corriqueira, de um fato miúdo.

Sá (1987) aponta que a carta de Pero Vaz de Caminha, uma crônica, marcou o início de nossa história literária. A carta foi escrita na época do descobrimento do Brasil e, nela, Caminha narrava ao rei de Portugal, Dom Manuel, o que os portugueses haviam encontrado nas terras recém-descobertas. Nessa narrativa, Caminha discorria sobre fatos do cotidiano,

como as vestes dos índios, seus costumes. Assim, características da crônica moderna são encontradas na carta do escrivão da armada de Pedro Álvares Cabral.

Sá (1987) sobre a *Carta de Achamento do Brasil* e seu escritor afirma:

[...] o texto de Caminha é criação de um cronista no melhor sentido literário do termo, pois ele recria com engenho e arte tudo o que ele registra no contato direto com os índios e seus costumes, naquele instante de confronto entre a cultura europeia e a cultura primitiva. (1987, p. 5)

Para Arrigucci Jr. (2001, p. 52), a relação estabelecida entre a crônica e a história se dá pela sua capacidade de constituir-se como “testemunho de uma vida, o documento de toda uma época ou um meio de se inscrever a história no texto”.

Sá (1987), na obra *A crônica*, discorre que ao longo dos séculos o conceito de crônica foi sofrendo modificações e se flexibilizando, aproximando-se inclusive de outros gêneros. Em dado momento, o autor afirma ser a crônica também literatura.

Na crônica, embora não haja a densidade do conto, existe a liberdade do cronista. Ele pode transmitir a aparência de superficialidade para desenvolver o seu tema, o que também acontece como se fosse “por acaso”. No entanto o escritor sabe que esse “acaso” não funciona na construção de um texto literário (e a crônica também é literatura), pois o artista que deseje cumprir sua função primordial de antena do seu povo, captando tudo aquilo que nós outros não estamos aparelhados para apreender, terá que explorar as potencialidades da língua[...] (1987, p. 9-10)

Visto desta maneira, observamos que a crônica moderna foi se libertando de seu caráter apenas histórico e ganhando matizes mais literários. Davi Arrigucci Jr. (1987), em relação à crônica, nos alerta que:

[...] seria injusto reduzi-la a um apêndice de jornal, pelo menos no Brasil, onde dependeu na origem da influência europeia, alcançando logo, porém, um desenvolvimento próprio extremamente significativo. (1987, p. 53)

Este apontamento nos mostra que a crônica agradou aos brasileiros e se desenvolveu muito bem por aqui. Conforme Candido (2003, p. 89), podemos dizer que “é um gênero brasileiro, pela naturalidade com que se aclimatou aqui e a originalidade com que aqui se desenvolveu”.

Ainda que dado como um “gênero menor”, se retornarmos aos estudos de Candido (2003), observamos que o autor tem uma visão otimista acerca da crônica, pois encontraremos elogios do crítico aos traços específicos para a definição do gênero: “coloquialidade da escrita”, “graciosidade”. É um gênero menor, pois, segundo o autor não se imagina uma

literatura feita de grandes cronistas, tampouco se pensaria em atribuir o Prêmio Nobel a um cronista, por melhor que fosse.

Em *A vida ao rés-do-chão*, Candido (2003, p. 89) afirma que a crônica, mesmo não sendo um gênero maior, fica perto de nós, se ajusta à sensibilidade de todo dia. Para ele:

Na sua despreensão, humaniza; e esta humanização lhe permite, como compensação sorradeira, recuperar com a outra mão uma certa profundidade de significado e um certo acabamento de forma, que de repente podem fazer dela uma inesperada embora discreta candidata à perfeição. (2003, p. 89)

Ainda sobre o gênero, Candido (2003) considera que ela mostra no miúdo uma grandeza, uma beleza. Para o autor ela é uma amiga da verdade e da poesia nas suas formas mais diretas. Ele destaca ainda que a linguagem deste gênero se tornou mais leve, mais descompromissada e penetrou poesia adentro.

Atualmente a crônica é reconhecida como um gênero literário e transita entre o jornalismo e a literatura, sendo capaz de se prender à realidade ou à fantasia, mas também pode se mover, se misturar nesses dois universos. Conforme afirma o crítico Massaud Moisés (1974, p. 133), a crônica é um gênero híbrido que vive na tensão entre o literário e o jornalístico, mistura ficção e realidade, informação e lirismo, “estimula a veia poética do escritor.” O autor destaca:

[...] classifica-se como expressão literária híbrida, ou múltipla, de vez que pode assumir a forma de alegoria, necrológio, entrevista, invectiva, apelo, resenha, confissão, monólogo, diálogo, em torno de personagens reais e/ou imaginárias, etc. (1974, p. 133)

Por sua vez, em *Crônicas escolhidas* (1994, p. 10), Machado de Assis discorre sobre a origem da crônica da seguinte maneira:

Não posso dizer positivamente em que ano nasceu a crônica; mas há toda a probabilidade de crer que foi coetânea das primeiras duas vizinhas. Essas vizinhas, entre o jantar e a merenda, sentaram-se à porta, para debicar os sucessos do dia. Provavelmente começaram a lastimar-se do calor. Uma dizia que não pudera comer ao jantar, outra que tinha a camisa mais ensopada do que as ervas que comera. Passar das ervas às plantações do morador fronteiro, e logo às tropelias amatórias do dito morador, e ao resto, era a coisa mais fácil, natural e possível do mundo. Eis a origem da crônica. (1994, p. 10)

Assim, Machado nos apresenta o gênero destacando seus atributos tais como a leveza, a naturalidade, a trivialidade, o tom corriqueiro.

Para Arrigucci, a crônica:

Trata-se de um relato em permanente relação com o tempo, de onde tira, como memória escrita, sua matéria principal, o que fica do vivido[...] (1987, p. 51).

A crônica literária, conforme Ferreira et al. (2015), apresenta elementos fundamentais que a caracterizam, tais como: brevidade, diálogo com o leitor, subjetividade, em um processo, por meio do qual, privilegia-se a literariedade do texto.

A partir de todas essas considerações, observamos que a crônica é um gênero híbrido, visto que transita entre o jornalismo e a literatura, é breve, pode relacionar-se à história, mistura ficção e realidade, e é tecida sob o olhar do cronista que, com um toque de imaginação, lança seu olhar sobre as coisas mais triviais em nosso cotidiano.

As crônicas de Nê Sant'Anna (2017) provêm da oralidade, de suas memórias de causos e resgates de histórias que ouviu no meio em que cresceu. Desse modo, aproximam-se das classificações de Antonio Candido (1992), ao afirmar que muitas crônicas se assemelham a:

- (1) Diálogo: quando há conversa do cronista com seu interlocutor imaginário;
- (2) Conto: quando é apresentada em histórias curtas; possui unidade de ação, tempo e espaço;
- (3) Exposição Poética: quando há divagação, de forma lírica, sobre um fato ou personagem;
- (4) Anedota: quando são semelhantes a piadas desdobradas;
- (5) Biografia Lírica: aquela que narra, de forma poética, a vida de alguém.

No capítulo 2, analisamos as crônicas de Nê Sant'Anna (2017), seguindo essa classificação de Candido (1992).

1.1 A crônica no universo escolar

Sabemos que a crônica é um gênero textual bastante presente nos materiais didáticos e nas práticas escolares, tanto no Ensino Fundamental II, quanto no Ensino Médio. Elegemos como público-alvo o 9º ano do Ensino Fundamental II, pois entendemos que a discussão sobre as crônicas que compõem a obra possa ser mais produtiva a partir desta faixa etária, uma vez que os alunos têm mais maturidade para perceber a relação entre a história e a literatura, para refletir sobre os temas presentes nas narrativas e desenvolver o senso crítico.

O trabalho com esse gênero está previsto no Currículo Oficial do Estado de São Paulo, nos livros didáticos, nos diversos materiais de apoio ao trabalho docente, inclusive no material da Olimpíada de Língua Portuguesa, intitulado *Escrevendo o Futuro*. Cabe ressaltar que a Olimpíada de Língua Portuguesa é um concurso de produção de textos para estudantes de escolas públicas de todo o país. Nela, alunos desde o 5º ano do Ensino Fundamental até o 3º ano do Ensino Médio são desafiados (nas categorias de escrita de poema, crônica, artigo de opinião, memórias literárias e produção de documentários) a discutirem o tema *O lugar onde vivo*, recorrente em todas as edições da Olimpíada. Convém notar, nesse ponto, que nossa pesquisa dialoga tanto com o Currículo Oficial do Estado de São Paulo, quanto com a Olimpíada de Língua Portuguesa, à medida que traz para a sala de aula a reflexão sobre o gênero textual crônica. Procuramos, ainda, ir além: intencionamos sensibilizar o aluno a entrar em contato com a história do lugar onde vive, revivendo, por meio da leitura, cenas do cotidiano de tempos atrás.

Na escola em que atuamos, o livro didático adotado como material de apoio para o Ensino Fundamental II é o *Tecendo Linguagens* (2018), de Tania Amaral Oliveira e Lucy Aparecida Melo Araújo. O livro está em consonância com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) no que tange à organização de sua proposta didática e pedagógica. O gênero textual crônica aparece na unidade 3 (9ºano) em que se discute *As várias faces do preconceito*. As autoras buscam fazer um diálogo entre a crônica, o gênero poema e um texto informativo. No material, o gênero é abordado pensando-se em seus aspectos formais, na análise dos elementos da narrativa, no registro linguístico utilizado, na análise comparativa entre as ideias presentes na crônica e outros gêneros textuais com os quais dialoga.

Já no material de apoio enviado aos alunos do 9º ano, intitulado *SP faz escola, caderno do aluno do 1º bimestre*, o gênero aparece dentro de uma sequência de atividades. Solicita-se ao aluno, como se fosse um convite, que escreva uma crônica a partir do texto de Machado de Assis, *Balas de Estalo*, também pertencente ao mesmo gênero textual. Pede-se para que haja intertextualidade. As questões transitam sobre o tema do texto, que trata do comportamento que deve ter um indivíduo em determinado meio de transporte, o tipo de linguagem utilizada, a busca pelas características literárias do texto.

No novo Currículo Oficial do Estado de São Paulo (2019), encontramos como competência específica de Língua Portuguesa para o Ensino Fundamental:

Envolver-se em práticas de leitura literária que possibilitem o desenvolvimento do senso estético para fruição, valorizando a literatura e outras manifestações artístico-

culturais como forma de acesso às dimensões lúdicas, de imaginário e encantamento, reconhecendo o potencial transformador e humanizador da experiência com a literatura. (p. 109)

Nesse sentido, há um diálogo do material didático e dos documentos oficiais com Candido, no tocante à função humanizadora da literatura, visto que, segundo o autor, ela humaniza porque faz viver, faz refletir e concede boa disposição para com o próximo. No ensaio *O direito à literatura*, Candido assevera:

Entendo aqui por *humanização* (já que tenho falado tanto nela) o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. (2017, p. 182)

Acreditamos ser possível, por meio da leitura de crônicas, o acesso do aluno ao universo da fruição, sua transformação em um ser reflexivo, protagonista. Sobre o gênero, Candido afirma que:

[...] na crônica, tudo é vida, tudo é motivo de experiência e reflexão, ou simplesmente de divertimento, de esquecimento momentâneo de nós mesmos a troco do sonho ou da piada que nos transporta ao mundo da imaginação. Para voltarmos mais maduros à vida [...] (2003, p. 90)

Sendo assim, podemos usufruir da crônica como um importante recurso pedagógico, capaz de contribuir para que o aluno seja introduzido no universo da leitura de forma prazerosa e, no caso específico de nosso contexto, venha a desfrutar as manifestações culturais do local onde vive.

A esse respeito, encontramos como uma das competências da BNCC, reiteradas pelo Currículo Paulista:

Valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, e também participar de práticas diversificadas da produção artístico-cultural. (2019, p. 29)

Desse modo, a escolha do gênero crônica justifica-se nesta proposta, uma vez que na obra selecionada suas crônicas dialogam de forma direta com o local onde vivem os alunos, propiciando-lhes conhecer um pouco do passado de Iepê — SP.

Além disso, a crônica é capaz de chamar a atenção do leitor por meio de títulos sugestivos, engraçados, curiosos, pitorescos, sensibilizando-o e ao mesmo tempo divertindo-

o, como notamos em: *Viúvo é o defunto, Eu embarco no arroz com feijão, Se morrer, tirem retrato, A “lógica naturar”*.

Cabe dizer que o gênero também pode funcionar como uma maneira de introduzir o discente no mundo da literatura, levando-o à reflexão de temas diversos, inclusive aprimorando seu senso crítico. Sobre a leitura, a educadora Delia Lerner, argumenta:

Ler é entrar em outros mundos possíveis. É indagar a realidade para compreendê-la melhor, é se distanciar do texto e assumir uma postura crítica frente ao que se diz e ao que se quer dizer, é tirar carta de cidadania no mundo da cultura escrita. (2002, p. 73)

A esse respeito, salientamos que pela leitura das crônicas presentes em *Filosofias de Vó Maria: Crônicas de um Cotidiano Caboclo* (2017), é possível partir de um contexto particular, de uma obra local, e adentrar ao contexto geral ao se refletir sobre questões básicas da vida humana como a morte, a vida e a importância de deixarmos um legado, de acolhermos o próximo, o medo, os comportamentos sociais, a importância da conciliação, o respeito às diferenças, a cultura do acúmulo de bens, o amor.

Acrescentamos que Candido considera importante a inclusão da crônica no processo de ensino e sobre isso atesta:

Quando vejo que os professores de agora fazem os alunos lerem cada vez mais as crônicas, fico pensando nas leituras do meu tempo de secundário. Fico comparando e vendo a importância deste agente de uma visão mais moderna na sua simplicidade reveladora e penetrante. (2003, p. 89)

O autor ainda acrescenta que nela, “[...] vê-se a quebra de artifício, o processo de busca de oralidade na escrita”. Chamamos a atenção para o fato de que, a partir do trabalho com as crônicas, podemos abordar uma linguagem menos rebuscada em sala de aula, mais informal, porém reveladora se considerarmos a habilidade do cronista no trato com as palavras e o trabalho estético que realiza nas narrativas.

A partir dessas considerações, não podemos negar a relevância desse gênero textual para a formação do público leitor, nem sua importância para a literatura brasileira, visto que serviu outrora à documentação do tempo e dos fatos passados, mas com uma pitada de fantasia, de literariedade, fisingando o leitor pela curiosidade presente nos títulos, pelo prazer de reviver, por meio da arte da palavra, as cenas do cotidiano.

1.2 Algumas notas sobre o letramento

Ler é algo essencial na nossa sociedade, visto que grande parte das atividades que realizamos passam, impreterivelmente, por algum tipo de leitura ou escrita. Assim, ler é uma competência cultural bastante prestigiada pelo ser humano.

Nesse sentido, Mortatti, na obra *Educação e letramento*, declara:

Saber ler e escrever, saber utilizar a leitura e a escrita nas diferentes situações do cotidiano são, hoje, necessidades tidas como inquestionáveis tanto para o exercício pleno da cidadania, no plano individual, quanto para a medida do nível de desenvolvimento de uma nação, no nível sociocultural e político. (2004, p. 15)

Mortatti nos informa, ao prosseguir refletindo sobre o tema letramento, que esta palavra começou a ser utilizada pelos pesquisadores pertencentes às áreas de Educação e Linguística, no Brasil, nos anos de 1980 e, que paulatinamente o termo foi adentrando em outros lugares da sociedade.

Sobre o uso da palavra letramento, a estudiosa nos esclarece que Mary Kato teria sido a primeira a usá-la na apresentação de um de seus livros, *No mundo da escrita: uma perspectiva psicolinguística*, lançado em 1986, o qual tratava de questões referentes à aprendizagem escolar infantil.

De acordo com a autora, o termo surgiu a partir de “*literacy*”, palavra inglesa que foi traduzida por “alfabetização” e, posteriormente por “alfabetismo” até a década de 1990. Além disso, no *Dicionário de alfabetização*, encontramos a seguinte definição do termo:

A palavra em inglês, *literacy*, deriva do latim *litteratus*, que, à época de Cícero, significava “um erudito”. No início da Idade Média, o *litteratus* (em oposição ao *illiteratus*) era uma pessoa que sabia ler em latim. [...] De acordo com o *Oxford English Dictionary*, o substantivo *literacy* apareceu pela primeira vez na língua inglesa no começo da década de 1880, formado a partir do adjetivo *literate*, que, na metade do século XV, já ocorria na escrita da língua inglesa. Em seu uso corrente, o termo pressupõe uma interação entre exigências sociais e competências individuais. Assim, os níveis de [letramento] necessários ao funcionamento social devem variar e, de fato, têm variado de uma cultura para outra e, dentro da mesma cultura, de uma época para outra. (1999, p. 153)

Cabe dizer que a autora salienta que a escola tem papel fundamental em propiciar oportunidades para que os alunos se desenvolvam e alcancem o letramento. A esse respeito, Mortatti, ao discutir o letramento, assevera:

[...] este está relacionado com a aquisição, utilização e funções da leitura e escrita em sociedades letradas, como habilidades e conhecimentos que precisam ser ensinados e aprendidos, estando relacionado também com a escolarização e a

educação e abrangendo processos educativos que ocorrem em situações tanto escolares quanto não escolares. (2004, p. 11)

Por sua vez, Ângela Kleiman (1995) esclarece o termo letramento como sendo “um conjunto de práticas sociais que utilizam a escrita, enquanto sistema simbólico e enquanto tecnologia, em contextos específicos, para objetivos específicos”. Para a autora, o letramento é um fenômeno amplo que não está apenas restrito ao sistema escolar.

Partindo dessas considerações, tanto de Mortatti (2004), quanto de Kleiman (1995), podemos perceber que o entendimento do termo letramento é amplo, complexo, e vai muito além do alfabetizar. Ele não se dá somente no espaço escolar, nem ocorre num tempo estipulado, determinado, mas sim num movimento contínuo, por toda a nossa vida.

No artigo *Letramento na contemporaneidade*, Kleiman (2014, p. 89) é taxativa ao afirmar que “Na contemporaneidade, o letramento torna-se um vetor para a constituição de um sujeito livre, capaz de contribuir para as mudanças sociais”.

A autora ainda atesta ser fundamental à escola inserir na prática de leitura não somente os textos clássicos, mas também aqueles de uso cotidiano, a fim de tornar-se menos elitista e autoritária.

Acrescentamos ainda que, de acordo com Magda Soares (2012, p. 66), letramento engloba “Práticas estas mais avançadas e complexas do que aquelas do ler e do escrever, resultantes da aprendizagem simplificada do sistema de escrita – a chamada alfabetização”.

Desse modo, podemos deduzir que, na contemporaneidade, não basta ser alfabetizado, pois é necessário ir além da decodificação de sons e letras, e interagir com o mundo em diferentes contextos sociais, nos quais a leitura e escrita se fazem presentes.

Percebemos que o letramento excede os domínios da instituição escolar e esse processo se dá durante todo o transcorrer da vida do indivíduo; é uma competência que se vai construindo no dia a dia, a partir de nossas experiências.

1.3 Letramento literário

O letramento, por ser um tema de natureza complexa, não pode ser tratado no singular, visto que há uma pluralidade de letramentos, tais como o digital, o escolar, o jurídico, o midiático e, dentre tantos outros, encontra-se nosso objeto de pesquisa, o letramento literário.

Lajolo (1993, p. 7) afirma que “Ninguém nasce sabendo ler: aprende-se a ler à medida que se vive”. Isto é, o ser humano, no decorrer de sua existência, a partir das coisas que vivencia vai ampliando suas possibilidades em relação à leitura.

Para a autora,

Lê-se para entender o mundo, para viver melhor. Em nossa cultura, quanto mais abrangente a concepção de mundo e de vida, mais intensamente se lê, numa espiral quase sem fim, que pode e deve começar na escola, mas não pode (nem costuma) encerrar-se nela.” (LAJOLO, 1993, p. 7)

Nesse contexto, observamos que a leitura deve se fazer presente nas práticas escolares e é dever nosso, enquanto professores, estimulá-la, para que se torne um hábito entre os alunos.

Cosson (2018, p. 29) assevera que “se quisermos formar leitores capazes de experimentar toda a força humanizadora da literatura, não basta apenas ler”. Para ele, o letramento literário é uma prática social de responsabilidade da escola. A esse respeito, o autor sustenta o seguinte:

[...] o processo de letramento que se faz via textos literários compreende não apenas uma dimensão diferenciada do uso social da escrita, mas também, e, sobretudo, uma forma de assegurar seu definitivo domínio. Daí sua importância na escola, ou melhor, sua importância em qualquer processo de letramento, seja aquele oferecido pela escola, seja aquele que se encontra difuso na sociedade. (2018, p. 12)

Ao abordar o letramento literário, Cosson (2018) afirma que ele se inclui no plural dos demais letramentos, e é um dos usos sociais da escrita. Porém, essa relação se dá de maneira diferenciada, por conta do papel singular da literatura em relação ao ser humano. Ele esclarece:

Na leitura e na escritura do texto literário encontramos o senso de nós mesmos e da comunidade a que pertencemos. A literatura nos diz o que somos e nos incentiva a desejar e a expressar o mundo por nós mesmos. E isso se dá porque a literatura é uma experiência a ser realizada. É mais que um conhecimento a ser reelaborado, ela é a incorporação do outro em mim sem renúncia da minha própria identidade. No exercício da literatura, podemos ser outros, podemos viver como os outros, podemos romper os limites do tempo e do espaço de nossa experiência e, ainda assim, sermos nós mesmos. (2018, p. 17)

Destacamos, também, o que Paulino e Cosson (2009, p. 67) entendem por letramento literário: “o processo de apropriação da literatura enquanto construção literária de sentidos.” Nesta pesquisa, entendemos por literatura, pautando-nos em Candido, como sendo:

[...] todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura, desde o que chamamos folclore, lenda, chiste, até as formas mais complexas e difíceis da produção escrita das grandes civilizações. Vista deste modo, a literatura aparece claramente como manifestação universal de todos os homens em todos os tempos. (2017, p. 176)

Sendo assim, tomamos a literatura não somente reduzida ao sistema canônico, o de prestígio, mas também de modo mais amplo, entendendo que ela abarca as diversas manifestações literárias existentes. Assim como o cânone deve ser contemplado nas práticas escolares, as outras manifestações similarmente devem se fazer presentes, inclusive dialogando com ele, para que seja possível ampliar as possibilidades de encontro dos aprendizes com a leitura literária.

Por estar presente em toda sociedade, a literatura é um patrimônio que identifica determinado grupo de pessoas, que lhes concede uma identidade, isto porque por meio dela podemos nos expressar não somente de maneira individual, mas também coletiva, revelando as nossas emoções, os nossos pensamentos, nossa maneira de apreender o mundo que nos cerca.

Ainda tratando da literatura, Candido acrescenta:

Não há povo e não há homem que possa viver sem ela, isto é, sem a possibilidade de entrar em contacto com alguma espécie de fabulação. Assim como todos sonham todas as noites, ninguém é capaz de passar vinte e quatro horas do dia sem alguns momentos de entrega ao universo fabulado. (2017, p. 176)

Assim, cumpre-nos ressaltar a importância do texto literário para a formação do indivíduo, para que acesse conhecimentos sobre si mesmo e sobre os demais, para que adentre na linguagem complexa e humanizadora, tal qual nos apresenta Candido (2017).

Sobre sua relevância, o autor declara: “As produções literárias de todos os tipos e todos os níveis, satisfazem necessidades básicas do ser humano, sobretudo através dessa incorporação, que enriquece a nossa percepção e a nossa visão do mundo.” (CANDIDO, 2017, p. 182)

A esse respeito, corrobora Cosson (2018, p. 17) que “A experiência literária não só nos permite saber da vida por meio da experiência do outro, como também vivenciar essa experiência”.

Além disso, na obra *Círculos de leitura e letramento literário*, esse estudioso agrega à literatura novas manifestações, como observamos em:

Se pensarmos que a literatura é o uso da palavra para criar mundos ou um sentimento de mundo, correspondendo a um uso específico da palavra, valem as transformações em novas manifestações, como o cinema, a canção popular e as HQs, e os novos usos, como dados pelos jovens que se apossam da literatura para outros fins. (COSSON, 2019, p. 23)

Acrescentamos ainda, segundo Ferreira e Remenche (2015, p. 166), que “o letramento, a rigor, institui-se como espaço da inclusão de gêneros oriundos de diversos campos do conhecimento e que fazem parte do cotidiano do leitor”. Convém notar, nesse ponto, que dialogamos com os autores, visto que a escolha de *Filosofias de Vó Maria: Crônicas de um Cotidiano Caboclo* (2017), apresenta-nos não apenas o gênero textual crônica, o qual faz parte do cotidiano do leitor, mas crônicas locais, que expressam outro olhar para àqueles que vivem nesse espaço, mas muitas vezes não o veem de forma poética.

Destacamos também que, do mesmo modo que esta obra (local) traz fatos da história local (particular), outras obras literárias também trazem histórias dos locais e momentos em que foram produzidas, como observamos, por exemplo, em obras de Guimarães Rosa (*Sagarana*, 1984), Cora Coralina (*Estórias da casa velha da Ponte*, 2001) e Daniel Munduruku (*Crônicas indígenas para rir e refletir na escola*, 2020). Sendo assim, trabalhando a obra literária escolhida, embora bem particular, os alunos poderão desenvolver a percepção de que a literatura é também história, e possui um caráter universalizante.

A partir de todas essas considerações, salientamos que a escola deve reconhecer e assumir sua função de disseminadora dos letramentos, inclusive do literário, formando um aluno desenvolvido para interagir com o texto, para posicionar-se diante dele, ressignificando seus dizeres. Nesta dissertação, nosso enfoque recai sobre o letramento literário, a partir da leitura e recepção de textos dotados de esteticidade.

Para finalizarmos nossas reflexões nesse capítulo, reiteramos a ideia de que a crônica é um texto conciso, que trata de assuntos próximos do cotidiano, em tom despretensioso e leve e que pode contribuir, de maneira significativa, para o desenvolvimento da leitura literária, para a formação de novos leitores, despertando em nós a percepção de quem somos e, no caso da obra *Filosofias de Vó Maria: Crônicas de um Cotidiano Caboclo* (2017), desenvolvendo o senso de pertencimento ao lugar onde vivemos e promovendo, assim, o letramento literário, que amplia a própria noção de literatura, muitas vezes vista como mais um conteúdo curricular, desassociado da vida dos estudantes.

Capítulo 2 – Apresentação da cidade de Iepê, da autora e da obra: a literatura como expressão da cultura local

Da terra vermelha brotou uma cidade para todas as cores!
Nê Sant´Anna

2.1 O município

Nossa pesquisa foi desenvolvida no município de Iepê, Estado de São Paulo.

De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE/2020)⁴, trata-se de uma pequena cidade localizada no Oeste Paulista, com área territorial de 594,97km², e índice populacional estimado em 8194 habitantes. A seguir, pode-se visualizá-la (Figura 1):

Figura 1- Vista da cidade de Iepê — SP



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=jShWoaiO58M>

A data de fundação do Patrimônio da Liberdade, hoje Iepê, é dada em 23 de abril de 1923, devido aos anseios dos pioneiros em viver em um lugar sem preconceitos, perseguições, que tivesse como alicerces ideais de paz, governo laico e valorização da educação. Já sua oficialização, como município de Iepê, ocorreu no ano de 1990.

Francisco Severiano de Almeida, conhecido como Chico Maria, e Antonio de Almeida Prado, ambos Presbiterianos Independentes⁵, são considerados os fundadores de Iepê. Na obra

⁴ Disponível em: www.cidades.ibge.gov.br/brasil/sp/iepe/historico. Acesso em: 25 de novembro de 2020.

De Liberdade à Iepê: uma terra para todos, Sant'Anna e Rosa assim descreveram Chico Maria:

Durante o processo da fundação de Iepê exerceu as funções de idealizador, articulador, mediador político e “diplomata da paz”. Valorizava a educação, a cultura e a leitura e lutou desde que chegou à região, para a construção de uma escola que atendesse – sem nenhuma distinção – a todas as crianças. (2013, p. 92)

Antonio de Almeida Prado, reconhecido como outro fundador, foi quem doou dez alqueires de terras para que a cidade de Iepê fosse fundada. A seu respeito, Sant'Anna e Rosa declaram:

Antonio de Almeida Prado foi o doador das terras para que a cidade de Iepê pudesse existir. Sempre teve como característica a generosidade. No final de sua vida não possuía mais nenhum bem material, pois havia doado todo seu patrimônio para diversas instituições, dentre elas os terrenos para a construção do primeiro Templo da Igreja Católica em Liberdade (exemplo que não deixa dúvidas quanto à concepção libertária, ecumênica, pluralista e democrática da fundação de Iepê) e da Escola Estadual Antonio de Almeida Prado. (2013, p. 92)

Ainda de acordo com os autores, por volta de 1917 chegaram à região de Iepê, à época conhecida como sertão de Três Coqueiros, as famílias pioneiras, entre elas os Sant'Anna, os Rodrigues, os Bertholdo Vieira e os Galvão. Segundo relato de um morador descendente dos pioneiros, a presença de indígenas às vezes era notada. A esse respeito os autores salientam:

Seu Pécio também relata que após a chegada de sua família, quando seu pai, seu tio João Antonio Rodrigues e outros iam pescar no rio Paranapanema, em várias ocasiões, viram índios navegando em canoas por esse rio [...] (SANT'ANNA; ROSA, 2013, p. 89)

Em 1920, Francisco Severiano de Almeida, o Chico Maria, e Antonio de Almeida Prado se instalaram na Fazenda Patos e “encontraram no local onde seria em breve formado o Patrimônio⁶ de São Roque, alguns arranchamentos e a venda de propriedade do Sr. João Martins” (Sant'Anna e Rosa, 2013, p. 93).

Convém notar, nesse ponto que:

⁵ A Igreja Presbiteriana Independente do Brasil (IPIB) é uma igreja protestante de confissão de fé reformada, de linha calvinista, a qual apresenta, entre seus princípios fundamentais: as Sagradas Escrituras do Antigo e Novo Testamentos como única regra de fé e prática; adota o sistema doutrinário da Confissão de Fé de Westminster; a importância da fé em Jesus Cristo e o alcance de sua graça para a salvação do homem.

⁶ Termo que designa um pequeno povoado, formado por poucas construções.

Nesse cenário, onde já existiam ranchos agrupados, vendas e um fluxo de pessoas cada vez maior, surgiu naturalmente a necessidade da criação de um patrimônio, como tantos outros que brotaram nos sertões paulistas. Foi assim que aqueles pioneiros começaram a se organizar para erguer o Patrimônio, que foi batizado como São Roque. (SANT'ANNA; ROSA, 2013, p. 94)

A convivência entre os moradores transcorreu sem grandes sobressaltos nos primeiros meses de 1922. De acordo com os relatos, decidiram fazer uma eleição para que um dirigente do Patrimônio de São Roque fosse escolhido. Chico Maria recebeu 60% dos votos, porém não quis aceitar o cargo e pediu que nova eleição fosse realizada, pois dizia que os moradores não tiveram tempo necessário para pensar num candidato. Segundo Sant'Anna e Rosa:

É certo que, se nesse período houvesse algum tipo de ranço de preconceito religioso acentuado, Chico Maria não teria tido vitória na eleição, da qual participaram todos os moradores do novo patrimônio – católicos, protestantes e de outros credos. Talvez essa escolha de Chico Maria para chefe político tenha despertado sentimentos de ciúmes e cobiça pelo poder em alguns moradores do local. Para conseguir seu intento de comandar o Patrimônio de São Roque, este grupo lançou mão do argumento religioso, como uma forma de perseguir a Chico Maria e disseminar a discórdia entre os moradores do Patrimônio. (2013, p. 96)

Após essa eleição, Chico Maria ganha novamente e decide aceitar o cargo de dirigente. Chega ao Patrimônio de São Roque o Padre Joaquim Nunes de Faria, conhecido por Padre Faria e, de acordo com os autores, possivelmente, incitado por um grupo de moradores, não reconhece a eleição de Chico Maria para chefe. Ele, então, constitui uma nova comissão para dirigir o Patrimônio e, a partir daí, as perseguições religiosas têm início nesse lugar.

Após um tempo, Chico Maria almejou a construção de uma escola que pudesse oferecer educação formal a todas as crianças do Patrimônio. Porém, viu seu plano frustrado, sendo lembrado de que protestante não podia construir nem possuir nada no Patrimônio de São Roque. No relato de Sant'Anna e Rosa encontramos o seguinte trecho:

Chico Maria, numa tentativa de conciliação e acenando a bandeira da paz, propôs que, construída a escola, poderiam escolher o professor que quisessem, com a condição de poderem matricular-se, nessa escola, crianças de qualquer religião ou sem religião. Mesmo assim, sua ideia não foi aceita pelos dirigentes. Messias José de Almeida, irmão de Chico Maria, também fez uma tentativa, mas nada conseguiu, voltando horrorizado pela intransigência demonstrada durante longa conversa com os representantes do patrimônio, que permaneceram irredutíveis quanto ao projeto da construção da escola. (2013, p. 100)

A situação no local vai se agravando com outros episódios de perseguição religiosa e Chico Maria idealiza, em 1923, a fundação de um novo patrimônio, alicerçado em outros princípios, como o da tolerância a qualquer credo ou falta de credo.

Em janeiro de 1924, um caso curioso é registrado no Patrimônio de São Roque:

[...] faleceu outro filho de Júlia Almeida Ramos, José Prudenciano do Prado, mais conhecido como Quita, que tinha 17 anos e faleceu, de acordo com o relato de familiares, por problemas cardíacos. Seu falecimento ocorreu em sua casa, às 13h00 do dia 02/01/1924. Naquela tarde de quarta-feira, segundo o relato de D. Marcília de Almeida Oliveira, filha de Chico Maria, seus familiares se dirigiram aos representantes do Patrimônio de São Roque, pedindo permissão para sepultarem o jovem no cemitério local. Estes, mais uma vez, impulsionados pelo preconceito e pela intolerância, não autorizaram o enterro dentro dos limites do cemitério. Depois de muita insistência por parte dos familiares, com “muito bom arranjo”, segundo a própria expressão de D. Marcília, os dirigentes de São Roque admitiram que Quita fosse sepultado na beira da casa, mas do lado de fora do cemitério. (SANT’ANNA; ROSA, 2013, p. 100)

A partir daí, os esforços para a fundação do Patrimônio Liberdade, hoje Iepê, ganharam mais fôlego. Assim nasce Iepê, em abril de 1923, por meio da doação de dez alqueires de terras feita por Chico Maria e, no ano seguinte, as primeiras ruas dessa localidade são demarcadas.

Cumprе ressaltar, de acordo com Sant’Anna e Rosa:

A frase de Chico Maria “uma terra para todos”, quando da fundação do Patrimônio da Liberdade, expressa os sonhos, os ideais e as lutas desses dois grandes homens⁷ que com perseverança e fé deixaram como legado além de uma cidade, um patrimônio imaterial indestrutível: a efetiva possibilidade de vencer preconceitos e pacificamente conquistar e garantir a liberdade e a igualdade. (2013, p. 92)

A respeito do nome do município — agora Iepê —, outrora Patrimônio da Liberdade, os autores acrescentam:

Iepê, em Tupi-Guarani significa “uno” ou “lugar único”, mas os pioneiros achavam que significava “liberdade” e, por muitos anos, essa correspondência semântica “Iepê = Liberdade” foi repassada. Entretanto, quando se atribui também o significado de Liberdade para o nome da cidade de Iepê é em alusão ao aspecto histórico, cultural e até poético que a palavra adquiriu para expressar os motivos, ideias e ideais que levaram à sua fundação e à construção de sua identidade. No entanto, mesmo utilizando a palavra Iepê no seu significado linguístico de “lugar único”, também não fugimos de sua identidade, marcada pela singularidade e modernidade das ideias que nortearam sua fundação nos sertões paulistas do século passado. (SANT’ANNA; ROSA, 2013, p. 123)

Logo, Iepê, cidade retratada em *Filosofias de Vó Maria: Crônicas de um Cotidiano Caboclo*, de Nê Sant’Anna (2017), nasce de um projeto coletivo, com intuito de acolher, de incluir e de pôr fim aos preconceitos.

⁷ Francisco Severiano de Almeida e Antonio de Almeida Prado.

Acrescentamos, no encerramento desse tópico, um fato relevante sobre o município em termos educacionais. No ano de 2006, a cidade ganhou uma matéria, com destaque na capa da revista *Leituras*⁸, sob o título *Iepê, a cidade que lê*. A reportagem apresenta os diversos projetos de incentivo à leitura, realizados pelos professores da Escola Municipal de Educação Fundamental João Antônio Rodrigues, da Escola Estadual Antonio de Almeida Prado e a revitalização da Biblioteca Municipal. Entre os projetos, estão o *Cantinho da Leitura*, que propicia um lugar na sala de aula com estantes cheias de livros oriundos do acervo do Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE); o projeto *Sala de Leitura*, por meio do qual os alunos podem ouvir histórias contadas por uma monitora e a revitalização da Biblioteca Olavo Bilac para que se tornasse atrativa aos leitores.

Encerrada a apresentação do município, passaremos à apresentação da autora e sua obra.

2.2 A autora e sua obra

Somos frutos das histórias vividas à beira dos fogões, nos bancos das igrejas e das praças, das conversas na rua, do trabalho nos campos e nas fábricas, dos pequenos gestos e atos que, cotidianamente, construíram e constroem as cidades e o jeito de pensar e viver do povo que mora nelas.

Nê Sant'Anna

Nejme Maria Zakir Campeão, ou Nê Sant'Anna, é escritora, graduada em História e participa de inúmeros projetos de incentivo à leitura e à cultura, na cidade Iepê — SP. É filha de Ilda Sant'Anna Zakir e Adib Zakir; casada com João Campeão Júnior e mãe de Gabriel Sant'Anna Zakir Campeão. Nasceu em 06 de setembro de 1966, na cidade de Presidente Prudente — SP, pois na época não havia no município de Iepê um hospital. Porém, Nê Sant'Anna se considera uma legítima iepense e assim declara: “Sou iepense porque acredito nos ideais de liberdade, governo laico e cultura de paz, alicerces sobre os quais a cidade foi fundada.”

Membro fundador da Sociedade Amigos da Cultura de Iepê — SACI, a qual foi fundada em 2000, com a missão de produzir, incentivar e divulgar literatura, cultura e arte.

A escritora é assessora do Ponto de Cultura de Iepê: um espaço de incentivo à produção artístico-literária que semeia respeito às diversas Expressões Culturais. Também é assessora cultural do Museu Histórico da Igreja Presbiteriana Independente de Iepê — MHIPI

⁸ É uma publicação da Secretaria de Educação Básica do Ministério da Educação.

desde 1999. Vale destacar, nesse ponto, que o acervo do Museu é bastante rico, não somente para a história da IPI de Iepê, mas também para a história da cidade, visto que possui importante material fotográfico, documental e também objetos que elucidam a maneira de viver na primeira metade do século XX.

Desde os 11 anos de idade Nê Sant'Anna tem cultivado o hábito da escrita e publicou diversos livros, entre eles: *De Liberdade à Iepê: uma terra para todos* (2013), com outros autores; *InPALAVRAS!* (2016), com outros autores; *Filosofias de Vó Maria: Crônicas de um Cotidiano Caboclo* (2017); livros de poemas, como *Caneta Nova e Pensamentos Soltos* (2017); *Poesia Escondidinha* (2017); *Múltiplos Olhares* (2017); *Fragmentos das Horas Ocas na Janela* (2017) e o romance *Portal da Marambaia.com*. (2016).

Também publicou crônicas em antologias do Mapa Cultural Paulista, do CLIPP — Concurso Literário de Presidente Prudente e da Editora Novos Autores.

A autora foi vencedora do Programa Mapa Cultural Paulista, no ano de 1996, com a poesia “*Labaredas*”. Também foi premiada no VI CLIPP- Concurso Literário de Presidente Prudente, no ano de 2012, com a crônica intitulada *O velho cão*.

Assina a coluna *Múltiplos Olhares* no blog Amigos da Cultura de Iepê⁹ e posta seus textos e o que denomina InPalavras¹⁰ também nos blogs Portal da Marambaia¹¹ e Bordados do Tempo¹².

Nê Sant'Anna tem parentesco com os pioneiros sertanejos de Iepê da seguinte maneira: pelo lado materno é bisneta dos pioneiros sertanejos Antonio Engracio de Sant'Anna e Gertrudes Gonçalves Sant'Anna (conhecida como Tudinha) e do casal João Rufino Sant'Anna e Rosalina Arruda Sant'Anna, e neta de Elydio Arruda Sant'Anna e Maria Gonçalves Sant'Anna (personagem do livro de nossa pesquisa).

Por meio de relatos orais, a escritora teve acesso às histórias da avó e, por fotografias, a seus traços físicos. A respeito de sua identificação com a avó, personagem de destaque nas crônicas, Nê Sant'Anna assim escreve em *Filosofias de Vó Maria: Crônicas de um Cotidiano Caboclo*:

Não conheci vó Maria. Dela trago o segundo nome, os cabelos pretos e um olhar morteiro, herança de seus antepassados indígenas. Dela herdamos as “filosofias”, ludicamente passadas de geração a geração, em forma de parábolas hilárias, que ela

⁹ <http://www.amigosdaculturadeiepe.blogspot.com.br>

¹⁰ Expressão artística, segundo a definição de Nê Sant'Anna, que mescla livremente a poesia com outras formas de arte.

¹¹ <http://www.portaldamarambaia.blogspot.com.br>

¹² <http://www.bordadosdotempo.blogspot.com.br>

jurava serem autênticas. Imagino que, com um sorriso gostoso, admitisse aos íntimos acrescentar-lhes umas “pitadinhas de floreios”. (SANT’ANNA, 2017, p. 6)

Em 2012 a autora lançou, com a Sociedade Amigos da Cultura de Iepê, o projeto *Livro na praça* para fomentar o prazer pela leitura. Em vários locais da cidade foram deixados livros, revistas, gibis para que a população tivesse livre acesso à leitura.

No ano de 2016, a escritora participou do projeto *Meu Pequeno Autor*, junto à EMEF João Antônio Rodrigues. Nesse projeto, os alunos das séries iniciais tiveram a oportunidade de ilustrar histórias infantis escritas por Nê Sant’Anna e Paulo Fernando Zaganin Rosa, além disso tiveram seus livros publicados com direito a dia de autógrafa:

Figura 2- Olívia Alexandrelli Alves Montoia e Nê Sant’Anna



Fonte:facebook.com/pg/SociedadeAmigosDaCulturaDeIepe/photos/?ref=page_internal

Ainda no ano de 2016, a autora participou do Sarau-poético Musical, no qual foram lançados os seus livros *Portal da Marambaia.com* e *InPalavras!*, livro que segundo Nê Sant’Anna agregam 13 “poetas-arteiros” de Iepê e outras cidades.

Junto à SACI — Sociedade Amigos da Cultura de Iepê, Nê Sant’Anna atua no Projeto *Livro nas nuvens*, cujo objetivo é compartilhar livros digitais e vídeos-livros gratuitamente, por meio do blog Amigos da Cultura de Iepê¹³ e, também na página da sociedade no Facebook¹⁴.

Como forma de manter vivos os ideais sonhados quando da fundação de Iepê, desde 2012, Nê Sant’Anna, juntamente com a SACI, promove a Celebração pela Paz de Iepê, que é um evento ecumênico, no qual as igrejas católica e evangélicas se unem para fortalecer os

¹³ <http://www.amigosdaculturadeiepe.blogspot.com>

¹⁴ <https://www.facebook.com/SociedadeAmigosDaCulturaDeIepe/>

ideais dos fundadores de construção de uma cidade sem discriminação religiosa ou política, mas pautada na liberdade e igualdade.

Em 2016, na companhia de outros dois integrantes da SACI— Sociedade Amigos da Cultura de Iepê, Paulo Fernando Zaganin Rosa e Maria Bernadete de Almeida Garcia, Nê Sant´Anna participou de um documentário produzido pela Associação de Arte e Cultura Periferia Invisível, de São Paulo, no qual os projetos realizados pela SACI foram apresentados e exibidos sob o título de *Certo Olhar — SACI — Sociedade Amigos da Cultura de Iepê*.

Sempre atuante nos projetos promovidos pela SACI, junto aos outros membros da Sociedade, a escritora e seus parceiros conquistaram as seguintes premiações em concursos:

1. Prêmio Jornal da Cidadania (publicação da ONG fundada por Betinho), sediada na cidade do Rio de Janeiro, em 2004;
2. Moção de Congratulação pela Câmara Municipal de Iepê, em 2005;
3. Conquista do Ponto de Leitura em 2008, por meio do Edital do Ministério da Cultura, devido ao trabalho desenvolvido no projeto de incentivo à leitura e às artes: *Concertos de Leitura*, realizado inicialmente na EMEF João Antônio Rodrigues.

Ressaltamos, aqui, que Nê Sant´Anna desempenha, em Iepê, um importante papel no que diz respeito ao incentivo à leitura, ao resgate da memória histórica, à perpetuação dos ideais que fundaram a cidade e, a partir da sua obra, na construção de uma cultura literária local.

2.3 Apresentação e análise das crônicas

O mundo gira
Tempo e História
Movimentam a coreografia.

Nê Sant´Anna

Nesta seção analisamos as crônicas que compõem *Filosofias de Vó Maria: Crônicas de um Cotidiano Caboclo* (2017), pelo viés dos seguintes operadores da narrativa: enredo, focalização, narrador, personagem, espaço e tempo (FRANCO JR., 2009; CANDIDO, 1992).

No capítulo intitulado *Operadores de leitura da narrativa*, Arnaldo Franco Junior (2009) sintetiza conceitos-chave para a análise e interpretação de texto narrativo, a partir da tradição dos estudos acadêmicos. Entre as considerações expostas pelo teórico sobre o tema, retomamos:

-enredo: o modo como uma história é construída por meio de palavras.

-focalização: corresponde à posição adotada pelo narrador para relatar a história de seu ponto de vista. Pode ser, por exemplo, um “eu” como testemunha, adotando uma perspectiva menos exterior em relação ao fato narrado.

-narrador: é uma personagem que se caracteriza pela função de, num plano interno à própria narrativa, contar a história. É considerado narrador heterodiegético aquele que não exerce papel de personagem nas ações da história que relata. Já o narrador homodiegético é aquele que toma parte das ações da narrativa que relata, ou como uma testemunha, ou narrando a própria história, sendo então nomeado de autodiegético.

-personagem: faz parte da narrativa, por meio de suas ações e/ou estados. Classifica-se de acordo com sua importância em principal ou secundária e, de acordo com sua densidade psicológica, em plana (aquela que dispõe de pequeno grau de densidade psicológica) e redonda (aquela que apresenta alto grau de densidade psicológica; é contraditória, complexa). Quando a personagem apresenta um grau mediano de densidade psicológica, não se reduzindo totalmente à previsibilidade, é classificada como plana com tendência à redonda.

-espaço: compreende o conjunto de referências de caráter geográfico e/ ou arquitetônico que identifica o lugar onde se desenvolve a história.

-tempo: divide-se em objetivo e subjetivo. No tempo objetivo, predomina a marcação cronológica (horas, dias, meses) dos fatos; e o tempo psicológico é marcado pela experiência subjetiva das personagens, o tempo vivencial destas.

Cabe dizer que a análise da obra a partir desses aspectos não é apenas uma questão de formalidade, mas de atestar a literariedade do texto. A percepção desses elementos que compõem a obra literária contribui para o desenvolvimento da capacidade de leitura do texto literário pelos estudantes, levando-os à realização da construção dos sentidos que o texto permite, à reflexão sobre os diversos temas que perpassam as narrativas, tornando-os leitores críticos.

As apresentações seguem a mesma ordem em que os textos aparecem na obra. Notamos, em quase todas as crônicas, que há um tom poético e intimista empregado pela autora ao tratar dos assuntos. Por meio de sua produção, ela expressa sua subjetividade, faz breves reflexões sobre os temas das narrativas, trazendo o leitor para perto, como na forma de um diálogo.

Suas crônicas são pautadas na emoção, têm cunho biográfico e memorialístico. A escritora elege uma narradora feminina, que transborda, por meio da escrita, afetividade,

humor, espontaneidade, leveza e intuição. Na crônica “Legado” (2017, p. 44), fica evidente essa voz feminina que afirma ser responsável por todos os relatos da coletânea:

Comecei essas crônicas dizendo que não conheci vó Maria. Ao terminá-las, **concluo que a conheci: se não fisicamente** – que é o que menos importa – mas, através de seus *causos*, que me decifraram sua alma, sua coragem, seu jeito de encarar a vida, suas filosofias.

Penso que, de fato, isto é o que vale: deixarmos marcas para nossos filhos e, assim, mesmo depois de mortos, teremos chance de sermos conhecidos por nossa descendência, como **eu mesma** conheci minha avó. (2017, p. 44 – grifos nossos).

Para a consecução da análise das crônicas também as relacionamos às classificações de Candido (1992), anteriormente elencadas no Capítulo 1: (1) Diálogo; (2) Conto; (3) Exposição Poética; (4) Anedota; e (5) Biografia Lírica.

A primeira narrativa da obra intitula-se *Vó Maria e eu* (2017, p. 6-7). Pela abertura do relato, a voz narrativa assume identidade feminina de uma mulher adulta: “Não conheci vó Maria. Dela trago o segundo nome, os cabelos pretos e um olhar morteiro, herança de seus antepassados indígenas”. (2017, p. 6). Pelo título, notamos que a narradora se apresenta com focalização em primeira pessoa, configurando seu discurso como autodiegético. A narradora também faz um “passeio” pelo interior paulista no começo do século XX, destacando as dificuldades que nossos antepassados enfrentaram para sobreviver. De modo abreviado nos apresenta a personagem “das filosofias”, vó Maria, e divide conosco, os leitores, como essa mulher se posicionava frente aos obstáculos da vida.

Em um tom intimista, a narradora partilha suas reflexões, suas memórias e como imagina a avó. Temos aqui, seguindo a classificação de Candido (1992), um exemplo de crônica semelhante à *biografia lírica*, visto que o relato é feito com nostalgia e sentimentalismo e, também, há a exposição, de forma lírica, sobre fatos ou personagens, neste caso, a vó Maria e a própria narradora, que no tocante à habilidade da avó em contar histórias, assim escreve:

O fato é que sua competência em usar histórias para transmitir opiniões e padronizar comportamentos — à la Miss Marple¹⁵ — não se perderam no tempo. Ao contrário, meu filho de três anos sabe o que quero dizer quando ouve: “eh, Florisvaldinho!”¹⁶ ou “Mariquinha Totonha”¹⁷. (SANT’ANNA, 2017, p. 6)

¹⁵ Personagem de ficção de Agatha Christie, que atua como detetive amadora e se concentra no instinto e no seu conhecimento sobre a natureza humana para desvendar os mistérios.

¹⁶ Palavra usada para fazer referência a uma criança mimada, que, constantemente, interrompia a conversa dos adultos, impaciente para participar das mesmas.

¹⁷ Palavra usada para fazer referência a uma criança voluntariosa, birrenta, que provocava confusão na vizinhança por causa do mau comportamento.

A narradora encerra a primeira crônica num tom confessional, afirmando que traz marcas da avó não apenas nos traços físicos, mas também psicológicos, pois herdou as marcas de suas “filosofias”, a fé em Deus e na vida.

Observamos, nessa crônica, uma narradora que, embora posicione sua voz em 1ª pessoa do singular (eu), agrega ao seu discurso a memória de seus familiares, relativizando seu papel, pois depende da vivência e do relato de outros para constituir a história da família que, por sua vez, também a constitui em sua subjetividade e até mesmo aparência física. Quando fala de si mesma, quando tece breves reflexões, quando dialoga com o leitor, afirma: “**Tenho** algumas fotos de vó Maria. Assim como seus traços marcam **meu rosto** e, acentuadamente, os olhos de **meu filho**, mais ainda nos marcam suas “filosofias”, a crença em Deus e na vida.” (p. 7 – grifos nossos). Contudo, ao expor a história da avó, relativiza sua voz, assumindo a 1ª pessoa do plural, como encontramos em: “Pois ela vale a pena e, se **rirmos** e **chorarmos**, nunca **mancharemos** a alma.” (p. 7 – grifos nossos)”.

Apesar de não ter conhecido a avó fisicamente, a narradora a descreve do ponto de vista psicológico como alguém competente, alegre, possuidora de muita destreza em emitir opiniões ou padronizar comportamentos.

A narradora, ao imaginar o comportamento da avó diante das parábolas hilárias que contava utiliza uma sinestesia, pois, ao mencionar “com um sorriso gostoso” (p. 6), faz associação de sensações produzidas por diferentes órgãos do sentido, visão e paladar, respectivamente. Também dispõe da antítese: “se rirmos e chorarmos” (p. 7), e da metáfora: “nunca mancharemos a alma” (p. 7), para partilhar a ideia de que a vida transcorre em meio a situações adversas, ora apazíveis, ora desagradáveis, mas o riso e o choro fortificam a alma.

Para a narradora, a personagem protagonista, Vó Maria, aparece como sendo a síntese da mulher do interior paulista no início do século XX, representando a mulher trabalhadora, alegre, religiosa e que teve pouco acesso à escola. Sendo assim, nesta primeira crônica, Vó Maria incorpora uma personagem tipo, visto que é reconhecida por características típicas da mulher interiorana.

Aparece como personagem secundário vô Lídio. Nesta narrativa é citado, sem muito aprofundamento, em um episódio no qual vó Maria perde um bebê após ouvi-lo tocar um trombone. Ela se assusta com o barulho, sem saber de onde vinha. Depois deste fato, o personagem nunca mais tocou o instrumento musical.

Há a predominância de um espaço aberto: o interior do Estado de São Paulo, local presente na maioria das crônicas da obra, no qual não se encontrava luz elétrica, nem água encanada, tampouco médicos. Porém, ainda que este espaço fosse um tanto inóspito, as pessoas são caracterizadas, pelo olhar da narradora, como possuidoras de uma alegria genuína.

Em relação ao tempo, há uma marcação cronológica explícita: o início do século XX. Por meio da narrativa, presenciamos o decorrer da vida de Vó Maria, sua doença, sua morte. O último parágrafo da crônica inicia-se com um verbo no presente do indicativo “tenho”, usado para que a narradora possa entrelaçar à sua própria história a história da avó, cujos traços marcam sua face e também à de seu filho.

A narrativa inicia-se *in ultima res*, ou seja, a narradora apresenta ao leitor um acontecimento já finalizado da história: a morte da avó e o fato de não a ter conhecido. Somente um pouco mais adiante é que a narradora nos apresenta quem é essa mulher que divide com ela o título da crônica *Vó Maria e eu*.

Em *Água do Sovaco* (2017, p. 8-9), a narradora nos apresenta, por meio de descrições, o local em que a personagem, que confere nome à obra, nasceu e morou por certo período de tempo. O título da crônica remete ao nome do local, próximo a Botucatu, mas não se sabe o porquê de tal denominação jocosa. Compartilha com o leitor sua descendência, fruto da miscigenação entre portugueses, alemães e indígenas. Em determinado trecho nos apresenta o que dizia sua avó sobre seus antepassados:

Contava que sua bisavó, uma índia, havia sido pega a laço no mato, e aí começou toda a mistura de sua família: índios, mestiços de portugueses e alemães. (SANT'ANNA, 2017, p. 8)

É válido salientar também que nessa narrativa o leitor é esclarecido a respeito do clima de discriminações e preconceitos que pairava na região onde hoje se situa Iepê e, paralelamente a isso, toma conhecimento de como a personagem se comportava no sentido de promover uma cultura de paz: conversava com as senhoras católicas na esquina antes que cada uma fosse à sua respectiva igreja. A narradora divaga, num tom intimista, sobre como imagina que eram essas conversas:

Tais conversas **deviam ser deliciosas**, pois muito tempo depois de sua morte, **essas mulheres falavam-me** da saudade que sentiam de vó Maria e suas risadas na esquina, antes de irem às respectivas igrejas. (SANT'ANNA, 2017, p. 9- grifos nossos)

Há nessa crônica um tom de conversa da narradora com seu interlocutor imaginário quando esta fala sobre a vida no século passado, portanto, podemos encaixá-la no que Candido (1992) chama de *crônica-diálogo*.

Prevalece a narração afetiva pautada por memórias. A narradora reconstrói, minuciosamente, o modo de viver nos primórdios do século passado. Comporta-se como homodiegética, ou seja, como uma voz em primeira pessoa que está dentro da história, como uma testemunha, pois ouviu todos os relatos da família. Discorre sobre o trabalho, a maneira como as casas eram construídas, os desafios da vida diária, o que cultivavam, as iguarias que preparavam. No final da narrativa, seu discurso tem a finalidade de revelá-la como guardadora de memórias familiares e de ressaltar os laços afetivos com seus antepassados: “Tais conversas **deviam ser deliciosas**, pois muito tempo depois de sua morte, essas mulheres **falavam-me** da saudade que sentiam de vó Maria e suas risadas na esquina, antes de irem às respectivas igrejas.” (p. 9 – grifos nossos).

Na ânsia de resgate identitário, utiliza a forma verbal “restaurei” e “me acompanha”, para referir-se a alguns móveis que herdou dos avós e que hoje fazem parte de sua vida e individualidade: “Da casa deles, ficaram alguns objetos que fizeram parte de **nossa vida**: camas, guarda-roupas e uma cristaleira, que **restaurei** e até hoje **me acompanha**. Da Água do Sovaco, sobraram as histórias.” (p. 9 – grifos nossos). Pode-se notar que, embora nessa cena, a voz assuma o discurso na primeira pessoa do singular (eu), o relato é predominantemente sobre sua família, mais especificamente, sobre Vó Maria, e não sobre si.

Vó Maria, a protagonista da crônica, além de representar a mulher interiorana do início do século XX, representa, também, como é destacado na parte final desta segunda narrativa, um grupo religioso: os protestantes, fundadores do Patrimônio da Liberdade. A narradora destaca sua sabedoria ao respeitar as senhoras praticantes de outra religião, tecendo com elas deliciosas conversas na esquina. Sendo assim, Vó Maria mais uma vez pode ser enquadrada como uma personagem tipo.

O espaço no qual a narrativa se desenvolve é predominantemente aberto: a Água do Sovaco, um vilarejo próximo a Botucatu; os sítios; o poço, local usado para que as pessoas se reunissem; a região de Paraguaçu Paulista; e, finalmente, Iepê.

Observamos que a narração se dá a partir de certa cronologia: o nascimento de Vó Maria, sua infância, a mocidade, sua chegada ao Patrimônio da Liberdade, seu casamento com um primo e a morte de ambos. Desse modo, há uma linearidade na narrativa, pois os fatos são narrados de acordo com sua ordem cronológica.

Viúvo é o defunto (2017, p. 10-11) é a terceira narrativa da obra. Nela, nos é apresentada a maneira diferente como eram realizados os velórios, nas cidades do interior, no início do século XX, já que o costume era velar o falecido estendido na mesa da casa da família. Apesar de não ser um assunto muito agradável de se tratar, percebemos um tom de humor na narrativa, visto que são descritas duas cenas no mínimo inusitadas: a primeira em que uma irmã de vó Maria, que morria de medo de defunto se vê debruçada ao lado de um, após ter adormecido ao passar a noite velando seu corpo; na outra, nos é apresentada Nhá Bia, uma senhora que só acompanhava os enterros carregando um prato de comida e, de tempo em tempo, dava uma pausa na caminhada para saboreá-lo. A respeito do título, nos esclarece a narradora:

Morte e vida são partes da mesma moeda. Essa percepção realista da existência levou vó Maria, em muitas ocasiões, a repetir o ditado popular “viúvo é o defunto”. Quando alguém se escandalizava com tamanha heresia, vó Maria- à la Sócrates- capciosamente indagava: “você já viu defunto comer ou sorrir?”. E frente ao embaraço do interlocutor concluía: “quem nunca mais se diverte é o defunto, não o viúvo ou a viúva”. (SANT’ANNA, 2017, p. 10)

Há também, na mesma crônica, o relato de que uma noiva, que segundo dizia vó Maria, adentrou a nave do templo da igreja, já aos 80 anos de idade, para se casar pela quarta ou quinta vez, confirmando assim a filosofia de vó Maria, de que viúvo é o defunto. Por ter forte presença de humor, de acordo com Candido (1992), podemos classificá-la como semelhante a uma *anedota*.

Predomina, nessa narrativa, a voz de uma narradora homodiegética, testemunha dos relatos orais que nos fornece muitos detalhes a respeito da história que conta. Apresenta-nos as personagens e as características que as definem, como o medo de defuntos, por exemplo. Observamos no trecho “não entendemos até hoje o porquê” o uso da 1ª pessoa do plural, com a intenção de mostrar que a narradora inclui a família na breve referência que faz ao comportamento de uma das personagens, Nhá Bia: “Outra senhora, Nhá Bia, **não entendemos até hoje o porquê**, se por superstição ou alguma compulsão incontrolável, só seguia os enterros carregando um prato de comida e dando paradas estratégicas para tirar umas garfadas.” (p. 10 – grifos nossos). Essa estratégia informa ao leitor que a relação da narradora com o relato é de ordem afetiva.

Vó Maria é a personagem principal, visto que, pela voz da narradora, as histórias relatadas foram anteriormente contadas por ela. A narradora usa o discurso indireto em alguns momentos para apresentar as falas de vó Maria sobre os episódios que gostava de contar. São

personagens secundárias da narrativa: a irmã de vó Maria, que morria de medo de defuntos, cujo nome não é mencionado; Nhá Bia e suas garfadas estratégicas em pratos de comida durante os enterros e a noiva octogenária. São exemplos de personagens planas, visto que são caracterizadas com um número pequeno de atributos, facilmente identificados pelo leitor.

Quanto ao espaço, encontramos a casa pequena, que abrigava parentes e conhecidos que vinham para velar os entes queridos; o caminho que o enterro seguia, espaço aberto, no qual Nhá Bia aproveitava para saciar a “fundura” que tinha no estômago; e, por fim a nave da igreja, que abrigou a noiva aos 80 anos, confirmando o que dizia vó Maria, que viúvo é o defunto.

Temos, novamente uma narrativa linear, marcada por inúmeros verbos no pretérito imperfeito do indicativo, apontando para um tempo já afastado do presente, como por exemplo em “velórios **eram** grandes acontecimentos” (2017, p. 10 – grifo nosso).

Seguindo para a quarta narrativa, intitulada *Mariquinha Totonha* (2017, p. 12-13), a narradora nos apresenta um neologismo, como nos esclarece a seguir:

Existe um **substantivo** em nossa família que não faz parte de dicionário algum. Quando alguém fala para uma criança — ou mesmo um adulto — “**Mariquinha Totonha!**”, o outro trata de se mancar”. (SANT’ANNA, 2017, p. 12- grifos nossos)

Nessa narrativa, somos levados a conhecer uma história que vó Maria contava a respeito de uma garota voluntariosa e birrenta que aterrorizava a vizinhança na época em que morou em Botucatu. Em determinado trecho, encontramos a explicação para o neologismo:

A pobre da mãe da Totonha não tinha mais o prazer de visitar as amigas no final da tarde, encontrava todas as portas fechadas e, por mais que chamasse, ninguém punha o nariz para fora. Mas, Mariquinha Totonha não aprendia a lição. Quando conseguia furar o bloqueio, esmerava-se em judiar da pobre vítima: irritava as crianças o quanto podia, “miava” os seus causos” a plenos pulmões, quebrava um vasilho ou o que achasse pela frente, comia todo bolo ou guloseima que encontrasse. As mulheres começaram a adotar o **substantivo “totonha”** para repreender os filhos ou falar sobre a atitude de alguém. (SANT’ANNA, 2017, p. 12 - grifos nossos)

Nessa crônica, a narradora nos revela um “causo” de vó Maria a respeito da educação dos filhos. Podemos classificar essa crônica como próxima a uma *anedota*, conforme Candido (1992), pois a narradora se vale do humor ao nos relatar a história.

A narradora apresenta Mariquinha Totonha, uma criança muito indisciplinada e enjoada, segundo vó Maria contava. A narradora conhece muitos detalhes da história que narra, como observamos em: “Sentia-se a mais infeliz das criaturas (p. 12); “começaram a

sentir pena da mãe de Totonha” (p. 12); “a maioria delas corroídas pelo remorso” (p. 13). A fim de ressaltar seu elo afetivo com a personagem vó Maria, assim como com a história relatada, a narradora inicia o relato, fazendo uso do pronome possessivo relativo à 1ª pessoa do plural, posicionando-se como homodiegética, uma testemunha das ricas histórias familiares, como notamos em: “Existe um substantivo **em nossa família** que não faz parte do dicionário” (p. 12 – grifos nossos).

Em alguns trechos da crônica encontramos a presença do discurso direto, uma vez que a narradora dá voz às vizinhas, fazendo uso das aspas, quando estas personagens se referem à Totonha ou a sua mãe, como vemos em: “lá vem a Totonha” (p. 12); “viram a cara da pobre coitada? (p. 13)”. Também cria um neologismo, “totonhice”, palavra que apresenta o sentido de chatice, assim como de fazer birra ou sentido de perturbar alguém.

Mariquinha Totonha é a personagem de destaque da narrativa, uma vez que o título da crônica leva seu nome. Por ser caracterizada como uma criança indócil, verbos que remetem a animais são utilizados para descrever seu comportamento rebelde: “**miava** por uns quinze minutos” (p. 12), mais “**trotava**, mais **miava**” (p. 12 – grifos nossos). Mariquinha Totonha é uma personagem plana: seus atributos e modo de agir se mantêm fixos, visto que é birrenta e enjoada do início ao fim da narrativa. São personagens secundárias: a mãe de Totonha e as vizinhas.

Notamos o uso de algumas hipérboles para reforçar o comportamento inadequado da garota: “birras homéricas” (p. 12), “tática de guerra contra sua chatice” (p. 12), “até o furacão passar” (p. 12), “a plenos pulmões” (p. 12).

O espaço predominante é o espaço aberto, um bairro de Botucatu, cidade do interior paulista. Porém, conforme a narradora nos apresenta as malcriações de Totonha, o espaço vai se fechando, pois a fim de evitar a presença da criança, as pessoas fechavam portas e janelas.

Observamos que o tempo da narrativa segue o cronológico, por meio do uso do pretérito imperfeito e expressões tais como: quanto mais o tempo passava (p. 12), chegou a tal ponto a situação (p. 12), depois das lamentações (p. 13), entre outras. A história de Totonha segue começo, meio e fim, de modo linear.

Partindo para a quinta crônica da obra, *A vaquinha da Lidica* (2017, p. 14-15), segundo nos diz a narradora, vó Maria foi desenvolvendo “filosofias estéticas”. A narrativa tem como pano de fundo a igreja, lugar no qual as pessoas se encontravam em Iepê. O título nos remete a um adereço, um broche, em forma de vaca, que a moça Lidica exibiu certa vez

na igreja e, ao ser elogiada por vó Maria, começou a rodopiar diversas vezes, repetindo incessantemente a frase “a senhora achou mesmo bonito, dona Maria?”

Ela destaca que a expressão “Ah, a vaquinha da Lidica!” é ainda usada pela família quando algo acontece de maneira exagerada:

[...] Lidica tem sido sempre lembrada. Sua história era frequentemente contada à filha caçula de vó Maria, minha mãe, que adorava brilhos e maquiagens. De minha parte, quando ganhei meu primeiro relógio, fui acometida por um estado de contemplação e o objeto dela era meu braço esquerdo. Quase não queria comer, só mostrando o lindo detalhe azul no pulso, totalmente extasiada. O comentário extravasado mecanicamente por minha mãe foi: “ah, a vaquinha de Lidica!”. (SANT’ANNA, 2017, p. 15)

Ainda nessa narrativa somos surpreendidos com um “causo” de uma senhora recém-casada, que fez um primoroso enxoval, mas não recebeu visita alguma no primeiro mês de casamento. Como não podia exhibir suas belas peças aos visitantes, resolveu adentrar a igreja, num culto de quarta-feira vestindo uma camisola, *peignoir*, fita na cabeça e chinelos. A cena incomum gerou muito riso nos que estavam presentes. Encontramos, nesta crônica, novamente uma boa pitada de humor, aproximando-a, como sugere Candido (1992), de uma *anedota*.

Presenciamos, nessa crônica, uma narradora que se esmera em nos apresentar detalhadamente os episódios os quais descreve, assim como as personagens. É predominantemente homodiegética, uma testemunha dos relatos compartilhados em família. Vale-se dos discursos direto e indireto, visto que em certos momentos dá voz à personagem, como notamos em: “a senhora achou mesmo bonito, dona Maria?” (p. 14). Em outros momentos, usa a própria voz para registrar a fala da personagem, como observamos em: “dizia que as pessoas complicavam muito a vida” (p. 14). Sobressai no final da história a 1ª pessoa do discurso para dividir com o leitor o fato de que também já fora tomada pelo mesmo comportamento de Lidica quando ganhou um relógio azul e ficava exibindo-o a todos quanto se aproximavam dela. Ao falar de si, inclui parte de sua história àquelas contadas pela avó.

Em determinado momento, a narradora utiliza uma hipérbole em “tinha ficado uns dez minutos rodopiando” (p. 14), com intuito de intensificar o comportamento exagerado de uma das personagens ao exhibir seu adereço novo.

São personagens principais nesta narrativa vó Maria, visto que sempre é destacada como a contadora dos causos; Lidica, moça muito simples, mas que adorava ser notada por meio de modelos de roupa e maquiagem, e a senhora recém-casada, ávida por exhibir seu enxoval para ser apreciada pelos conhecidos. São todas personagens planas, uma vez que não

são descritas com densidade psicológica, pois não há tempo para muito aprofundamento na crônica, já que tudo se passa muito rapidamente.

O espaço macro é a cidade de Iepê, e o espaço micro é a igreja, local em que se reuniam os moradores e os sitiantes das proximidades e também as jardineiras que, na narrativa, aparecem como sinônimo de um meio de transporte rústico, comum no início do século passado.

Notamos que o tempo da narrativa apresenta certa linearidade, uma vez que as ações das personagens são apresentadas de forma lógica e com início, meio e fim. O uso reiterado do pretérito imperfeito nos remete ao tempo antigo, aos primórdios do século XX: “se **encontravam** em Iepê”, “**lembrava-se** sempre”, “**estava** recebendo as pessoas na porta da igreja” (p. 14 – grifos nossos).

Aber Brudes (2017, p. 16), a crônica seguinte, traz em seu título as marcas da oralidade comuns aos interioranos, visto que “Aber” se refere ao nome Abel. A crônica tem uma grande carga de humor, pois registra o esforço de vó Maria e sua cunhada, tia Neguita, para pegar um porco, enquanto o dono do animal se mostrava indeciso se o vendia ou não. O auge da indecisão de *Aber Brudes* é registrado no trecho:

Vó Maria e tia Neguita, já perdendo a paciência, pediram-lhe que decidisse. Ele coçou, coçou a testa e falou: “tá bom, eu vendo o porco!” Ambas voltaram a correr atrás do bicho quando *Aber Brudes* gritou: “não, dona Maria, eu não vendo o porco!” Aí, as duas senhoras, apesar da vontade de comerem o porco, saíram do chiqueiro e olharam para o *Aber Brudes* que já parecia estar mudando de novo de ideia. Vó Maria, decepcionada, enraivecida e cansada, gritou: “agora eu não quero mais, fique com seu porco, *Aber Brudes*!” (SANT’ANNA, 2017, p. 16)

Vemos, também, nessa narrativa que a vida das mulheres no início do século XX não era nada fácil no interior paulista, pois trabalhavam na roça, cozinhavam no fogão a lenha, não possuíam geladeira para conservar os alimentos. Para comer carne de porco, por exemplo, tinham de ir atrás do animal, depois abatê-lo, limpá-lo para que pudessem saboreá-lo em alguma receita. Mais uma vez, encontramos na obra uma crônica similar à *anedota*, visto que no decorrer da leitura o humor é evidente.

Identificamos uma narradora predominantemente homodiegética, testemunha e herdeira das histórias familiares, que se mostra conhecedora das personagens, de como se sentiram ao final da narrativa, como constatamos em “decepcionada, enraivecida e cansada” (p. 16). No texto há o emprego do discurso direto, introduzido por aspas, para dar voz às personagens. Em alguns momentos, a narradora utiliza a 1ª pessoa do discurso para tecer

alguns comentários, como encontramos em “A indecisão, às vezes é um problema sério que nos atormenta” e “**imagino** que durante o percurso” (p. 16 – grifos nossos), por exemplo. Este recurso nos mostra que a narradora não quer ficar fora do relato, pois a história da família é também sua própria história. Ao dar voz às personagens por meio do discurso direto, observamos diferenças entre a linguagem da narradora e a das personagens, pois aparecem marcas da oralidade, como vemos em “**ô, seu Aber**” (p. 16 – grifos nossos).

São personagens vó Maria, sua cunhada, conhecida por tia Neguita e Aber Brudes. Não há densidade psicológica na descrição das personagens, por isso podemos classificá-las como planas, lineares. Suas ações tendem à comicidade, suas atitudes levam ao humor.

O espaço macro é aberto, rural, a roça. O chiqueiro, o micro espaço, serve de pano de fundo para a apresentação do episódio narrado. Este compõe a cena hilária, em que vó Maria e tia Neguita saem enlameada, porém sem o porco que almejavam saborear.

Constatamos que a narrativa se desenrola de modo linear, marcada pelo uso do pretérito imperfeito do indicativo, como constatamos em: “A vida de Vó Maria e das mulheres não **era** fácil” (p. 16 – grifo nosso), seguindo a ordem cronológica. Expressões como: “às vezes”, “numa dessas ocasiões”, “naquela época” contribuem para o encadeamento da narrativa.

Em *Educação, intuição e mentiras* (2017, p. 17-18), somos convidados a conhecer o panorama da educação no interior paulista. Sempre com muito humor, a narradora nos apresenta que haver escolas por aqui era coisa rara, e que certos professores eram pessoas leigas, fato muito comum à época. Um desses professores, o Juju, tinha uma maneira muito peculiar de usar as regras gramaticais, lançando mão da forma feminina ao pronunciar os sobrenomes, como vemos em: “Mário *Garvão*”, “Maria *Garvoa*” (p. 17).

Vó Maria nos é apresentada como uma mulher decidida e que, apesar de ter aprendido muito pouco a escrever, cultivava esse hábito ao mandar cartas a uma das filhas, como vemos em:

Já depois de adulta, quando necessitava escrever para a filha mais velha, que residia em Botucatu, era comum que se atrapalhasse toda. Um dia, quando minha mãe chegava da escola, viu vó Maria ajoelhada, orando. Quando lhe perguntou se tinha acontecido alguma coisa, vó Maria confessou que estava pedindo a Deus que a filha entendesse a sua carta, pois não havia encontrado nenhuma caneta em casa. Então escrevera com um toco de lápis vermelho – que acabou se quebrando no meio da carta – terminando com um toco de lápis verde. Minha mãe perguntou-lhe se não podia ter esperado para escrever a tal carta, ao que vó Maria respondeu que não era mulher de esperar, gostava de resolver seus assuntos sem muito “rodeio”. (SANT’ANNA, 2017, p. 17)

Perpassam por essa crônica a ideia de vó Maria como uma mulher forte, direta e otimista. Ainda que o humor se faça presente na narrativa, observamos que é marcante o tom de conversa descontraída da narradora com o leitor, sendo assim, a relacionamos como *crônica-diálogo*, conforme sugere Candido (1992).

A narradora leva-nos a conhecer desde a vida cotidiana das mulheres, que girava em torno da casa, até a maneira peculiar como um professor leigo, conhecido por Juju, se comportava durante a chamada de classe. Age como uma espectadora dos fatos que lhes foram relatados no ambiente familiar, uma testemunha dos mesmos, sendo caracterizada como uma narradora homodiegética. Em muitos momentos da narrativa dispõe do discurso indireto para nos revelar as histórias que vó Maria contava, e, em outros momentos vale-se do discurso direto para dar maior comicidade à fala de Juju, deixando clara as marcas da oralidade em “Garvão” e “Garvoa” (p. 17). No final da crônica, a narradora utiliza a 1ª pessoa do plural, como notamos em: “Em **nossa** família, **temos** alguns Bentinhos” (p. 18 – grifos nossos), como que para dialogar com o leitor, retomando um trecho da narrativa e também para se sentir parte da história que narra.

Vó Maria segue como personagem principal, aquela que tornou possível à narradora conhecer as histórias e dividi-las conosco. É uma personagem plana, visto que age de forma prevista com sua caracterização: uma mulher otimista, decidida, que gostava de agir prontamente nas mais diversas situações. Divide a narrativa com vó Maria o professor Juju, caracterizado como excêntrico, uma personagem caricatura, que representa de forma humorística os professores leigos do início do século XX. São personagens secundárias, uma das filhas de vó Maria e Bentinho, um jovem com imaginação fértil.

O espaço macro é o interior do Estado de São Paulo, no qual a narradora descreve a vida simples dos interioranos, a dificuldade que encontravam em frequentar uma escola, em aprender a ler e a escrever. O início da narrativa se passa na Água do Sovaco, local próximo a Botucatu, e, posteriormente na cidade de Iepê. O espaço micro é a sala de aula do professor Juju e também a casa de vó Maria.

Predomina o tempo cronológico, e expressões como: “as mulheres de sua época” e “naquela época” (p. 17) remetem ao início do século passado, assim como verbos no pretérito imperfeito do indicativo: “**contava** que a chamada do professor Juju era fantástica”, “**gostava** mesmo era de uma boa conversa”, “dessas conversas despreziosas **retirava** seus dramas e comédias” (p. 17 – grifos nossos), os quais indicam um tempo mais distante.

Em *Visitas, filhos e melindres* (2017, p. 19-20), vemos a narradora lançar seu olhar para o cotidiano no que se refere ao hábito de visitar, muito comum nas cidadezinhas do interior à época de vó Maria. Novamente, temos o uso de neologismo. Há um resgate da história de Betorda, mulher que agia de maneira teatral quando se sentia desprezada. Com tudo se ofendia profundamente e queria ser tratada como rainha. Sobre a atitude da avó, diante de pessoas como Betorda, assim encontramos na narrativa:

Vó Maria era especialista nas “Betordas da vida” e, muitas vezes, interveio com sucesso em “**betordices**” entre pais e filhos, marido e mulher, membros da igreja, amigos e parentes. Ela tinha o dom da conciliação. Sabia separar o joio do trigo, descartar as besteiras das relações humanas e ficar com a essência do amor e da amizade. (SANT’ANNA, 2017, p. 19- grifo nosso)

A narradora suscita uma reflexão sobre o tempo da história com os dias atuais, ao tratar da capacidade de vó Maria em ser conciliadora, e, com humor fala do “princípio do pneu” (p. 20), relembrando uma cena em que vó Maria faz dois meninos pararem de brigar por conta desse objeto, prometendo-lhes pneus quando ela comprasse um carro e, porventura, os pneus desse automóvel se estragassem. Encontramos, nessa crônica, mais um exemplo de *crônica-diálogo* (CANDIDO, 1992), pois a narradora mantém uma conversa despreocupada, descontraída com seu interlocutor imaginário.

A narradora é detalhista, expõe o comportamento das personagens, como se sentiam diante dos acontecimentos, se estavam impacientes ou magoadas, e pode ser caracterizada como homodiegética, uma testemunha que conta a história recebida por meio de familiares. Faz uso do discurso indireto, quando trata de ações da personagem vó Maria, e cede espaço no relato ao discurso direto, conferindo a palavra a alguns personagens que compõem a narrativa, como vemos em: “fala, Florisvaldinho!” (p. 19). A metáfora “após desaguar suas chatices” (p. 19) é um recurso utilizado pela narradora para revelar ao leitor o quanto o menino causava aborrecimento aos visitantes de vó Maria por ser enfadonho e exageradamente falante. No fim da narrativa, o emprego da 1ª pessoa do discurso tem o intuito de mostrar que faz parte dela.

A invenção do neologismo “betordices” aponta para o comportamento de pessoas de difícil convivência, por serem exageradamente melindrosas e dramáticas, encontrando em tudo motivos para se sentirem ofendidas.

Vó Maria é a personagem principal, descrita como uma mulher que apreciava receber visitas, também gostava de visitar, tinha o dom da conciliação, prezava cultivar a amizade. Mantém, na narrativa, ações esperadas em relação às características que a narradora lhe

atribui, sendo considerada uma personagem plana. São personagens secundárias Florisvaldo, menino insistente, que nutria o hábito de atrapalhar as conversas dos adultos e Betorda, mulher que se condoía de tudo. Ambos são personagens planas, pois agem de acordo com os atributos que lhes caracterizam.

As referências espaciais dessa crônica são a casa de vó Maria, sempre aberta para receber a visita de senhoras e seus filhos e mais especificamente a sala, local no qual as conversas aconteciam, assim como os desabafos sobre assuntos do cotidiano e, também a rua, local no qual as pessoas se encontravam e travavam diálogos.

O tempo da narrativa é linear, marcado pelo uso do pretérito imperfeito do indicativo, como observamos em “**gostava** de receber visitas“, “**ouv**ia um pouco da conversa”, “vó Maria **agradava**-as com doces” (p. 19 – grifos nossos) e também por marcadores como geralmente, às vezes, certa vez, quando (p. 19).

Prosseguindo pela leitura da obra, temos a nona crônica, *O bijuzinho tá doce* (2017, p. 21-22). A narradora promove um retrato caprichoso de alguns episódios ocorridos em Iepê: fala de vó Maria e seus conhecidos desmedidos quando o assunto era comida; novamente traz tia Neguita à história, com sua fama de exagerada de nascença e há também uma cena hilária de um bêbado que participou de uma Santa Ceia na igreja. Sobre esse episódio, assim nos é exposto na crônica:

Vó Maria era diaconisa, fazia parte de suas funções ficar à porta da igreja recepcionando os que chegavam. Num culto em que seria celebrada a Santa Ceia, vó Maria recepcionou, com seu melhor sorriso, um senhor já claramente alcoolizado. O bêbado sentou-se no primeiro banco e escutou todo o ofício em absoluto silêncio. Na hora da Santa Ceia, ele tomou o cálice, entornou-o de uma só vez, levantou os braços e gritou: “achei a minha religião!”. (SANT’ANNA, 2017, p. 22)

Vemos aqui, novamente, uma narradora com veia humorística ao reviver, pela memória afetiva, as histórias que sua avó perpetuou junto à família, assemelhando-se, a uma *anedota*.

A narradora evidencia ao leitor conhecer bem a história que narra. Logo no primeiro parágrafo usa a 1ª pessoa do discurso para se posicionar como membro dessa família tão rica em histórias. No restante da crônica, contudo, afasta-se, assumindo posição de testemunha que ouviu o relato, o qual nos conta. Em muitos trechos, com o intuito de enfatizar o lado cômico das cenas descritas, a narradora utiliza o discurso direto, dando voz às personagens. No trecho em que descreve uma cena na qual uma visita de vó Maria exagera ao acrescentar melado na farinha de milho, a narradora, ao dar voz à personagem, usa de uma silabação um

pouco diferente na palavra doce, para que o leitor perceba, visualmente, por meio da repetição da letra “o”, pelo uso do acento circunflexo e das reticências, como observamos em “tá dõo...ce!” (p. 21), a expressão da fala da personagem com ênfase no exagero que cometeu. No último parágrafo da crônica, a narradora assume em 1ª pessoa do discurso a focalização para se referir à avó, como notamos em “**Imagino** vó Maria retorcendo-se de rir com essas histórias” (p. 22 – grifo nosso). Esse recurso funciona como um meio de salientar os traços afetivos da narradora com a avó.

Participam da narrativa: a avó Maria, sua cunhada conhecida por Neguita, um homem que visitou a vó Maria, mas seu nome não é mencionado, Dirce Duque-Estrada e um bêbado, que tumultuou a Santa Ceia. Todas as personagens podem ser classificadas como planas, lineares, e tendem ao humor em suas ações. Em relação ao espaço macro, todos os fatos da narrativa se passam em Iepê. A maioria das cenas ocorre na casa de vó Maria, no sítio; outras em um bar e também na igreja, locais nos quais as pessoas frequentemente se encontravam.

Como ocorre nas demais crônicas, o pretérito imperfeito do indicativo é bastante usado, como um indicativo de uma época já remota, como verificamos em: “Tia Neguita **era** uma exagerada de nascença” (p. 21 – grifo nosso). Para dar a linearidade ao tempo, a narradora também se vale de expressões tais quais “certa vez”, “na época em que era moça”, “numa dessas vezes” (p. 21).

Em *Terapias da roça* (2017, p. 23-25), temos um panorama das pequenas cidades do interior, em que as diversões eram poucas. Era costume as pessoas reunirem-se nas praças, em rodinhas de conversa, fazerem imitações dos outros e participarem de festividades e apresentações nas igrejas. Um dos causos preferidos de Vó Maria era o da Piorra:

[...] uma senhora já avançada em idade, que não perdia uma oportunidade de declamar poesias. Em todas as comemorações da igreja, lá estava a Piorra, muito bem indumentada, e com uma poesia na ponta da língua. Numa dessas comemorações, estavam presentes alguns rapazes que sofriam do mal do “riso frouxo”. Iniciaram-se as apresentações: o coral, um teatro infantil, um solo instrumental, quando, então, anunciaram uma poesia a ser declamada pela Piorra. Piorra subiu num caixote e começou: “abrimos o teu livro, Senhor...”. Os moços não aguentaram, pularam por uma janela alta e quase se espatifaram no chão. Preferiram o tombo a segurar o riso que a Piorra provocava, especialmente entre os rapazes. (SANT’ANNA, 2017, p. 25)

Num diálogo incessante com as histórias de vó Maria, a narradora evoca, nesta crônica, a figura da mãe, que sempre cultivou o hábito de declarar poemas e vez ou outra, antes de subir ao palco, dizia aos mais próximos: “lá vai a Piorra declamar!” (p. 25). Mais

uma vez, observamos que sobressai o humor, o que aproxima a crônica, conforme pontua Candido (1992), a uma *anedota*.

Notamos, por meio das descrições feitas pela narradora, que demonstra ter conhecimento da época narrada, dos costumes, das atitudes das personagens diante das histórias que vivenciaram. Há o predomínio da narração em 3ª pessoa e podemos afirmar que se trata de uma narradora homodiegética, que se posiciona como testemunha dos relatos adquiridos junto a entes queridos, como observamos em: “minha mãe conta que, em certa época” (p. 23). Verificamos, em determinados momentos, o uso do discurso indireto, como encontramos em: “A mulher revidou dizendo que se soubesse o tirano que ele era” (p. 23) e, também notamos o uso do discurso direto: “hum...essas rosquinhas...” (p. 23), o qual permite uma identificação mais direta do leitor com a personagem, assim como mostrar, pelo contexto da narrativa o que pensava a personagem vó Maria sobre casais que viviam de mãos dadas na praça da cidade. A sinestesia “apimentavam os serões” (p. 23) é usada para valorizar a presença de pessoas espirituosas, brincalhonas, que deixavam os encontros sociais na praça da cidade mais divertidos e interessantes.

Diversas personagens perpassam a narrativa, de maneira abreviada, sendo que boa parte delas pratica ações que levam ao humor. Encontramos vó Maria, caracterizada como alguém que adorava conversar; tia Lídia, mulher que gostava de fazer imitações; um casal de recém-casados que teve desentendimentos após a lua de mel; vó Lídio, o qual sucumbe à vontade de vó Maria; Zica e Zé Coco, cuja paquera não foi correspondida; Piorra e suas declamações em público e Nhô Nito, que se gabava por ser intimado e ter que comparecer à delegacia. Nenhuma personagem é descrita de maneira muito profunda, nem com grande densidade psicológica. Podemos enquadrá-las como personagens planas e, em geral, cômicas.

Todas as narrativas se passam no espaço macro que é Iepê. Como espaço micro destacamos a praça pública, local que reunia as pessoas para conversas “em rodinhas”; a casa de vó Maria e de seus vizinhos, o sítio e o palco da igreja. Predomina nessa crônica o tempo cronológico, marcado pelo pretérito imperfeito do indicativo, “de vez em quando **aparecia** um circo”, “**adorava** conversar, contar causos”, “**apimentavam** os serões” (p. 23 – grifos nossos) e expressões, como “naquela época” (p. 23), fazem referências ao início do século XX. A narrativa segue certa linearidade e uma história vai sendo intercalada após o término da anterior.

Em *Eu embarco no arroz com feijão* (2017, p. 26-28), outra crônica com aspectos de *anedota*, o leitor é convidado a se deliciar com o uso da linguagem próxima à oralidade,

muito peculiar aos sertanejos do interior paulista. Somos levados a conhecer aspectos de suas vidas, como a aceitação que tinham em relação às mudanças que o tempo trazia, dos “quilinhos” a mais que, segundo nossos antepassados, davam às pessoas um “ar de saúde”. A narradora divide conosco a história de Nhô Ricardo, que avesso à ideia das dietas afirmava que ele tinha que comer de tudo enquanto fosse saudável, pois quando adoecesse teria de responder as pessoas quando estas lhe oferecessem algo: “Nhór, não.” (p. 26), ou seja, melhor não. A respeito de vó Maria, a contadora dos causos, a narradora conclui:

Os causos “floreados” pareciam perseguir vó Maria. Em toda sua vida, histórias pitorescas bateram-lhe à porta. Talvez a culpa fosse mesmo de seus olhos bem humorados...Porém, fato insofismável, é que as enxergou! E divertiu-se com elas. (SANT’ANNA, 2017, p. 28)

Em praticamente todas as narrativas vemos um traço marcante dessa narradora, que é o seu empenho em vislumbrar a figura da avó, de trazê-la presente em sua memória, por meio de suposições, de reflexões que unem o passado e o presente, como forma de manter sempre vivas suas histórias.

Presenciamos uma narradora que parece conhecer os pormenores da história que narra. Inicia a crônica fazendo uso da 1ª pessoa do plural “hoje em dia **vivemos** paradoxos” (p. 26 – grifo nosso), como meio de fazer uma breve meditação sobre o tempo atual e seus paradoxos. Porém, no decorrer da narrativa, assume o papel de espectadora dos fatos que ocorrem a outras personagens. Emprega os discursos direto e indireto na crônica, sendo que o discurso direto foi usado algumas vezes para marcar a maneira peculiar de fala de determinadas personagens, como observamos em “— Qué “goiavada”?” (p. 26). Neste exemplo, notamos diferença no nível de fala da narradora e da personagem.

A fim de conceder efeito de humor ao trecho em que um garoto alerta as visitas sobre a existência de um quitute para o café, o bolo brevidade, a narradora dispõe do discurso direto, do uso de letras maiúsculas e da silabação de uma palavra de forma gradual, como verificamos em: “BRE...BRE-VI...BRE-VI-DA...” (p. 27). Essa silabação concede ao trecho um breve suspense carregado de comicidade.

Diversas personagens aparecem na narrativa que, embora seja curta, nos apresenta vários episódios frequentemente relatados por vó Maria àqueles que com ela conviveram. São personagens: vó Maria, que compartilhava da ideia de Nhô Ricardo, totalmente contrário às dietas; Jordão, que nas festas evitava guloseimas e só comia arroz com feijão; Tia Laura e Dona Modesta, demasiadamente apreciadoras de couve; Dona Inácia e seu filho, que gritou às

visitas que na casa havia o bolo brevidade e uma moça recém-casada que, inexperiente nos afazeres domésticos, estocou café coado e adoçado em latas de 20 litros. Observamos que as personagens são planas, possuem um número limitado de atributos, os quais são de fácil identificação para nós, leitores.

O espaço doméstico fechado reduz-se a casa e sala em que as personagens circulam. Encontramos também, nessa crônica, o espaço aberto, como a horta, o quintal, local em que as mesas das festas eram armadas, ao ar livre, repletas de guloseimas preparadas pelas mulheres anfitriãs, suas amigas e seus parentes. Dois tempos são brevemente confrontados: o de hoje em dia e o de antigamente. Marcam o tempo cronológico dessa crônica expressões como “na época de vó Maria” (p. 26), “nos casamentos e festas da época” (p. 26), “certa vez” (p. 27).

Prosseguimos com *Olha a crise!* (2017, p. 29-31), uma das crônicas da obra que aborda uma questão histórica de nosso país: a morte de Getúlio Vargas. Nesta narrativa, a narradora insere a figura do avô, Lídio, que segundo ela relata:

A figura política admirada por vó Lídio era Getúlio Vargas. Acompanhou toda a trajetória de Vargas, de 1930 a 1945. Na sua carteira não havia nenhuma fotografia de vó Maria, mas, sim, uma foto de Getúlio ao lado de Ivete Vargas. Exultou quando Vargas voltou ao poder pelo voto direto em 1951. As notícias, porém, não eram boas e ele acompanhava pelo rádio todos os acontecimentos políticos da época: o “mar de lama” que assolava o país e a pressão para que Vargas renunciasse à presidência. No dia 24-08-1954, vó Lídio deu um grito: minha mãe e vó Maria correram ver o que estava acontecendo. Lívido e aos prantos, contrariando sua discrição habitual, anunciou: “Vargas se matou com um tiro no peito!”. Vó Maria, que se assustara com o grito, replicou: “e você queria me matar também, e à sua filha, com esse grito?” Vó Lídio ficou bravo com o comentário, correu ao rádio para saber dos detalhes e providenciou uma tarja preta para o paletó, em sinal de luto por seu grande ídolo. (SANT’ANNA, 2017, p. 29)

Novamente, buscando um gancho para um diálogo com o presente, destaca que a paixão de seu avô por política deixou marcas na família, pois sua mãe, Ilda Sant’Anna Zakir foi a primeira mulher a eleger-se vereadora em Iepê, no ano de 1992. Encontramos, nessa narrativa, um exemplo de crônica que se assemelha à *biografia lírica* (CANDIDO, 1992), pois há o predomínio de certo lirismo na voz da narradora quando narra, de forma poética, a vida dos avós. Há um extravasar de sentimentos da narradora ao recordar trechos da trajetória dos avós, como vemos em: “Quase posso sentir a emoção de meu avô ao lê-lo através das frases sublinhadas com seu inseparável lápis vermelho”. (2017, p. 30)

Identificamos, nessa crônica, uma narradora homodiegética que, ao falar sobre a história do avô, também fala de sua própria história, suas recordações advindas do contato direto com o avô, que por um tempo viveu em sua casa. Em vários trechos da narrativa dá voz

ao avô, por meio do discurso direto, o que aproxima o leitor da personagem. Ela posiciona-se como uma narradora testemunha, guardiã das histórias familiares e herdeira das mesmas.

Vô Lídio é a personagem principal e é descrito como um homem surpreendente, de percepção e raciocínio aguçados, apaixonado pela leitura e discreto. Quando da morte de Getúlio Vargas, a narradora nos aponta que vô Lídio contrariou sua discrição habitual, pois foi visto aos prantos, muito pálido, exaltado. Por esse motivo, de certo modo, a personagem não se reduziu totalmente à previsibilidade, o que a torna uma personagem plana com tendência à redonda. Participam também da narrativa, de forma breve, como personagens secundárias, vó Maria e as filhas, o médico Moacir, Miguel padeiro e a narradora, que relata sua recordação do dia do velório do avô.

Há citação do espaço macro da narrativa, o interior do Estado de São Paulo. Nesse local, conforme nos aponta a narradora, não havia ainda televisão, e sim poucos rádios e manter-se informado não era tarefa fácil. Três cidades desse interior paulista perpassam pela crônica: Iepê, Assis e Botucatu.

Em relação ao tempo de que trata a narrativa, encontramos, já no 1º parágrafo, o uso do pretérito imperfeito do indicativo “**era** difícil”, “os rádios **eram** escassos” (p. 29 – grifos nossos) como meio de marcar o tempo remoto, distante, o início do século passado. Ainda nesse parágrafo, há referência ao período da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), evento que despertou muito interesse em vô Lídio, que se mostrava sempre ávido por notícias. Também há menção à trajetória de Vargas, de 1930 a 1945, e da admiração da personagem principal por esta figura política. A expressão “numa época” (p. 30) também é usada como referência ao século passado.

Partimos para a crônica de número 13: *Se morrer, tirem retrato!* (2017, p. 32-33). Aqui, a narradora nos faz conhecer um caso, no mínimo curioso, de sua família:

Os cuidados com as filhas eram uma constante na vida de vó Maria. Quando a segunda filha — Natália — engravidou, ela viveu um período de grandes preocupações: Natália era nervosa e, à medida que sua barriga ia crescendo, sua aflição aumentava. Não conseguia pensar que tinha dentro de si uma “coisa” que não pudesse tirar a hora que quisesse. [...] Natália implicava com tudo e todos. Vó Maria percebeu que a filha iria parir sozinha, pois, nenhum médico mais queria atendê-la e as enfermeiras corriam do quarto, querendo distância da parturiente nervosa[...] Quando as contrações foram ficando mais fortes, Natália falou para vó Maria: “se a criança nascer morta tirem retrato, porque outra eu não tenho!” (SANT’ANNA, 2017, p. 32)

Num tom bastante intimista, a narradora lança um olhar sobre a própria vida, mostrando sensibilidade no contato com a realidade ao lembrar que o bebê de Natália, sua

tia, nasceu de oito meses, gerando em sua família uma espécie de “tabu” dos oito meses; porém, seu próprio filho, o Gabriel, também nasceu de oito meses, quebrando, segundo ela o tabu dos “fatídicos oito meses”, que seria uma menção a outras gestações ocorridas em sua família, as quais foram interrompidas quando chegavam aos oito meses. Em uma conversa descontraída com seu interlocutor, a narradora desenvolve o que Candido (1992) aponta como uma *crônica diálogo*.

Em mais uma crônica, ao compartilhar as histórias familiares com o leitor, a narradora nos concede muitos detalhes sobre o comportamento das personagens, nos apresenta os diálogos que travaram. Comporta-se como narradora homodiegética, testemunha da história que ouviu e agora perpetua por meio da escrita; porém, ao fazer um paralelo entre a história da tia Natália e a própria história, mostra-se não apenas uma testemunha, mas também como uma participante da narrativa. O primeiro parágrafo da crônica dialoga com a anterior, pois retoma o tema da crise e põe em oposição o posicionamento de duas personagens: de um lado vô Lídio, que temia épocas de crise e de outro lado vó Maria, que não se preocupava com elas. São personagens principais na narrativa: vó Maria e sua filha Natália, caracterizada como uma mulher nervosa e aflita no tocante à gestação. Participam como personagens secundárias: um médico, a enfermeira Romilda, que era sobrinha de vó Maria e o bebê de Natália.

Os espaços nos quais as personagens atuam são as cidades de Iepê e Presidente Prudente e, mais especificamente, o hospital, espaço fechado no qual a personagem Natália vive sua experiência angustiante de dar à luz a uma criança prematura. O pretérito imperfeito do indicativo aparece frequentemente na narrativa, sinalizando para um passado mais distante, como observamos em “não se **preocupava** com a crise”, “os cuidados com as filhas **eram** uma constante” (p. 32 – grifos nossos) e, como forma de marcá-lo a narradora também usa a expressão “desde a época de vó Maria” (p. 33).

Em *Os assobios do saci* (2017, p. 34-35), há um diálogo com as lendas brasileiras, ao mesmo tempo em que a narradora nos mostra mais um dos cenários do interior paulista no início do século XX:

Quando vó Maria morava no sítio da Figueira, era prática comum alugar o pasto para os tropeiros que viajavam pelo interior, levando suas boiadas. Durante a permanência desses tropeiros no sítio, as noites eram movimentadas. Eles faziam fogueiras, e as rodas de conversa iam se formando. As histórias contadas nessas rodas eram incríveis: passavam pela política, pela religião e descambavam no sobrenatural. Os tropeiros contavam que, nas suas andanças pelo interior, viam lobisomem, mula-sem-cabeça e o saci. Diziam ouvir o assobio do saci pelas matas e ver as folhas balançarem quando ele passava. [...] Uma amiga de minha avó contava

que, à noitinha, ouvia o assobio do saci, e tratava de recolher os filhos e trancar a porta da casa. (SANT'ANNA, 2017, p. 34)

No decorrer da narrativa, a narradora destaca, como se estivesse conversando com o leitor, que sua avó não era dada a superstições, mas que era bastante comum às pessoas serem supersticiosas nessas terras interioranas. Temos, então, mais um exemplo de *crônica diálogo*.

Prevalece nessa crônica a voz de uma narradora homodiegética que nos apresenta um relato bem elaborado das histórias à época de vó Maria. A fim de marcar sua afetividade com as personagens, utiliza as formas carinhosas “vó Maria e vô Lídio (p. 34 – grifos nossos), assim como o pronome possessivo “**minha** avó” (p. 35 – grifo nosso). Por meio do discurso indireto, a narradora nos leva a conhecer as falas e os pensamentos das personagens. Esse recurso acelera a narrativa, visto que a narradora vai relatando pequenas histórias distintas no decorrer da crônica.

A personagem principal é vó Maria, que se divertia como espectadora das histórias contadas pelos tropeiros. São personagens secundárias da narrativa: vô Lídio, os tropeiros, uma amiga e uma vizinha de vó Maria. As personagens são descritas brevemente e apresentam um número pequeno de atributos, podendo ser classificadas como planas.

O espaço macro é a cidade de Iepê, sendo que parte da narrativa se passa na área rural, no sítio da Figueira, local em que vó Maria morou por certo tempo e também na casa de vó Maria, no espaço urbano, visto que a personagem se muda para a cidade e também na casa de uma vizinha sua. Em mais uma narrativa atestamos o uso do pretérito imperfeito como meio de referir-se ao tempo distante em expressões como “quando vó Maria **morava** no sítio da Figueira” (p. 34), “as noites **eram** movimentadas” (p. 34), “os tropeiros **contavam**” (p. 34 – grifos nossos). Destacamos que usos, como “uma vez” (p. 34), “já morando em Iepê” (p. 35), também contribuem para a construção do tempo cronológico, dando progressão à história que nos é contada.

Doçura é coisa boa! (2017, p. 36-37). Nesta crônica, novamente vemos a narradora revisitar os “causos” de sua avó de maneira muito humorística, como se fossem piadas desdobradas, uma crônica semelhante à *anedota*. Observemos este trecho:

Vó Maria gostava de usar o ditado popular “adoce a boca!”, quando as filhas estavam nervosas. Nessas ocasiões, não perdia a oportunidade de contar a história de um homem que visitara o engenho do tio Eugênio. O homem chegou e, gentilmente, foi convidado a conhecer as instalações do engenho. [...] provou do melado que estava no tacho, gostou e, naquele dia, ingeriu melado em quantidade industrial. [...] Os empregados do engenho, com medo da sede que fatalmente recairia sobre o homem, mais que depressa esconderam todos os potes de água. A água que usavam

para encher os potes vinha de uma mina, razoavelmente perto do engenho. O homem continuou degustando as rapaduras, até que estalou a língua e pediu água. Os empregados, prontamente, indicaram o caminho da mina. Ele correu para lá e, bebendo água sem parar, exclamava entre um gole e outro: “ah! Doçura é coisa boa!”. (SANT’ANNA, 2017, p. 36)

A narradora busca destacar o que de melhor a personagem vó Maria possuía: bom humor ao olhar para as histórias que a vida tece.

Notamos a narradora homodiegética, como testemunha das histórias compartilhadas em família e que, em determinados momentos, utiliza a 1ª pessoa do discurso, incluindo-se na narrativa ao imprimir suas memórias na mesma para estreitar seus laços afetivos com uma das personagens, tio Pedro. A fim de ressaltar o humor presente nessa crônica, a narradora conta com o uso de hipérbole, como identificamos em “ingeriu melado em quantidade industrial” (p. 36) e, com o propósito de ressaltar a ideia de que tio Pedro, após uma queda grave, fora tratado de maneira doméstica por duas outras personagens, emprega as aspas na palavra “medicado” (p. 36).

Participam da história narrada vó Maria, que gostava do ditado popular “adoce a boca!” e sempre o usava para acalmar as filhas quando estavam nervosas; um homem que se encantou com o engenho de tio Eugênio e consumiu produtos doces em grande quantidade, o que causou uma sede imensa; tio Pedro, descrito como muito atrapalhado na época de sua juventude e vó Lídio. Sobressai nessa crônica o espaço rural: as instalações do engenho, o caminho da mina, o sítio, a estrada de terra, a mata.

Em relação ao tempo, há uma alternância entre o pretérito imperfeito do indicativo, como observamos nos exemplos: “quando as filhas **estavam** nervosas” e o pretérito perfeito do indicativo “ele **provou** do melado” (p. 36 – grifos nossos). A fim de atestar o tempo longínquo em que as histórias se passaram, são utilizadas expressões tais como “quando moço” (p. 36), “certa vez” (p. 36), “naquela época” (p. 36), entre outras.

Vemos em *A “lógica natural”* (2017, p. 38-39) mais uma das crônicas divertidas que compõem a obra. Já no título, observamos as marcas da oralidade tão presentes na fala dos moradores das cidadezinhas do interior. Nela, a narradora compartilha conosco mais uma das qualidades de vó Maria: adorava crianças e as tratava com mimos e agrados. Ao introduzir mais um personagem na narrativa, a autora assim descreve:

A pedagogia de vó Maria não era compartilhada pelo Zé Sordado, que disciplinava sua filha militarmente, exigindo um aprendizado precoce, acrescido de exibições de genialidade. A pequena tinha uns três ou quatro anos quando foi obrigada pelo pai a aprender a ler, escrever e contar. Não satisfeito, Zé Sordado obrigava-a a decorar e

recitar longos poemas, e a responder perguntas sobre a História do Brasil. [...] A filha do Zé Sordado, às vezes, se esquecia de algumas palavras nas sabatinas, coisa que não acontecia com um orador famoso da época de vó Maria. (SANT'ANNA, 2017, p. 38)

Esse orador, certa vez se empolgou e soltou: “uns têm o dom de cantar, outros de tocar um instrumento, e, alguns, como eu, têm a lógica naturar!” (p. 38). Na reflexão da autora, vó Maria quando encontrava uma resposta para alguma pergunta que lhe era impertinente, se justificava dizendo ter usado a “lógica naturar”, assim como a usava o orador. Outra vez, encontramos um exemplo de crônica com traços de *anedota*.

A narradora nos relata a maneira como as personagens se comportavam diante das cenas da vida cotidiana, os fatos inusitados e divertidos desse passado remoto. Configura-se como narradora homodiegética, sempre como uma testemunha do que ouviu; porém, quando deseja falar si e de seus familiares, a fim de estreitar a relação com a personagem vó Maria, por meio da memória afetiva, usa a 1ª pessoa do plural, como vemos em “E, disso, **nós** — seus descentes — nunca **duvidamos**” (p. 39 – grifos nossos). O título contribui para conferir humor à narrativa, pois carrega em si os traços da fala cotidiana de determinados habitantes do interior paulista ao utilizar a forma “naturar” (p. 38).

A personagem vó Maria é descrita como alguém que adorava crianças, que as tratava com mimos, gostava de agradá-las. Dividem a narrativa com vó Maria o Zé Sordado, que apreciava exibir a filha aos conhecidos e também um orador nada modesto, visto que se orgulhava de seus discursos. A narradora não concede às personagens muita complexidade psicológica, portanto, são todas personagens planas, as quais, por meio de suas ações geram humor na narrativa.

No espaço fechado, a casa, Zé Sordado pressionava a filha pequena para mostrar aos outros todo o seu conhecimento sobre poesia, matemática ou história. A fim de ressaltar o comportamento exagerado de Zé Sordado, a narradora utiliza uma hipérbole, como observamos em “chegou a bater com o pé no chão **por mais de uma hora**” (p. 38 – grifos nossos). Já na igreja, espaço também fechado, o orador envaidecido atraía para si a atenção dos outros, ávido por externar suas ideias e convicções sobre determinado assunto.

Como meio de marcar o tempo cronológico e assinalar a distância temporal em que as histórias aconteceram, a narradora faz uso do pretérito imperfeito do indicativo, que predomina na narrativa, como podemos visualizar em “**adorava** crianças”, “**sabatinava** a filha”, “**continuava** perguntando”, “**saía** vitoriosa” (p. 38 – grifos nossos), por exemplo.

O fim do mundo (2017, p. 40-42) é a crônica que trata de uma visão que teve um cunhado de vó Maria a respeito do fim dos tempos, e o fato repercutiu na cidade gerando medo nos moradores sobre os “últimos dias”. Sobre o episódio, assim pontua a narradora:

Vó Maria, prática como sempre, acalmava minha mãe, tia Natália e as outras pessoas com o argumento bíblico de que nem os anjos do céu sabiam o dia do apocalipse. [...] Vó Maria sempre pensou com a própria cabeça, não era levada por opiniões ou dogmas, sem antes refletir sobre eles. Dizia que não concordava com o trabalho dos missionários nas aldeias indígenas, pois, se os índios não conheciam a palavra de Deus, já estavam salvos, e o melhor era deixá-los em paz, nas suas tribos. (SANT’ANNA, 2017, p. 40-41)

Vemos aqui um olhar incisivo da narradora na descrição da avó: uma mulher que se posicionava diante de questões diversas, não se dobrando diante de opiniões alheias. Novamente, a narradora tece uma conversa com o leitor, aproximando a crônica a um *diálogo*.

Observamos que a narradora concede ao leitor pormenores a respeito do comportamento das personagens, dos fatos ocorridos, prendendo a nossa atenção ao desenrolar da narrativa. Seu discurso a apresenta como uma testemunha dos fatos; usa frequentemente os pretéritos imperfeito e perfeito do indicativo, como notamos, respectivamente em: “Tio Guilherme **estava** passando na rua e o farmacêutico o **gritou** alarmado” (p. 40 – grifos nossos). Em determinados momentos, observamos o uso do discurso direto, a fim de dar voz à personagem vó Maria, ressaltando traços de sua personalidade forte e marcante. Ao utilizar as formas afetivas “**vó** Maria”, “**vô** Lídio”, “**tio** Guilherme” (p. 40 – grifos nossos), a narradora aponta para o elo emocional que possui com seus antepassados.

São personagens principais: vó Maria, cujas características destacadas são a praticidade em relação aos acontecimentos da vida, a firmeza em defender suas opiniões, a doçura e a língua afiada; e tio Guilherme, que após sofrer um grande trauma ao conceder ajuda a um farmacêutico, diz ter uma visão reveladora sobre o fim do mundo. Participam como personagens secundários o farmacêutico, vô Lídio e alguns irmãos, um padre, um pastor e a filha caçula de vó Maria.

Nessa crônica, predominam os espaços fechados: a casa, a cadeia e a igreja. A cadeia, por exemplo, contribui para gerar no leitor a percepção de uma narrativa com teor um pouco mais tenso que as outras. A narrativa desenvolve-se de modo linear, sendo que a expressão “na década de 1950” (p. 40) aponta de modo direto para o momento em que a história se passou. Contribuem para a progressão dos fatos outros marcadores temporais, como “nos jornais da época” (p. 40), “passavam os dias” (p. 40), “o tempo foi passando” (p. 42).

Em *Macário e a civilização* (2017, p. 43), a narradora medita sobre situações difíceis enfrentadas por todos nós, a partir da figura de Macário, homem que vivia em contato direto com a natureza no início do século passado. Assim nos apresenta o panorama daquela época:

Quando vó Maria e vô Lídio chegaram à região de Iepê, no final da década de 1910, ainda não havia nada ali: eram terras a serem desbravadas. A cidade foi nascendo através do trabalho de homens e mulheres que manipulavam a mata e o destino a golpes de facão. [...] Quando os homens e as mulheres foram chegando, abrindo rudimentarmente picadas na mata e construindo os primeiros ranchos, Macário não aguentou. Pegou suas coisas e declarou: “eu vou me embrenhar no sertão, porque aqui a civilização já está demais!”. (SANT’ANNA, 2017, p. 43)

Sobre a personagem Macário, pondera:

Talvez fosse um louco, ou um sábio que enxergasse muito além do seu tempo. Talvez pressentisse que a humanidade sempre estaria de facão na mão, procurando abrir picadas sem saber aonde isso pode levar. Hoje, somos levados a abrir picadas todos os dias, embrenhados numa “civilização” que cultiva o dinheiro, a aparência, o acúmulo de bens e a posição social. Abrimos picadas, às vezes inconscientemente, porque também somos manipulados pela cultura do ter, do poder e do sucesso, que fomenta o caldo existencial em que nos vemos mergulhados. (SANT’ANNA, 2017, p. 43)

Assim, temos nessa crônica a reflexão acerca dos tempos modernos e um questionamento que nos leva a meditar: “Macário fugiu! Será que adiantou? Nunca saberemos” (p. 43). Por haver um tom de conversa da narradora com seu interlocutor, temos um modelo de *crônica diálogo*.

Notamos que a narradora é homodiegética e inicia a história tratando da chegada dos avós à região de Iepê e também da apresentação da personagem Macário, posicionando-se como uma testemunha, uma espectadora das ações das personagens. Ao se aproximar do final da história, faz uso da 1ª pessoa do plural, como vemos em: “é comum **exclamarmos**”, “**somos** levados a abrir picadas” (p. 43 – grifos nossos), incluindo a si mesma e também o leitor na narrativa com intuito de refletir sobre situações de nosso presente. Faz uso de analogia ao estabelecer correspondência entre Macário, os desbravadores das terras do sertão paulista e a civilização atual. Por meio do uso de aspas na palavra “civilização” (p. 43), a narradora questiona uma sociedade que valoriza o acúmulo de bens, a aparência, a posição social.

Macário é a personagem principal, caracterizada como alguém próximo à natureza, avesso à civilização e preocupado apenas com a sobrevivência diária e não com o acúmulo de bens. O espaço macro é a região de Iepê e mais precisamente as matas, local que representa o

ideal de liberdade de Macário, visto que este se embrenha no sertão a fim de evitar qualquer contato com o ser humano desbravador.

Com intuito de demarcar o tempo, a narradora conta com o uso das expressões “no final da década de 1910” (p. 43), “nessa época” (p. 43). Ao fazer um contraponto entre tempos distintos, o advérbio de tempo “hoje” (p. 43) é utilizado.

Legado (2017, p. 44), antepenúltimo texto da obra, apresenta uma dose de lirismo, em que a narradora extravasa seus sentimentos, sua subjetividade ao discorrer sobre as crônicas que compôs:

Comecei essas crônicas dizendo que não conheci vó Maria. Ao terminá-las, concluo que a conheci: se não fisicamente — que é o que menos importa — mas, através de seus *causos*, que me decifraram sua alma, sua coragem, seu jeito de encarar a vida, suas filosofias. [...] Quanto às filosofias de vó Maria e seus contemporâneos, estas continuam pairando no vento e talvez, quem sabe, soprem em meus ouvidos novas histórias, contadas por outras bocas... (SANT’ANNA, 2017, p. 44)

Nessa narrativa, observamos um tom confessional, uma carga grande de sentimentalismo, emotividade. É como um convite para que cada um busque sua história, e que, ao realizar essa busca, dê continuidade a ela. Por esses motivos elencados anteriormente, pelo lirismo, temos aqui, um exemplo de crônica semelhante à *exposição poética*.

Atentamos para o predomínio da 1ª pessoa do discurso, ora do singular, quando a narradora tece considerações sobre sua relação com a história da avó, observadas em: “quanto a **mim**, já é tempo de terminar essas crônicas, mas **confesso** não querer fazê-lo” (p. 44 – grifos nossos) e ora a 1ª pessoa do plural, quando inclui seus familiares nesta história e reflete sobre a mesma, como notamos em: “É o que **nos** faz sentir parte de uma história, uma história que continua” (p. 44 – grifo nosso). A narrativa é marcada pela subjetividade. Ressaltamos que a narradora, por meio de linguagem metafórica, afirma que ao conhecer os “causos” da avó, estes “**decifraram** sua alma” (p. 44 – grifo nosso), ou seja, acredita ter conhecido profundamente a avó, seu modo de apreender o mundo, de se relacionar com o outro, por meio dos relatos provindos de seus familiares.

A narradora se inclui como personagem, é autodiegética, se sente como parte da história que narra, como constatamos em: “Quando meus antepassados me povoam, evocam paz...” (p. 44). A essa história ela dá perpetuidade e divide o espaço da narrativa com a avó, figura que protagoniza a maior parte das crônicas.

Não há marcação explícita do espaço físico, mas sim um espaço psicológico, interior da personagem, que compartilha com o leitor os sentimentos, os pensamentos, as reflexões

sobre a importância em se deixar um legado para ser passado de geração a geração. Em relação ao tempo, destacamos que há certa cronologia, marcada pelos verbos nas expressões “**comecei** essas crônicas” (p. 44 – grifo nosso) e em “ao **terminá-las**” (p. 44 – grifo nosso) e, também o tempo psicológico, marcado pelos pensamentos e reflexões da narradora.

Partindo para o final da obra encontramos, sob o título de *Alguns dados biográficos* (2017, p. 45), um pouco da história da família Sant’Anna, uma das pioneiras de Iepê. Ressaltamos, aqui, que segundo a narradora, o casal formado por vó Maria e vô Lídio era de primos legítimos, o que nos revela um fato muito comum entre nossos antepassados: o casamento entre parentes próximos. Ainda que trate de dados biográficos, a narradora prossegue mantendo tom de conversa com o leitor, ao que Candido (1997) chama de *crônica diálogo*, e, ressalta que “A história de vó Maria e vô Lídio é uma herança muito forte e viva”. (2017, p. 45)

Por tratar-se de dados biográficos, a narradora apresenta ao leitor alguns de seus antepassados. O fato de usar as formas de tratamento “vô” e “vó” funciona como um mecanismo que a aproxima do relato, traz a voz narrativa para dentro da história, como uma testemunha, assim como a inclusão de seu nome e de seus familiares nas notas de rodapé. Predomina o uso do pretérito imperfeito do indicativo “chamava-se”, “tinha”, “era”, “dedicava-se”, “foram”, “esteve” (p. 45), por exemplo.

Há um destaque para as vidas de vó Maria e vô Lídio, os quais se casaram muito jovens e além de muitas histórias, mantiveram-se vivos por meio da inclusão do sobrenome Sant’Anna no nome dos bisnetos. João Rufino, o bisavô da narradora, além de pioneiro da cidade de Iepê é destacado por ter sido um exímio apicultor e muito dedicado no plantio de árvores frutíferas, de excelentes qualidades.

O espaço citado nessa penúltima crônica mostra o caminho percorrido pela família Sant’Anna, da Alemanha para tentar a vida no Brasil, a chegada ao Sertão dos Patos, onde participaram da fundação do Patrimônio da Liberdade, posteriormente denominado Iepê. Prevalece o tempo cronológico, uma vez que a crônica trata da exposição de dados biográficos a respeito família Sant’Anna. A narradora parte de 1900 até chegar aos dias atuais, quando tece uma breve reflexão sobre a história dos avós e a herança cultural que deixaram. Nessa penúltima crônica, temos a impressão de que a narradora a amarra às demais, como se fossem uma a uma a continuação da história da família.

O nascimento de Iepê: uma cidade sertaneja (2017, p. 46-48) é o texto que encerra a narrativa, trazendo um breve olhar para a fundação do município, que como já mencionamos

anteriormente, nasceu pautado nos ideais da construção de uma Cultura de Paz e, segundo nos expõe a narradora “E assim nasceu Iepê...de um sonho de liberdade!” (p. 47). Nessa crônica que encerra obra, prevalece o tom de conversa da narradora com seu interlocutor ao abordar a fundação do município, e nos deparamos com mais um exemplo de *crônica diálogo*.

A narradora tem a intenção de expor ao leitor fatos sobre o nascimento peculiar de Iepê. Apenas no final da crônica, vale-se da 1ª pessoa do plural para enfatizar que não podemos nos esquecer de que a cidade nasceu para ser um lugar único, onde não houvesse tipo algum de perseguição. Podemos então considerá-la uma narradora homodiegética, que se comporta predominantemente como uma testemunha inclusive do nascimento da cidade de Iepê. Narra de dentro, pois assinala pelas marcas da 1ª pessoa do plural que a construção desse local ainda se dá, dia após dia, por meio da participação coletiva.

Por se tratar da origem do município, de modo muito abreviado, alguns personagens são citados sem que muitos detalhes sejam dados a seu respeito. Destacamos o casal Tertuliano Machado Coutinho e Brasilina Alves Coutinho, em cujo lar foi organizada a Igreja Presbiteriana Independente de Iepê; Francisco Severiano de Almeida, eleito para dirigir o Patrimônio de São Roque, mas que foi destituído do cargo por conta de perseguição religiosa e, posteriormente, doou alqueires de terra para a construção de um novo patrimônio e João Rufino Sant’Anna, que participou da decisão da fundação do Patrimônio da Liberdade.

O espaço macro dessa narrativa é o Sertão dos Patos, situado no oeste paulista, com destaque ao Patrimônio de São Roque, foco dos conflitos entre católicos e protestantes, e o Patrimônio da Liberdade, fundado para que todos pudessem conviver pacificamente. Observamos o predomínio do tempo cronológico nessa crônica, sendo que a narradora parte de 1917 e também nos apresenta fatos de 1921, 1923, 1924, 1926, 1927, 1940, 1943, 1944, encerrando a narrativa com uma reflexão acerca do tempo atual, ressaltando a importância de respeitarmos os direitos das pessoas, a liberdade de pensamento e de expressão.

Ao expormos nessa seção cada uma das crônicas de *Filosofias de Vó Maria: Crônicas de um Cotidiano Caboclo* (2017), pretendemos apresentar as particularidades de cada uma das narrativas, assim como assinalar seu valor estético para suscitar no leitor o desejo de leitura das mesmas na íntegra.

Retomamos, nesse ponto, que predominou nas crônicas uma narradora que se posiciona como testemunha das histórias que ouviu junto aos familiares e que, por meio da memória afetiva, imprimiu a cada uma delas seu olhar, estreitando seus laços com os antepassados. As personagens, em sua maioria, praticam ações que tendem ao humor e são

descritas sem que haja muita densidade psicológica, até por conta da brevidade dos textos. Há destaque para o espaço que corresponde à cidade de Iepê: os sítios, a igreja, a praça central, as casas modestas; e, as indicações temporais apontam para o início do século passado, porém a narradora sempre tece diálogos com o tempo presente.

Por meio da abordagem das categorias literárias, buscamos refletir sobre a construção dos sentidos das crônicas, atestando sua literariedade e assinalamos que a observação de tais categorias em nossa sequência de atividades podem contribuir para tornar o aluno um leitor mais proficiente, crítico, capaz de compreender o que está além do texto literário. Destacamos que as crônicas, embora tendo como referência um outro tempo, nos permitem abordar muitos assuntos que sempre nos serão “atuais”: vida, política, comportamentos...entre outros.

2.4 A importância da obra e do seu valor cultural

A história e a Memória não são apagadas pela morte, continuam soprando no vento.”

Nê Sant´Anna

A obra *Filosofias de Vó Maria: Crônicas de um Cotidiano Caboclo* foi publicada em 2017 pela Editora Clube de Autores – Joinville/SC. É composta por 21 narrativas curtas que retratam com humor e leveza o modo de viver no interior paulista, no período que compreende a primeira metade do século passado. Trata-se de uma obra literária de viés social muito específico. Lajolo (2018) ressalta que para a existência de uma obra literária é preciso que alguém a escreva e que outro alguém a leia. Salienta também que a obra literária cumpre uma natureza social, de criar um espaço de interação entre dois sujeitos: o autor e o leitor. A este encontro entre leitor e autor, a esta interação, ela chama de estética.

Partindo dessa premissa, Nê Sant´Anna, por meio dos “causos” de Vó Maria, nos faz reviver, pela leitura, o estilo de vida de nossos antepassados, os quais mesmo em meio a dificuldades, levavam a vida sem perder a alegria. Como pontua a autora (2017, p. 6), “Não existiam, pelo interior do Estado de São Paulo, luz elétrica, água encanada, médicos e muito menos, controle de natalidade”.

Assim nos aponta a autora na quarta capa do livro:

Através dos “causos” de Vó Maria e da sua percepção de mundo, as lutas e os sentimentos desses sertanejos esboçam-se em um quadro fragmentado de memórias, nas quais encontramos muito da alma cabocla brasileira e, de certa forma, algum

alento para prosseguirmos, e prosseguirmos com humor. Além desses aspectos, o livro apresenta como pano de fundo o nascimento inusitado de Iepê, cidade do interior paulista fundada sobre um alicerce de ideias incomuns para a época e inspiradoras até nossos dias. (SANT'ANNA, 2017)

Pela leitura da obra, acreditamos ser possível ampliar o repertório do aluno/leitor sobre a cidade em que vive, visto que muitos estudantes não conhecem quase nada sobre a origem do município. A esse respeito, Nê Sant'Anna ressalta:

O que nunca podemos esquecer sobre o nascimento dessa cidade é que ela nasceu para ser um lugar no qual não houvesse perseguições religiosas e onde fossem respeitados os direitos das pessoas e a liberdade de pensamento e de expressão. Portanto, a cidade nasceu propondo a construção, todos os dias e por todas as pessoas, de uma Cultura de Paz, pois Iepê nasceu para ser "UMA TERRA PARA TODOS". (SANT'ANNA, 2017, p. 47-48)

Também por meio da leitura da obra, encontramos uma forma de preservarmos a história e a memória de nossos antepassados. Assim, encontramos no início do livro:

Estas crônicas são dedicadas aos que construíram um passado sem lamúrias, de onde podemos retirar humor, força, esperança, coragem e fé para a nossa e as próximas gerações. (SANT'ANNA, 2017, p. 3)

A obra estabelece a conexão entre passado e presente, como podemos observar no seguinte trecho:

Quando meus antepassados me povoam, evocam paz...É como se vó Maria, num sussurro, filosofasse: "não ligue para as crises, elas passam. Toque a vida, cuide do que for possível, ria do impossível e tenha fé!" (SANT'ANNA, 2017, p. 44)

Enfim, tomamos a obra *Filosofias de Vó Maria: Crônicas de um Cotidiano Caboclo* (2017) como um texto literário e reconhecemos o poder de transformação da leitura por meio dele, na busca de um leitor proficiente, autônomo, capaz de significar e ressignificar os textos em conformidade com sua prática social. No capítulo seguinte, apresentamos um conjunto de atividades, buscando levar essa obra para a sala de aula, e também um Suporte Pedagógico (cf. Apêndice) destinado a professores do Ensino Fundamental, cujo propósito é contribuir com sua prática docente por meio de uma proposta adaptável ao contexto de cada comunidade escolar.

Capítulo 3 - A crônica na sala de aula: caminhos para o letramento literário

Neste capítulo, apresentamos uma proposta pedagógica voltada a alunos do Ensino Fundamental, com o objetivo principal de promover o letramento literário a partir do gênero textual *crônica*. Embora tenhamos como público-alvo o 9º ano, que em geral é composto por estudantes mais maduros para a discussão de uma obra literária, é importante destacar que essa proposta pode ser adequada a alunos de outros anos do Ensino Fundamental II e também do Ensino Médio.

A metodologia parte do levantamento sobre o tema *letramento literário*, em seguida, para a leitura e o estudo de textos teóricos sobre o assunto à luz de Cosson (2018), Paulino e Cosson (2009), Ferreira e Remenche (2015), entre outros, e, posteriormente, para a elaboração da proposta didática. Reiteramos que, por conta da pandemia de COVID - 19, a proposta tem caráter propositivo, como rege a resolução 003/2020, elaborada pelo conselho gestor do Programa de Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS). Esperamos, porém, que futuramente sua aplicação em sala de aula seja possível.

Segundo Cosson (2018), o letramento literário se reporta especificamente ao processo de escolarização da literatura. Em *Letramento literário: teoria e prática* (2018), Cosson propôs a sistematização das atividades das aulas de literatura em duas sequências exemplares: a básica e a expandida. Na sequência básica, o autor propõe a montagem de quatro passos: (1) *motivação*, que tem como intuito aproximar o aluno e o texto; (2) *introdução*, que objetiva a apresentação do autor e da obra; (3) a *leitura*, que é o contato do aluno com o texto; (4) a *interpretação*, que resulta das relações estabelecidas pelo leitor após a leitura do texto.

Já a sequência expandida, mais voltada ao Ensino Médio, engloba as mesmas etapas da sequência básica, porém, além delas, há o acréscimo de outras duas etapas: a *contextualização*, que abarca a contextualização teórica, histórica, estilística, poética, crítica, presentificadora, temática; e, também, a *expansão*, definida como um diálogo que o leitor constrói entre duas ou mais obras. Vale ressaltar que a sequência expandida é mais longa e, segundo o autor, mais indicada para ser aplicada quando a obra é extensa.

A partir dessas sequências, Rildo Cosson (2018) apresenta possibilidades concretas de organização das estratégias que podem ser utilizadas nas aulas de literatura do ensino básico, a fim de proporcionar o contato dos estudantes com o texto literário e estimular sua leitura.

Nossa pesquisa terá como foco a sequência básica que, segundo o autor, é destinada ao ensino fundamental, ciclo ao qual este trabalho se destina. Nossa expectativa é de que os alunos acolham essa proposta com empolgação, principalmente na etapa inicial, para que

possam interagir de forma satisfatória ao longo das atividades. Retomamos, nesse ponto, de forma mais detalhada, a sequência básica e suas quatro etapas: *motivação, introdução, leitura e interpretação*.

Com o intuito de promover uma articulação com outras disciplinas escolares, sugerimos que antes de dar início às atividades da sequência básica com os alunos, haja um diálogo entre os componentes curriculares Língua Portuguesa e História, a fim de que os alunos possam conhecer de modo mais aprofundado a história do município em que vivem. É importante salientar que assim como a história do Brasil e das demais civilizações merecem ser estudadas, há também uma história local, rica, a qual merece ser revisitada, refletida, pois somos parte integrante dela. Indicamos, para este momento, a leitura do livro *Para uma cultura de paz nasceu Iepê: a cidade de Chiquinho*, uma obra em quadrinhos de Nê Sant'Anna e Paulo Fernando Zaganin Rosa (2013).

A primeira etapa da sequência básica, chamada *motivação*, prepara o aluno para entrar em contato com o texto. Essa etapa é importante, pois deve despertar o interesse do aluno pela leitura. É o momento de fazer uma mobilização para aproximar os alunos da experiência que viverão com a leitura literária selecionada. Cosson (2018, p. 54) afirma que “O sucesso inicial do encontro do leitor com a obra depende de boa motivação”. O autor ainda pontua:

Devemos observar, entretanto, que a aproximação do aluno com a obra objeto da leitura literária feita pela motivação não precisa ser sempre de ordem temática, embora essa seja a ligação mais usual. (2018, p. 55)

Nomearemos a atividade dessa primeira etapa, em nossa proposta, de “*Bons tempos, doces memórias*”. Essa etapa inicia-se com a leitura compartilhada do poema *Memória*, de Cecília Meireles (1997).

Memória

Minha família anda longe,
com trajos de circunstância:
uns converteram-se em flores,
outros em pedra, água, líquen;
alguns, de tanta distância,
nem têm vestígios que indiquem
uma certa orientação.

Minha família anda longe,
— na Terra, na Lua, em Marte —
uns dançando pelos ares,
outros perdidos no chão.

Tão longe, a minha família!

Tão dividida em pedaços!
 Um pedaço em cada parte...
 Pelas esquinas do tempo,
 brincam meus irmãos antigos:
 uns anjos, outros, palhaços...
 Seus vultos de labareda
 rompem-se como retratos
 feitos em papel de seda.
 Vejo lábios, vejo braços,
 —por um momento, persigo-os;
 de repente, os mais exatos
 perdem sua exatidão.
 Se falo, nada responde.
 Depois, tudo vira vento,
 e nem o meu pensamento
 pode compreender por onde
 passaram nem onde estão.

Minha família anda longe.
 Mas eu sei reconhecê-la:
 um cílio dentro oceano,
 um pulso sobre uma estrela,
 uma ruga num caminho
 caída como pulseira,
 um joelho em cima da espuma,
 um movimento sozinho
 aparecido na poeira...
 Mas tudo vai sem nenhuma
 noção de destino humano,
 de humana recordação.

Minha família anda longe.
 Reflete-se em minha vida,
 mas não acontece nada:
 por mais que eu esteja lembrada,
 ela se faz de esquecida:
 não há comunicação!
 Uns são nuvens, outros, lesma...
 Vejo as asas, sinto os passos
 de meus anjos e palhaços,
 numa ambígua trajetória
 de que sou o espelho e a história.
 Murmuro para mim mesma:
 “É tudo imaginação!”

Mas sei que tudo é memória...

Concluída a leitura do poema, o professor deverá pedir que os alunos compartilhem ideias, breves reflexões sobre a temática do poema, sobre trechos que lhes despertaram a atenção. Esperamos que os alunos percebam que, por meio da memória, o eu poético tenta reconstruir sua família, que anda tão longe, mas presente em suas lembranças. O poema dialoga com a obra *Filosofias de Vó Maria: Crônicas de um Cotidiano Caboclo* (SANT´ANNA, 2017), pelo tema, visto que também há a presença da família, um olhar para o

passado, um esforço para lembrar os que se foram. Tanto no poema quanto na obra, observamos um tom intimista, confessional.

Para mediar este momento, propomos as seguintes questões:

- 1- Que assunto o eu poético compartilha conosco? Há algum verso que vocês gostariam de destacar, de fazer um comentário, uma reflexão?
- 2- É possível identificarmos se a voz que fala no poema é masculina ou feminina? Se sim, em que trecho isso nos fica claro? Essa voz demonstra sensibilidade ao mencionar sua família?
- 3- Ao escolher a palavra *longe* para se referir à família, o que o eu poético nos revela?
- 4- O poema é repleto de imagens. Ao falar da família, afirmando que “uns converteram-se em flores, outros em pedra, água, líquen”, o que o eu poético nos sugere com essas imagens?

Ainda na etapa da *motivação*, após esse primeiro momento, nossa proposta é a confecção de um mural de fotos, em formato de um retrato antigo, cujas bordas se assemelham a um bordado. A sugestão se justifica pelo fato de que intencionamos fazer um diálogo com o passado, com os tempos antigos e, também, como esclareceremos mais adiante, um diálogo com o Blog Bordados do Tempo¹⁸. Mais uma vez, consideramos o contato de nossa pesquisa com outro componente curricular, Arte, e recomendamos que o mural seja construído pelos alunos com o auxílio do professor dessa disciplina, a fim de promover uma articulação de ações interdisciplinares.

Os alunos deverão ser convidados, em aula anterior, a trazer para a sala de aula fotos que retratem situações em família. As fotos devem ser, preferencialmente, de tempos atrás, e retratar momentos vividos com os seus entes queridos. Em seguida, deverão ser orientados para que, em conjunto, façam a montagem do mural. Em cada foto deverá ser posta uma legenda, uma frase criativa, reflexiva ou emotiva, que sinalize para o momento retratado.

¹⁸ Bordadosdotempo.blogspot.com. Nesse blog, criado em 2013 por Nê Sant’Anna e Paulo Fernando Zaganin, encontramos crônicas que dialogam com história de Iepê.

Figura 3- Imagem de um porta-retratos antigo



<https://www.papelpicadobh.com.br/>

Após a conclusão dessa atividade, os alunos terão a oportunidade de dividir oralmente com os colegas pequenos relatos sobre os momentos que as fotos lhes trazem à lembrança. Onde estavam? Com quem aparecem na fotografia? Por que a ocasião retratada é importante? Sentem saudade desses momentos?

A duração dessa etapa é de aproximadamente duas aulas, visto que as aulas de língua portuguesa geralmente acontecem em aulas duplas e a atividade requer um tempo considerável para ser realizada de forma satisfatória. Segundo Cosson:

Crianças, adolescentes e adultos embarcam com mais entusiasmo nas propostas de motivação e, na leitura quando há uma moldura, uma situação que lhes permite interagir de modo criativo com as palavras. (2018, p. 53).

Sendo assim, por meio da leitura do poema de Cecília Meireles (1997), autora que integra o cânone brasileiro, e da oficina¹⁹ de fotos, concederemos aos alunos a oportunidade de trocar, oralmente, algumas experiências sobre seu passado, retomadas a partir das fotos e também pela visualização do registro das legendas elaboradas por eles, assim como a oportunidade de refletir sobre o tema memória, abordado na leitura do poema.

A segunda etapa, intitulada *introdução*, consiste na apresentação do autor e da obra, a qual deve ser apresentada fisicamente, na versão original. Elementos como a capa, a orelha, contracapa, prefácios devem ser explorados, pois esses elementos são relevantes, visto que apresentam ao leitor informações importantes que acompanham a obra, como o título, a dedicatória, o índice, podendo motivar a sua leitura. Cosson (2018, p. 60) assevera que

¹⁹ O termo é tomado pelo autor como o lugar da construção, do aprender a fazer fazendo, onde o aluno pela prática constrói aprendizagens.

“Independentemente da estratégia usada para introduzir a obra, o professor não pode deixar de apresentá-la fisicamente aos alunos”.

Para que o livro e a autora sejam apresentados, propomos a realização de um Café Literário, o qual sugerimos que ocorra no MHIPI — Museu Histórico da Igreja Presbiteriana Independente de Iepê — SP, local onde se encontra um importante material fotográfico, documental e objetos que ilustram o modo de vida na primeira metade do século XX, tais como instrumentos musicais, peças de mobiliário, decoração.

Figura 4- Museu Histórico da Igreja Presbiteriana Independente de Iepê



Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora

Sugerimos que a autora seja convidada a participar desse momento, e os alunos poderão ter a oportunidade de dialogar com ela, de fazer perguntas, de conhecer suas motivações para escrever os livros e também os vários projetos de incentivo à leitura e à cultura dos quais participa no município de Iepê. Cabe ressaltar, nesse ponto, que a literatura não é apenas patrimônio dos autores consagrados, que entraram para a cultura mundial com suas obras e estão distantes de nós. Pode também constituir um patrimônio local.

Vários exemplares deverão ser levados e apresentados aos alunos, para que tomem contato com a obra e a manuseie, sintam o livro, seu cheiro, espessura, observando cada parte que o compõe. Sobre esta etapa, Cosson salienta,

Desse modo, a seleção criteriosa dos elementos que serão explorados, a ênfase em determinados aspectos dos paratextos e a necessidade de deixar que o aluno faça por si próprio, até como uma possível demanda da leitura, outras incursões na materialidade da obra, são as características de uma boa introdução. (2018, p. 61).

A terceira etapa, a *leitura da obra* selecionada, requer acompanhamento por parte do professor. A esse acompanhamento Cosson (2018) denomina *intervalos*, os quais podem ser realizados por meio de uma simples conversa sobre o andamento da história ou através de atividades mais específicas, como a análise de uma imagem, por exemplo. Nesse trabalho, propomos, como será melhor detalhado a seguir, que os intervalos aconteçam por meio de breves reflexões sobre as crônicas lidas.

A respeito dessa etapa, relativa à leitura, Cosson afirma que “Durante esse tempo, cabe ao professor convidar os alunos a apresentar os resultados de sua leitura no que chamamos de intervalos”. (2018, p. 62). Detalhamos o primeiro intervalo, a seguir.

Figura 5 - Capa do livro *Filosofias de Vó Maria: Crônicas de um Cotidiano Caboclo*



Fonte: www.clubedeautores.com.br

Propomos que os alunos leiam, individualmente, 10 crônicas, aproximadamente a metade da obra, que tem ao todo 21 crônicas. A leitura deve ocorrer fora do horário escolar, seja em casa, ou na sala de leitura da escola.

Após esse período, sugerimos a realização do primeiro intervalo de leitura, que consistirá em dispor os alunos em círculo, numa roda de conversa, para que comentem suas impressões sobre os relatos lidos até o momento e, também para que juntos, seja realizada a leitura de uma das crônicas da obra: *Eu embarco no arroz com feijão* (SANT'ANNA, 2017, p. 26-28). A escolha dessa crônica se deu ao fato de estar localizada, aproximadamente, na metade da obra e também porque apresenta, em sua construção, aspectos que nos interessaram na proposta de 1ª reflexão com os alunos, como por exemplo, a narradora que se mostra como testemunha da história e que, ao dar voz à uma das personagens, utiliza linguagem diferente

daquela usada quando nos relata a história. Cosson (2018, p. 63), a esse respeito, nos informa: “os intervalos, que constituem as atividades específicas, podem ser de natureza variada [...] pode ser a leitura conjunta de um capítulo ou trecho de capítulo”, ou outra atividade que o professor julgue pertinente para o acompanhamento da leitura. Esses intervalos são importantes, pois funcionam como um meio de entusiasmar os alunos a compartilharem com os demais sua percepção sobre a leitura, suas reflexões sobre a obra, comentar os trechos que julgaram mais interessantes.

Figura 6- Roda de conversa



Fonte: <http://blog.crb6.org.br/>

Para esse momento do primeiro intervalo, como forma de mediar as reflexões dos alunos, assim como observar o papel de alguns elementos da narrativa e determinados recursos linguísticos utilizados na crônica, propomos estas questões:

- 1- As crônicas lidas dialogam com o leitor? De que forma? Por meio de que temas?
- 2- Que relação vocês perceberam entre o título e as crônicas da obra? O que seriam as “filosofias” de Vó Maria?
- 3- Na crônica *Eu embarco no arroz com feijão*, a narradora se apresenta como alguém que vivenciou a história narrada, como uma personagem? Em algum trecho ela inclui o leitor na narrativa? Faz algum tipo de reflexão?
- 4- Ao dar voz ao personagem nhô Ricardo, vocês observaram se a linguagem usada pela narradora é a mesma usada quando ela dá voz ao personagem? Que efeitos de sentido a escolha da linguagem usada pela narradora provoca no texto?

- 5- A narradora utilizou algum recurso visual para dar certo suspense à narrativa? Vocês notaram uso de linguagem figurada ou conotativa? Comentem suas observações.

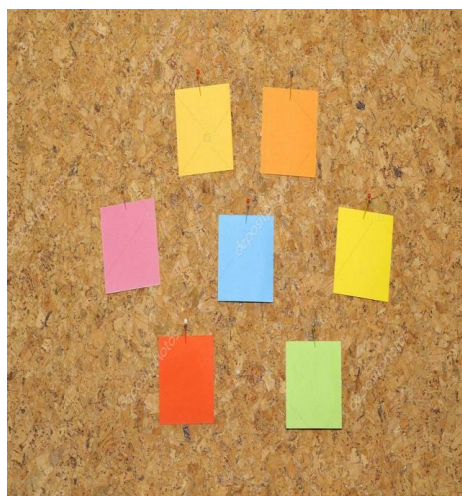
É importante que o professor faça, após o encerramento desse primeiro intervalo, realizado por meio de roda de conversa e leitura compartilhada de uma das crônicas, um combinado com os alunos, um pedido para que, em atividade extraclasse, realizem a leitura da parte restante da obra, no caso, 10 crônicas, para que então, mais um intervalo seja realizado, a fim de que possam apresentar, mais uma vez, os resultados de suas leituras.

Transcorrido o período de leitura das crônicas restantes da obra, novamente os alunos devem ser dispostos em círculo, para que comentem as novas crônicas lidas, reflitam sobre as personagens presentes nas narrativas, discutam as mudanças que observaram entre o tempo vivido pelas personagens e o atual, discorram sobre os ideais que pautaram a construção de Iepê. Nesse intervalo, propomos que mais uma crônica seja lida de forma conjunta, *Legado* (SANT'ANNA, 2017, p. 44). Os alunos poderão ter a oportunidade de registrar suas impressões, as quais serão transcritas em papéis adesivos, de várias cores, e fixadas em um painel, na própria sala de aula, para que todos tenham acesso às ideias uns dos outros. Para mediar esse segundo intervalo, propomos a reflexão sobre as seguintes questões:

- 1- Como o passado de Iepê nos é apresentado nas crônicas lidas? Como eram os lugares/espços retratados pela narradora? Ela usou expressões que marcam o tempo a que se refere nas crônicas? Que novos temas vocês notaram nas narrativas?
- 2- Na crônica *Legado*, vocês perceberam se a narradora se posiciona da mesma maneira como se posicionou em *Eu embarco no arroz com feijão*? Se não, que diferenças vocês observaram? Há, em algum trecho, emotividade nas palavras da narradora?
- 3- A narradora, em alguns momentos, se expressa por meio da linguagem conotativa ou figurada. Que sentidos podemos atribuir às expressões destacadas nos trechos: (...) através dos seus causos, que me **decifraram sua alma**, sua coragem, seu jeito de encarar a vida, suas filosofias; e, em (...) quando meus antepassados **me povoam, evocam paz...**?

- 4- Como as personagens se comportam nas narrativas da obra? Como vocês imaginam essas personagens? Há alguma personagem em especial que gostariam de destacar, comentar?
- 5- A respeito da fundação de nosso município, algo despertou sua atenção? Vocês julgam importantes os ideais de construção de Iepê? Por quê? Esses ideais ainda são atuais?

Figura 7- Mural



Fonte: <https://br.depositphotos.com/14817307/stock-photo-notes-on-pinboard.html>

Cada um dos intervalos deverá ter a duração de duas aulas de Língua Portuguesa, para que as atividades sejam proveitosas. A respeito dos intervalos, Cosson (2018, p. 62) reitera que “(...) pode ser feito por meio de uma simples conversa com a turma sobre o andamento da história ou de atividades mais específicas.²⁰”. Como já expusemos, nessa proposta optamos por fazer dois intervalos: o primeiro, com uma roda de conversa e leitura compartilhada de uma das crônicas, *Eu embarco no arroz com feijão* (SANT’ANNA, 2017, p. 26-28); e, o segundo, acrescentamos, além do círculo de conversa, a construção de um mural de papéis adesivos, contendo breves reflexões dos alunos sobre a obra. Introduzimos também, no segundo intervalo, a leitura conjunta de mais uma das crônicas da obra, *Legado* (SANT’ANNA, 2017, p. 44). Em ambos, propusemos as questões norteadoras, expostas anteriormente em tópicos, para mediar esse momento reflexivo sobre o texto literário a respeito das ações das personagens e sua relação com o ambiente em que vivem, dos diálogos que a obra estabelece com o leitor, do modo como se deu a construção da cidade.

²⁰ Pode ser a leitura de textos menores que tenham uma ligação com o texto maior; pode ser a leitura conjunta de um capítulo; uma roda de conversa sobre a obra.

Salientamos que, durante a realização desses intervalos de leitura, procuramos trazer nas questões norteadoras, ainda que de maneira mais abrangente, algumas reflexões sobre as categorias literárias. Consideramos que seria válido que o professor assinalasse, no momento de diálogo com os estudantes, que cada uma das categorias estão presentes nas crônicas e recebem maior ou menor destaque conforme o interesse da narradora. Por exemplo, na 1ª narrativa, *Vó Maria e eu*, observamos que a narradora dispõe de mais tempo para tratar da personagem, uma vez que o foco da crônica recai sobre ela, a avó; já na 2ª, *Água do Sovaco*, se debruça para descrever com mais detalhes o espaço no qual a personagem vivia, o interior paulista. Pensar nessas questões sobre os elementos da narrativa, ainda que de modo sutil, pode contribuir para a formação de um leitor reflexivo e sensível para perceber a riqueza dos elementos que compõem o texto literário.

A respeito da relevância da aplicação de intervalos durante a leitura da obra, o autor assegura:

Ao acompanhar a leitura dos alunos por meio dos intervalos, o professor poderá ajudá-los a resolver ou, pelo menos, equacionar questões que vão desde a interação com o texto, a exemplo do desajuste das expectativas que pode levar ao abandono do livro, até o ritmo de leitura, possível consequência tanto das condições de legibilidade do texto quanto da disponibilidade do aluno para realizar a atividade. (COSSON, 2018, p. 64)

Sobre a importância dessa terceira etapa, do próprio aluno realizar a leitura, sobre seu encontro com o texto literário, Cosson assevera:

A leitura do texto literário é uma experiência única e, como tal, não pode ser vivida vicariamente. Conhecer a história ou saber o final de um romance jamais substitui essa experiência, tanto que continuamos a ler obras cujos “segredos” são amplamente conhecidos. (2018, p. 63)

Na última etapa, a *interpretação*, Cosson afirma:

A interpretação parte do entretencimento dos enunciados, que constituem as inferências, para chegar à construção do sentido do texto, dentro de um diálogo que envolve autor, leitor e comunidade”. (2018, p. 64).

Cosson (2018) diz não ignorar a complexidade da interpretação, porém propõe que a pensemos, no cenário do letramento literário, em dois momentos: um interior e outro exterior. Assim o autor define o momento da interpretação, denominado de interior:

O momento interior é aquele que acompanha a decifração, palavra por palavra, página por página, capítulo por capítulo, e tem seu ápice na apreensão global da obra que realizamos logo após terminar a leitura. É o que gostamos de chamar de encontro do leitor com a obra. Esse encontro é de caráter individual [...] esse é o momento em que o texto literário mostra sua força, levando o leitor a se encontrar (ou se perder) em seu labirinto de palavras. [...] A interpretação é feita com o que somos no momento da leitura. Por isso, por mais pessoal e íntimo que esse momento interno possa parecer a cada leitor, ele continua sendo um ato social. (COSSON, 2018, p. 65)

Esse momento interior, em nossa proposta, se refere ao tempo de leitura que os alunos realizarão fora da escola, em suas casas, de modo individual. É o tempo que terão para entrar em contato com a obra, para apreendê-la, para refletir sobre ela. Quanto ao momento denominado de exterior, Cosson afirma:

O momento externo é a concretização, a materialização da interpretação como ato de construção de sentido em uma determinada comunidade. É aqui que o letramento literário feito na escola se distingue com clareza da leitura literária que fazemos independentemente dela. Quando interpretamos uma obra, ou seja, quando terminamos a leitura de um livro e nos sentimos tocados pela verdade do mundo que ele nos revela, podemos conversar sobre isso com um amigo, dizer no trabalho como aquele livro nos afetou e até aconselhar a leitura dele a um colega ou guardar o mundo feito de palavras em nossa memória. Na escola, entretanto, é preciso compartilhar a interpretação e ampliar os sentidos construídos individualmente. A razão disso é que, por meio do compartilhamento de suas interpretações, os leitores ganham consciência de que são membros de uma coletividade e de que essa coletividade fortalece e amplia seus horizontes de leitura. Trata-se, pois, da construção de uma comunidade de leitores que tem nessa última etapa seu ponto mais alto. (2018, p. 66)

Já esse segundo momento, o denominado exterior, é o que se dá em nossa proposta não apenas na sala de aula, mas em outros locais, como o MHIPI — Museu Histórico da Igreja Presbiteriana Independente de Iepê e no blog Bordados do tempo, como explicitamos a seguir.

Propomos que, nessa etapa da *interpretação*, os alunos produzam breves relatos, inspirados por aqueles lidos nas crônicas de Nê Sant'Anna, resgatando “filosofias” presentes em suas próprias famílias, como se fosse a incorporação da própria história à história de Iepê, dialogando assim com a obra lida. Portanto, esta atividade conecta toda a sequência proposta. Destacamos, nesse ponto, que seria interessante o professor reservar ao menos duas aulas para a discussão e comentários sobre essas produções com os alunos, inclusive para abordar questões relacionadas ao uso da linguagem, as quais contribuem para o desenvolvimento das habilidades linguísticas deles. Sugerimos que alguns desses relatos pudessem ser publicados

no blog *Bordados do tempo*²¹, criado em 2011, por Paulo Fernando Zaganin Rosa e Nê Sant´Anna, a fim de que se resgatem histórias que o tempo “bordou” em Iepê.

Propomos também que os alunos pudessem voltar ao MHIPI — Museu Histórico da Igreja Presbiteriana Independente de Iepê, acompanhados de seus familiares, para que juntos a Nê Sant´Anna, autora de *Filosofias de Vó Maria: Crônicas de um Cotidiano Caboclo* (2017), tivessem a oportunidade de construir um grande bordado do tempo, montando uma espécie de móbile (Figura 8), com suas fotos em família, deixando-o exposto no museu, para que seja apreciado pela comunidade. É nesse momento que se dá a efetiva interpretação da obra, quando o leitor compartilha sua experiência com o outro.

Figura 8- Modelo de móbile para a exposição de fotos



Fonte: <https://bbel.uol.com.br/>

Segundo Cosson (2018, p. 66), “por meio do compartilhamento de suas interpretações, os leitores ganham consciência de que são membros de uma coletividade e de que essa coletividade fortalece e amplia seus horizontes de leitura”. Para sintetizar as atividades que compõem a nossa sequência básica, inspirada em Cosson (2018), sugerimos a Tabela 1:

²¹ <http://bordadosdotempo.blogspot.com>. Segundo os criadores, esse blog é tecido com as histórias que o tempo bordou em Iepê.

TABELA 1 – O LETRAMENTO LITERÁRIO E AS MEMÓRIAS DE IEPÊ

ETAPAS DA SEQUÊNCIA BÁSICA	ATIVIDADE/CONTEÚDO	NÚMERO DE AULAS PARA CADA ETAPA
MOTIVAÇÃO	“BONS TEMPOS, DOCES MEMÓRIAS”: LEITURA COMPARTILHADA DE POEMA E CONFECÇÃO DE UM MURAL DE FOTOS.	2 AULAS
INTRODUÇÃO	APRESENTAÇÃO DO AUTOR E DA OBRA. CAFÉ LITERÁRIO NO MUSEU HISTÓRICO DA IPI DE IEPÊ.	2 AULAS
LEITURA DA OBRA	PRIMEIRA METADE DA OBRA: APROXIMADAMENTE 10 CRÔNICAS.	ATIVIDADE EXTRACLASSE
INTERVALO	RODA DE CONVERSA MEDIADA POR QUESTÕES QUE ESTIMULAM A REFLEXÃO SOBRE AS NARRATIVAS. LEITURA CONJUNTA DA CRÔNICA <i>EU EMBARCO NO ARROZ COM FEIJÃO</i> .	2 AULAS
LEITURA DA OBRA	PARTE RESTANTE DO LIVRO: APROXIMADAMENTE 10 CRÔNICAS.	ATIVIDADE EXTRACLASSE
INTERVALO	RODA DE CONVERSA MEDIADA POR QUESTÕES ACERCA DE TEMAS QUE PERMEIAM A OBRA. PAINEL COM AS REFLEXÕES DOS ALUNOS ANOTADAS EM PAPÉIS ADESIVOS COLORIDOS. LEITURA DA CRÔNICA <i>LEGADO</i> .	2 AULAS
INTERPRETAÇÃO	ESCRITA DE BREVES RELATOS RESGATANDO AS “FILOSOFIAS” DA FAMÍLIA, EM DIÁLOGO COM A OBRA, PARA PUBLICAÇÃO NO BLOG BORDADOS DO TEMPO. ENCONTRO NO MUSEU COM FAMILIARES E AUTORA PARA A CONSTRUÇÃO DE UM MÓBILE COM FOTOS DE TODOS PARA QUE A COMUNIDADE POSSA APRECIAR.	6 AULAS

Fonte: elaborado pela autora

O período referente à leitura de *Filosofias de Vó Maria: Crônicas de um Cotidiano Caboclo* (2017) deverá ocorrer como atividade extraclasse, mensurada em quantidade de aula suficiente, considerando a extensão da obra.

Cosson (2018, p. 72) salienta que a sequência não é algo intocável, ou seja, o professor pode ajustá-la de acordo com as necessidades de sua turma de alunos, com a realidade vivida em sala de aula. Afirma que “O que não se pode perder de vista é a ideia de conjunto ou ordenamento necessários em qualquer método” (2018, p. 72).

Em síntese, nessa sequência básica sugerimos atividades interativas, pensando em propiciar o diálogo com diferentes textos, como crônicas, poema, fotografias, levando os alunos à reflexão sobre a obra, no intuito de promover o letramento literário. Para alcançar nosso objetivo, percorremos o seguinte caminho: partimos da leitura do poema, que dialoga com a temática da obra, pautada em memórias; seguimos propondo a montagem de um mural de fotos, que retratem as lembranças de momentos em família, a fim de motivar o aluno para a leitura da obra, a qual deve ser realizada em dois momentos, tendo, portanto, dois intervalos, compostos por roda de conversa, leitura de crônicas e reflexões sobre o texto literário *“Filosofias de Vó Maria: Crônicas de um Cotidiano Caboclo”* (2017). Em um deles, em papéis adesivos coloridos, as reflexões dos alunos precisam ser anotadas a partir de suas percepções sobre a obra e de questões propostas pelo professor. Avançamos, sugerindo que, após a conclusão da leitura do livro, os alunos sejam incentivados a fazerem um resgate de suas memórias, por meio de crônicas e convidados a postá-las em um blog criado para esse fim. Finalizamos as atividades, propondo um encontro entre pais, alunos e autora no Museu Histórico da Igreja Presbiteriana Independente de Iepê, a fim de que possa ser realizada uma exposição das fotos das famílias, em formato de móbile, para que, nessa oportunidade, as interpretações da obra possam ser compartilhadas, permitindo um diálogo entre autora, alunos, pais e a comunidade local.

Enfim, sugerimos atividades com o intuito de promover experiências significativas de ensino-aprendizagem da Literatura buscando, por meio da leitura de uma obra local, propiciar a ampliação do repertório do estudante acerca da cidade em que mora, preservando sua história e memória, e estabelecendo a conexão entre o passado e o presente. Também procuramos dar a oportunidade para que o aluno se transforme na voz do narrador, resgatando a própria história e, ao compartilhá-la com o outro, possa compreender que literatura também é história.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde o início da nossa pesquisa, reconhecendo o poder de transformação da leitura por meio do texto literário, objetivamos estimulá-la, para promover o letramento literário no 9º ano do Ensino Fundamental da E. E. Antonio de Almeida Prado, situada em Iepê — SP. Almejamos, ainda, estabelecer um diálogo entre a obra literária *Filosofias de Vó Maria: Crônicas de um Cotidiano Caboclo*, da escritora iepense Nê Sant'Anna (2017) e a história local, de modo a valorizá-la.

Para tanto, primeiramente, apresentamos, na introdução, as razões de nossa proposta, o desejo de motivar os alunos a participarem de atividades envolvendo a leitura de textos literários e destacamos a importância da escolha de uma obra local, que nos permite revisitar o passado de nossa cidade, estabelecendo, contudo, uma relação com o presente, preservando a história do ser humano e propiciando um caminho para a promoção do letramento literário. Assinalamos que nosso trabalho está em consonância e dialoga com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), uma vez que preza a valorização dos conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo cultural, ao suscitar reflexões referentes à fundação do município de Iepê, as quais sinalizam para a construção de uma sociedade democrática e inclusiva, como preconiza o documento.

No capítulo 1, discutimos o gênero textual *crônica*, que tem circulado nas mais diversas mídias e está presente nas práticas escolares, nos materiais didáticos e também destacamos sua importância para o ensino, salientando que ele pode funcionar como um meio de introduzir os alunos no mundo da literatura, no universo da fruição, levando-os a conhecer e desfrutar as manifestações culturais do lugar onde vivem. Acrescentamos ainda que, pelas próprias características do gênero, os alunos podem ser levados a questões mais universais do cotidiano, uma vez que a crônica é também uma caricatura da realidade.

No capítulo 2, apresentamos a cidade de Iepê, o local em que a pesquisa se realizou e sua inusitada fundação, assim como a autora e suas contribuições em projetos de incentivo à leitura e à cultura. Também realizamos a apresentação da obra *Filosofias de Vó Maria: Crônicas de um Cotidiano Caboclo* (2017), com suas saborosas narrativas e analisamos cada uma das crônicas, pelo viés dos operadores da narrativa, atestando sua literariedade e destacando a riqueza de temas, de modo que a reflexão sobre a obra possa contribuir para a formação de um leitor mais proficiente, reflexivo, capaz de perceber questões mais profundas do texto literário, em geral, resultando no letramento literário que esperamos.

No capítulo 3, propusemos uma sequência de atividades, embasadas no modelo da sequência básica de Rildo Cosson (2018), como uma estratégia para o ensino de literatura no Ensino Fundamental II e um caminho possível para o letramento literário. Ressaltamos, por meio de nossa proposta de atividades, que a literatura não se restringe aos autores consagrados, mas que também pode se constituir de um patrimônio local, o qual deve ser valorizado e desfrutado.

Por fim, no Apêndice, apresentamos um Suporte Pedagógico destinado a professores com o intuito de assessorá-los, passo a passo, com sugestões para a aplicação de cada etapa da sequência básica proposta em nossa dissertação.

Acreditamos que o conteúdo aqui discutido e as atividades propostas possam ser adaptadas a cada realidade, e esperamos que sejam mais uma alternativa didática que possibilite aos professores uma significativa contribuição para o desenvolvimento do letramento literário, de maneira mais prazerosa, dinâmica e lúdica, assim como uma oportunidade de resgatar a memória histórica local.

Reiteramos que, da mesma forma que a obra abordada recupera fatos da história local (particular), outras obras literárias também apresentam histórias dos lugares e momentos em que foram produzidas (geral), como podemos observar em obras de autores canônicos, como Guimarães Rosa e Cora Coralina, os quais partem de um contexto particular, sertão mineiro e cidade de Goiás — GO, respectivamente, mas alcançam o contexto geral, uma vez que os temas tratados, como a vida, o amor, a morte têm dimensão universal e afligem o ser humano, esteja ele onde estiver, imprimindo à obra literária um caráter universal. Logo, ao nos debruçarmos sobre a obra *Filosofias de Vó Maria: Crônicas de um Cotidiano Caboclo* (2017), embora bastante particular, os alunos poderão fruir as potencialidades do texto literário, por meio da reflexão de temas que alcançam a todos nós, assim como poderão desenvolver o senso de que literatura é também história!

REFERÊNCIAS

ARRIGUCCI JR, Davi. **Enigma e comentário**: ensaios sobre literatura e experiência. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

ARRIGUCCI JR, DAVI. Fragmentos sobre a crônica. In: ARRIGUCCI JR, Davi. **Enigma e comentário**: ensaios sobre literatura e experiência. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

ASSIS, Machado. **Crônicas Escolhidas**, Editora Ática- São Paulo, 1994, p. 13.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. **Base Nacional Comum Curricular**. Secretaria de Educação Básica e Conselho Nacional de Educação. Brasília: SEE/CNE. 2017.

CANDIDO, Antonio [et.al]. **A crônica, sua fixação e suas transformações no Brasil**. Campinas. Editora da UNICAMP, 1992.

CANDIDO, Antonio. **A literatura e a formação do homem**. Ciência e Cultura. São Paulo, v. 24, n. 9, p. 803-809, 1972.

CANDIDO, Antonio. “**A vida ao rés-do-chão**”. In: Para gostar de ler: crônicas. Volume 5. São Paulo: Ática, 2003, p. 89-99.

CANDIDO, Antonio. **O direito à literatura**. In: Vários escritos. 6 ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul/ São Paulo: Duas Cidades, 2017.

CORALINA, Cora. **Estórias da Casa Velha da Ponte**. 11. ed. São Paulo: Globo, 2001.

COSSON, Rildo. **Círculos de leitura e letramento literário**. São Paulo: Contexto, 2019.

COSSON, Rildo. **Letramento literário**: teoria e prática. São Paulo: Contexto, 2018.

COSTA, Sérgio Roberto. **Dicionário de gêneros textuais**. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

FRANCO JUNIOR, Arnaldo. Operadores de leitura da narrativa. In: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana. **Teoria literária**: abordagens históricas e tendências contemporâneas. 3. ed. rev. ampl. Maringá: EDUEM, 2009.

FERREIRA, Eliane Aparecida Galvão Ribeiro et. al. **Formação de mediadores de leitura**: caderno complementar 1. Assis: ANEP- Associação Núcleo Editorial Pro- leitura, 2015, p.102-115.

FERREIRA, Eliane Aparecida Galvão Ribeiro; LUIZ, Fernando Teixeira; REMENCHE, Maria de Lourdes Rossi. Gêneros textuais e letramento literário: uma proposta inicial de trabalho em sala de aula. In: _____; ZANCHETTA JÚNIOR, Juvenal (orgs.). **Leitura na escola**: reflexões e estratégias para mediadores. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015, p.149-169.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Disponível em: www.cidades.ibge.gov.br/brasil/sp/iepe/historico. Acesso em: 25 nov. 2020.

KLEIMAN, A. B. **Letramento na contemporaneidade**. Bakhtiniana, São Paulo, 9 (2): 72-91, Ago./Dez. 2014.

KLEIMAN, Angela Bezerra. (Org.). **Os significados do letramento**: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita. Campinas, SP: Mercado de Letras, p. 15-61, 1995.

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. São Paulo: Ática, 1993.

LAJOLO, Marisa. **Literatura**: ontem, hoje, amanhã. São Paulo: Editora Unesp, 2018.

LERNER, Delia. **Ler e escrever na escola**. O real, o possível e o necessário. Porto Alegre. Artmed, 2002.

LÜDKE, Menga e ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso. **Pesquisa em educação**: Abordagens Qualitativas. São Paulo: EPV, 1986.

MASSAUD, Moisés. **Dicionário de termos literários**. Cultrix, São Paulo, 1974.

MEIRELES, Cecília. **Poesia Completa**, volume I. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.

MORTATTI, Maria do Rosário Longo. **Educação e letramento**. São Paulo: UNESP, 2004.

MORTATTI, Maria do Rosário Longo. O texto na sala de aula: uma revolução conceitual na história do ensino de língua e de literatura no Brasil. In: SILVA, Lilian Lopes Martins da; FERREIRA, Norma Sandra de Almeida; MORTATTI, Maria do Rosário Longo. (Orgs). **O texto em sala de aula**: um clássico sobre o ensino de língua portuguesa. Campinas, SP: Autores Associados, 2014. P. 5-28.

MUNDURUKU, Daniel. **Crônicas indígenas para rir e refletir na escola**. São Paulo: Moderna, 2020.

NERY, Silvana Maria de Souza. A vida como Ela é...: O Limiar entre a Crônica e o Conto. Disponível em: http://encipecom.metodista.br/mediawiki/images/d/d8/GT5_-_16-A_vida_como_ela_e-Silvana.pdf>. Acesso em: 19 abr. 2020.

PAULINO, Graça; COSSON, Rildo. Letramento literário: para viver a literatura dentro e fora da escola. In: ROSING, Tânia; ZILBERMAN, Regina (Orgs). **Escola e leitura**: velha crise, novas alternativas. São Paulo: Global, 2009.

PREFEITURA MUNICIPAL DE IEPÊ. **História do Município**. Disponível em: <http://iepe.sp.gov.br/site/historia>>. Acesso em: 28 de março de 2020.

SÁ, Jorge de. **A crônica**. São Paulo: Ática, 1987.

SABINO, Fernando. A última crônica. In: **A companheira de Viagem**, Editora do Autor- Rio de Janeiro, 1965, p. 174.

SANT'ANNA, Nê; ROSA, Paulo Fernando Zaganin. Iepê: Um Sonho de Liberdade que Brotou no Sertão do Oeste Paulista. In: ROSA, Paulo Fernando Zaganin (et. Al). **De Liberdade à Iepê: Uma terra para todos!** Bauru: Canal 6 editora, 2013.

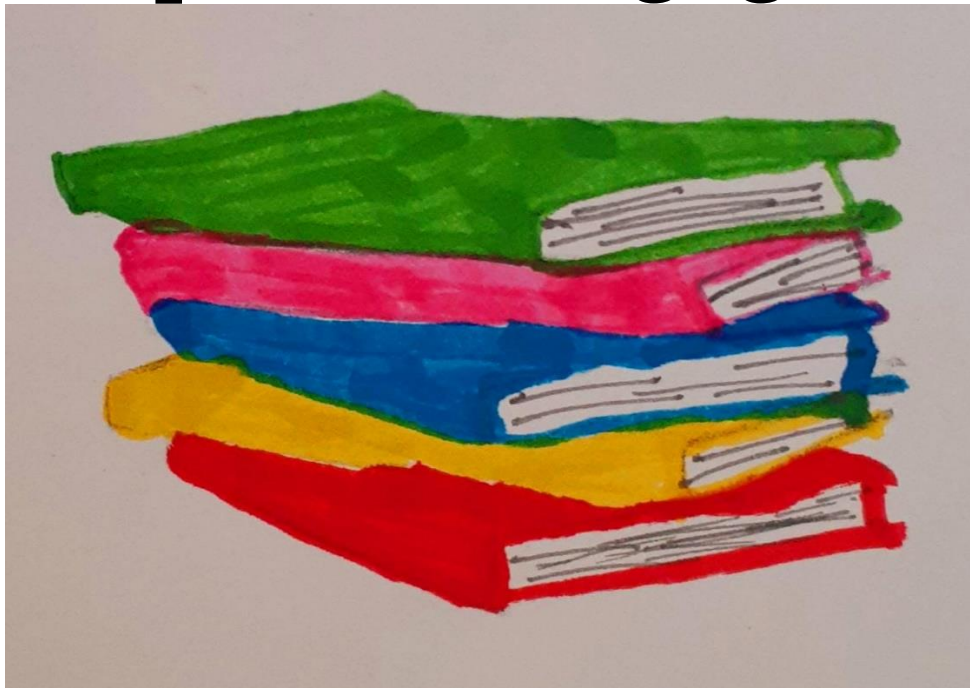
SANT'ANNA, Nê. **Filosofias de Vó Maria:** Crônicas de um Cotidiano Caboclo. Clube de autores, 2017.

SÃO PAULO (Estado). Secretaria da Educação. **Currículo do Estado de São Paulo:** Linguagens, Códigos e suas Tecnologias. São Paulo: SEE, 2019.

SOARES, Magda. **Letramento:** um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.

ROSA, João Guimarães. **Sagarana.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

Suporte Pedagógico



*Trajetos literários para o 9º ano do
Ensino Fundamental*

*Assis/SP
2021*

Notas sobre a Autora

GEISA ALEXANDRELI BORGES DE ANDRADE

Graduada em Letras — Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho — Faculdade de Ciências e Letras (UNESP — Assis/SP), com habilitação em Português e Espanhol. Especialista em Metodologia de Ensino de Língua Portuguesa e Estrangeira — Centro Universitário Internacional (UNINTER — Curitiba/PR). Professora da Rede Estadual de São Paulo — Ensino Fundamental II e Médio. Mestranda em Letras pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP — Assis/SP).

Apresentação

Caro (a) professor (a),

Este Suporte Pedagógico é parte de minha pesquisa no Mestrado Profissional em Letras — PROFLETRAS e sua proposição despontou do anseio de nortear a realização de um trabalho voltado ao 9º ano do Ensino Fundamental com base no letramento literário.

Consideramos que o letramento literário é importante a fim de promover experiências significativas de ensino-aprendizagem da literatura, de estimular no aluno o gosto pela leitura e ampliar o seu repertório, assim como para tornar o ensino de literatura uma prática significativa, que exceda a leitura de decodificação, de compreensão, de localização de dados explícitos.

Nosso propósito ao elaborar esse Suporte Pedagógico é oferecer um apoio a você, professor (a), subsídios para seu trabalho em sala de aula no percurso de realização das atividades propostas em nossa sequência básica (COSSON, 2018), abordando o antes, o durante e o resultado esperado após a aplicação.

Esperamos que este aparato pedagógico possa auxiliá-lo (a) com dicas e sugestões para a execução de cada etapa da sequência básica apontada em nossa dissertação.

Destacamos que se trata de um trabalho com características bem específicas, pois tem como base uma obra local e aspectos relacionados à cultura local, porém, salientamos que as atividades aqui apontadas podem ser – de fato – ajustadas a outras realidades, outros contextos e até mesmo recriadas.

Desejamos que esse Suporte Pedagógico, de alguma forma, contribua com a prática educativa de cada um que dele se utilizar. Mãos à obra!

Um abraço,
A Autora.

Trajeto literário para o 9º ano do Ensino Fundamental

Para a elaboração das atividades aqui elencadas, seguimos os pressupostos de Rildo Cosson, o qual na obra *Letramento literário: teoria e prática* (2018), propõe como um dos trajetos para que se alcance o letramento literário, a aplicação da sequência básica, que de acordo com o autor, sistematiza as atividades das aulas de Literatura e é indicada para o Ensino Fundamental.

A sequência básica é constituída por quatro passos ou etapas: a *motivação*, *introdução*, *leitura* e *interpretação*. Sua aplicação requer do professor uma preparação para que utilize as estratégias adequadas na realização dos passos de cada atividade.

Antes de iniciar a apresentação das etapas, com o objetivo de promover uma articulação com outras disciplinas escolares, sugerimos uma parceria com o (a) professor (a) de História para que seja realizado um aprofundamento na história do município. Indicamos, para esse momento, a leitura do livro *Para uma cultura de paz nasceu Iepê: a cidade de Chiquinho*, uma obra em quadrinhos de Nê Sant'Anna e Paulo Fernando Zaganin Rosa (2013). Também propomos que, em parceria com o (a) professor (a) de Arte, seja confeccionado um mural, em formato de porta-retratos antigo, para que seja utilizado na etapa da *motivação*, no qual serão fixadas fotografias trazidas pelos alunos, simbolizando o conjunto de suas memórias pessoais, como será melhor esclarecido na etapa 1.

Etapa 1: Motivação

A primeira etapa, a *motivação*, é o momento de aquecimento que prepara o aluno para posterior contato com o texto literário. Nossa expectativa é que os alunos acolham a proposta dessa etapa com empolgação e engajamento.

Alguns detalhes são importantes para o desenvolvimento dessa etapa, que nomeamos de *Bons tempos, doces memórias*, como sugerimos a seguir.

Objetivos: Preparar os alunos para a experiência que viverão com a leitura literária selecionada: *Filosofias de Vó Maria: Crônicas de um Cotidiano Caboclo* (2017), de Nê Sant'Anna; realizar a leitura compartilhada de um poema, assim como breves reflexões sobre ele; elaborar a montagem de um mural de fotos; produzir a escrita de legendas nas fotografias e dar a oportunidade para que os alunos compartilhem, oralmente, pequenos relatos sobre os momentos retratados nas fotos.

Duração: 2 aulas.

Temas: Poema *Memória*, de Cecília Meireles (1997); construção de um mural de fotos.

Recursos: Texto poético *Memória*; fotos dos alunos; mural de fotos em formato de porta-retratos antigo; alfinetes coloridos; pequenas folhas de papel adesivo ou etiquetas.

Importante: ressaltamos, nesse ponto, que o mural deve ser confeccionado anteriormente ao momento da aula e sugerimos uma parceria com o (a) professor (a) de Arte. Seria interessante que o mural tivesse o formato de um porta-retratos antigo e com as bordas semelhantes a um bordado.

Procedimentos para o desenvolvimento: •Organize os alunos em círculo, em uma roda de leitura e distribua os papéis contendo o poema a ser lido.

•Em seguida, pergunte aos alunos quem gostaria de participar da leitura do poema, incentivando-os a cooperar com o desenvolvimento da atividade.

•É hora de iniciar a leitura do poema, em voz audível. Peça para que os alunos leiam em voz alta e pausadamente, pois favorece o entendimento.

•Após a leitura do poema, solicite que os alunos compartilhem ideias sobre sua temática, sobre os versos que lhes despertaram a atenção. (Esperamos que eles percebam que o eu poético trata de tema relativo à família, que mesmo não estando próxima, se faz presente em fragmentos de sua memória).

•A fim de conduzir este momento, sugerimos os seguintes questionamentos:

- 1- Que assunto o eu poético compartilha conosco? Há algum verso que vocês gostariam de destacar, de fazer um comentário, uma reflexão?

Sugestão de resposta: O eu poético fala das lembranças que tem em relação à família; compartilha conosco suas reflexões sobre a separação ocorrida entre ele e a família. Resposta pessoal.

- 2- É possível identificarmos se a voz que fala no poema é masculina ou feminina? Se sim, em que trecho isso nos fica claro? Essa voz demonstra sensibilidade ao mencionar sua família?

Sugestão de resposta: Sim, o eu poético assume voz feminina, e, isso fica evidente nos versos “*Mas eu sei reconhecê-la*”; “*por mais que eu esteja lembrada*”; “*Murmuro para mim mesma*”. Ao mencionar sua família, demonstra sensibilidade, como podemos observar, por exemplo, nos versos “*numa ambígua trajetória de que sou o espelho e a história*”.

- 3- Ao escolher a palavra *longe* para se referir à família, o que o eu poético nos revela?

Sugestão de resposta: É possível que respondam que a palavra *longe* pode revelar que há algum tipo de “*distanciamento*”, “*afastamento*”, “*separação*” entre o eu poético e a sua família.

- 4- O poema é repleto de imagens. Ao falar da família, afirmando que “uns converteram-se em flores, outros em pedra, água, líquen”, o que o eu poético nos sugere com essas imagens?

Sugestão de resposta: É possível que façam uma associação de “*flores*”, como sendo as boas lembranças, a delicadeza, o elo de amor; “*pedra*”, as lembranças mais difíceis, ruins, pesadas, quem sabe até tristes; “*água*”, lembranças que são constantes, quem sabe lágrimas, emoções; “*líquen*”, lembranças arraigadas, presas ao coração do eu poético. (Destacamos que é importante esclarecer aos alunos, de modo bem simplificado, que o líquen é um vegetal composto de água e fungo e, quando fixado em uma árvore, por exemplo, dá aquela cor esverdeada a sua casca).

•É importante que você incentive os alunos a compartilharem suas ideias, suas impressões acerca do poema lido a fim de que, a partir dessa temática sobre a família, sobre o olhar do eu poético para o passado prepare-os para o passo seguinte: a construção do mural.

•Oriente os alunos para que peguem a foto que trouxeram de casa.

•Posicione o mural, construído anteriormente na aula de Arte, em um local onde todos possam visualizá-lo bem.

•Convide-os para que, em dupla, por exemplo, levem e fixem as fotos no mural.

•Em seguida, distribua as etiquetas para que cada um escreva uma breve legenda explicativa sobre o momento retratado na fotografia.

•Dê oportunidade para que dividam com os colegas breves comentários sobre as lembranças que as fotos lhes despertam, com quem estavam, em que lugar, se a ocasião retratada é um momento importante da vida familiar, entre outros.

•**Resultado esperado no final dessa etapa:** Esperamos que os alunos tenham se envolvido nas dinâmicas de socialização e estejam dispostos a se engajar nas demais etapas da sequência.

Figura 1- Imagem de um porta-retratos antigo



<https://www.papelpicadobh.com.br/>

Etapa 2: Introdução

Nessa etapa, a *introdução*, o autor e a obra devem ser apresentados aos alunos. É importante que tenham o contato com a obra fisicamente, na versão original.

Objetivos: Promover o contato do aluno com a obra a ser lida *Filosofias de Vó Maria: Crônicas de um Cotidiano Caboclo* (2017) e também com a autora, a partir da realização de um café literário no MHIPI (Museu Histórico da Igreja Presbiteriana Independente de Iepê) e um bate-papo com a escritora.

Duração: 2 aulas.

Temas: Autor e obra; café literário e bate-papo com a autora.

Recursos: Exemplares da obra *Filosofias de Vó Maria: Crônicas de um Cotidiano Caboclo* (2017); guloseimas para o café literário.

Procedimentos para o desenvolvimento: •Sugerimos que a autora²², Nê Sant'Anna, seja convidada, antecipadamente, e que sejam marcados a data e horário para a realização do encontro.

•Combine o encontro com os alunos, com antecedência, para que se preparem para o evento. **Importante:** converse com a direção da escola sobre a necessidade de envio de autorização aos responsáveis dos alunos, visto que a atividade se dará fora do domínio escolar.

•Chegando ao lugar programado, é importante apresentar os alunos à autora, a fim de promover uma socialização entre todos os participantes do café literário.

•Oriente os alunos para que se acomodem em círculo, com o propósito de que se inicie o bate-papo com a escritora. Sugerimos algumas questões para dar início ao momento de interação:

- 1- Onde você busca inspiração para os livros que escreve?
- 2- Quando publicou sua primeira obra? De que tema ela tratava?
- 3- Que dica você daria para quem deseja ser um (a) escritor (a)?
- 4- No momento você está escrevendo alguma obra para ser publicada em breve?

²² Como se trata de um contexto muito específico, caso não seja possível convidar a autora, tampouco fazer com que o encontro aconteça em um museu, o professor poderá adequar as atividades dessa etapa promovendo um café literário, apresentando informações sobre a autora, assim como oportunizando o contato do aluno com a obra, na sala de leitura da escola, por exemplo. Esse momento pode, inclusive, ser realizado com outras obras/autores.

•Durante o bate-papo, apresente aos estudantes a obra *Filosofias de Vó Maria: Crônicas de um Cotidiano Caboclo* (2017) e dê a oportunidade para que manuseiem os exemplares, observem a imagem estampada na capa, a dedicatória, as informações da contracapa. Permita que os alunos exponham suas considerações sobre os elementos que compõem a obra.

•Em seguida, incentive os estudantes a apreciarem o local, o material fotográfico e documental, o mobiliário, a fim de revisitar a história do município e reconhecer o seu valor.

•As atividades dessa etapa 2 devem acontecer permeadas ou acompanhadas pelas guloseimas, que devem ser servidas aos participantes do café literário, a fim de promover um momento de partilha.

•**Resultado esperado no final dessa etapa:** Esperamos que os alunos tenham conhecido e apreciado a obra a ser lida, assim como sua autora e revisitado a história do município que é tão rica e especial.

Figura 2- Museu Histórico da Igreja Presbiteriana Independente de Iepê



Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora

Etapa 3: Leitura

Nessa etapa, o estudante terá a oportunidade de encontrar-se, de fato, com o texto literário, de apreciá-lo, de refletir sobre seus temas.

Objetivos: Promover a leitura individual da obra literária *Filosofias de Vó Maria: Crônicas de um Cotidiano Caboclo* (2017), de Nê Sant'Anna; realizar intervalos de leitura, a

fim de acompanhar seu andamento e fazer a leitura conjunta da crônica *Eu embarco no arroz com feijão* (SANT'ANNA, 2017, p. 26-28).

Duração: cada intervalo de leitura utilizará 2 aulas. A leitura será atividade extraclasse e seu tempo será previamente combinado o professor.

Temas: As 10 primeiras narrativas de *Filosofias de Vó Maria: Crônicas de um Cotidiano Caboclo* (2017), de Nê Sant'Anna.

Recursos: Exemplares da obra literária a ser lida; papéis adesivos; canetas; painel.

Procedimentos para o desenvolvimento: •Distribua os exemplares da obra aos alunos.

•Explique a eles que a obra é composta por 21 crônicas, mas que a 1ª atividade de leitura será realizada até a crônica de número 10.

•Ressalte que a leitura deverá ocorrer fora do horário escolar, ou seja, será uma atividade extraclasse, a ser feita em casa, ou até mesmo na sala de leitura da escola, caso alguém assim prefira.

•Incentive os alunos a se engajarem na atividade.

•Avise-os que, ao final do prazo combinado, haverá uma atividade de acompanhamento da leitura que farão.

•Transcorrido o tempo combinado para a leitura da obra, é hora de realizar o 1º intervalo de leitura, a ser desenvolvido em sala de aula.

•Disponha os alunos em círculo, numa roda de conversa. **Importante:** Destacamos que a roda de conversa está prevista em diversas situações de aprendizagem do Currículo Paulista e sua prática estimula o protagonismo do aluno, visto que promove o diálogo, a oportunidade de ouvir e de dar voz aos participantes da atividade.

Figura 3- Roda de conversa



Fonte: <http://blog.crb6.org.br/>

•Estimule-os a comentar suas impressões sobre as crônicas lidas até o momento.

•Nesse primeiro intervalo, também propomos que seja feita a leitura, de forma coletiva, de uma das crônicas da obra, *Eu embarco no arroz com feijão* (SANT'ANNA, 2017, p. 26-28). Sugerimos, para mediar esse momento, as seguintes indagações:

1- As crônicas lidas dialogam com o leitor? De que forma? Por meio de que temas?

Sugestão de resposta: Sim, elas dialogam com o leitor, pois a maneira como a narradora nos conta as histórias faz parecer que está conversando com a gente. O fato das histórias tratarem do passado de nossa cidade também é uma forma de diálogo com o leitor, pois une o passado ao presente do qual fazemos parte. Nas crônicas lidas até o momento, a narradora trata, por exemplo, da crença em Deus e na vida, a qual vale a pena ser vivida (crônica 1); das discriminações e preconceitos religiosos (crônica 2); da morte e vida, que são partes da mesma moeda (crônica 3); dos comportamentos inadequados em família (crônica 4); dos comportamentos exagerados (crônica 5); a indecisão (crônica 6); sobre pessoas que “pregam peças” nas outras (crônica 7); relacionamento interpessoal (crônica 8).

2- Que relação vocês perceberam entre o título e as crônicas da obra? O que seriam as “filosofias” de Vó Maria?

Sugestão de resposta: A relação está no fato de que as histórias tratam da maneira como a personagem Vó Maria enxergava o mundo em que vivia, e, essa maneira de ver as coisas do cotidiano acabaram resultando nas “filosofias” que ela inventava. O cotidiano caboclo se refere ao dia a dia dos antigos moradores da cidade de Iepê. Sendo assim, as “filosofias” podem ser as crenças, os saberes que vó Maria adquiriu no dia a dia, o conhecimento popular que obteve pela observação dos fatos comuns do cotidiano. Resposta pessoal.

3- Na crônica *Eu embarco no arroz com feijão*, a narradora se apresenta como alguém que vivenciou a história narrada, como uma personagem? Em algum trecho ela inclui o leitor na narrativa? Faz algum tipo de reflexão?

Sugestão de resposta: A narradora se apresenta não como alguém que vivenciou a história, mas como uma narradora que tenta reconstruir suas memórias afetivas em relação à avó, a qual não conheceu, por meio dos relatos que recebeu de sua família. Ao usar, no 1º parágrafo da narrativa, a forma “vivemos”, a narradora traz o leitor para dentro da história e faz uma reflexão a respeito da má distribuição de renda no Brasil e também sobre o comportamento das pessoas em relação à alimentação, sempre preocupadas com dietas e com os padrões impostos pela sociedade.

4- Ao dar voz ao personagem nhô Ricardo, vocês observaram se a linguagem usada pela narradora é a mesma usada pelo personagem? Que efeitos de sentido a escolha da linguagem usada pela narradora provoca no texto?

Sugestão de resposta: Observamos que a linguagem usada pela narradora é diferente daquela usada pelo personagem, pois nhô Ricardo usa formas próprias da oralidade, como “qué”, em vez de quer; “nhór”, em vez de melhor. Entre os efeitos de sentido gerados por essa escolha da narradora está o de produzir a caracterização do modo de falar de parte dos moradores do interior paulista no início do século XX.

- 5- A narradora utilizou algum recurso visual para dar certo suspense à narrativa? Vocês notaram uso de linguagem figurada ou conotativa? Comentem suas observações.

Sugestão de resposta: Sim, ela usou recurso visual, pois quando o garoto quer avisar as visitas que a mãe dele preparou um bolo brevidade, a narradora, utilizou, além do discurso direto, introduzido por travessão, as letras maiúsculas para destacar a palavra *brevidade* e, também uma espécie de silabação gradual, como observamos em: “BRE...BRE-VI...BRE-VI-DA...”.

•Encerrado esse bate-papo, combine com os alunos a continuação da leitura da obra, lembrando-os de que, após o encerramento da mesma, um outro intervalo de leitura será realizado.

•Transcorrido o período combinado para o encerramento da leitura da obra, novamente solicite aos alunos que formem um círculo, na sala de aula, para que uma nova roda de conversa se inicie e, também para que a leitura de outra crônica da obra, *Legado* (SANT’ANNA, 2017, p. 44), seja realizada coletivamente.

•Sugerimos que o momento seja permeado pelas seguintes questões:

- 1- Como o passado de Iepê nos é apresentado nas crônicas lidas? Como eram os lugares/espacos retratados pela narradora? Ela usou expressões que marcam o tempo a que se refere nas crônicas? Que novos temas vocês notaram nas narrativas?

Sugestão de resposta: O passado de Iepê nos é apresentado como um lugar onde a vida das pessoas não era fácil, pois muitos trabalhavam arduamente nas roças; o acesso à escola era difícil; a igreja e a praça eram locais de encontro entre as pessoas. Os lugares eram simples, como por exemplo, os sítios do interior paulista, onde as pessoas residiam e criavam animais e, às vezes alugavam os pastos para tropeiros que passavam com seus bois; as casas eram modestas, muitas vezes sem energia elétrica; a roça, a praça central da cidade de Iepê, local de encontro das famílias e conhecidos, também dos casais de namorados; a igreja, local onde os fiéis se reuniam. Resposta pessoal.

- 2- Na crônica *Legado*, vocês perceberam se a narradora se posiciona da mesma maneira como se posicionou em *Eu embarco no arroz com feijão*? Se não, que

diferenças vocês observaram? Há, em algum trecho, emotividade nas palavras da narradora?

Sugestão de resposta: A narradora, nessa crônica, *Legado*, não se posiciona da mesma forma como em *Eu embarco no arroz com feijão*, pois agora se posiciona como uma personagem da história que narra, pois fala muito de si mesma, da sua relação com os antepassados, com a família. Em muitos momentos usa a primeira pessoa do singular, para falar de si mesma, como vemos em “não conheci”, “penso”, mas também usa a primeira pessoa do plural para incluir sua família na história, como notamos em “sermos conhecidos”, “nossa família”, etc. Observamos muita emotividade nas palavras da narradora, ao refletir sobre a importância em deixarmos marcas para nossos filhos, de nos sentirmos parte de uma história que continua, por exemplo, expressa no trecho “Penso que, de fato, isto é o que vale: deixarmos marcas para nossos filhos (...)”.

- 3- A narradora, em alguns momentos, se expressa por meio da linguagem conotativa ou figurada. Que sentidos podemos atribuir às expressões destacadas nos trechos: (...) através dos seus causos, que me **decifraram sua alma**, sua coragem, seu jeito de encarar a vida, suas filosofias; e, em (...) quando meus antepassados **me povoam, evocam paz...**?

Sugestão de resposta: A narradora acredita que, por meio dos causos da avó, ela a tenha conhecido profundamente, ou seja, a história familiar é importante para a nossa formação, para o nosso conhecimento, pois ela é parte de nós, nos constitui. Ao dizer que quando os antepassados a povoam, evocam paz, a narradora pode se referir ao fato de que nossos antepassados se mantêm vivos em nós por meio da memória, da imaginação, e, ao serem lembrados, nos dão sensação de encontrarmos a paz. Resposta pessoal.

- 4- Como as personagens se comportam nas narrativas da obra? Como vocês imaginam essas personagens? Há alguma personagem em especial que gostariam de destacar, comentar? Sugestão de resposta:

Sugestão de resposta: Muitas personagens se comportam de maneira engraçada, inusitada, de modo a divertir o leitor, como por exemplo Nhá Bia, que só ia aos enterros carregando um prato de comida, ou Aber Brudes que, por sua indecisão, causou ira em vó Maria e tia Neguita, uma vez que ficaram enlameadas, mas sem levar o porco que desejavam, por exemplo. Resposta pessoal.

- 5- A respeito da fundação de nosso município, algo despertou sua atenção? Vocês julgam importantes os ideais de construção de Iepê? Por quê? Esses ideais ainda são atuais?

Sugestão de resposta: A cidade foi construída sob alicerces de paz, e seus idealizadores lutaram pelo direito de cada um declarar publicamente sua fé, desejaram a convivência das pessoas em harmonia, sem perseguições de qualquer natureza. Esses ideais são, sim, muito atuais, pois ainda hoje as pessoas ao discutirem, por motivos variados, desrespeitam o direito do outro à liberdade de escolha, de pensar de um modo diferente. Resposta pessoal.

•Sugerimos que, durante as discussões, o professor dialogue com os alunos ressaltando que cada um dos elementos ou operadores da narrativa (enredo, focalização, narrador, personagem, espaço e tempo) estão presentes nas crônicas e, em cada uma delas recebem mais ou menos destaque de acordo com o desejo da narradora. Citamos, como exemplo, a 1ª crônica da obra, *Vó Maria e eu*, na qual podemos observar que há certo destaque para o elemento da narrativa *personagem*, uma vez que nos é apresentada a protagonista da história; já na 2ª crônica, *Água do Sovaco*, há um enfoque maior para o espaço em que a personagem vivia, o interior paulista.

•Após a socialização das discussões propostas, distribua aos alunos papéis adesivos coloridos e peça para que eles escrevam pequenas reflexões sobre a obra lida, pautando-se nas reflexões que acabaram de fazer junto aos colegas de classe.

•Em seguida, peça para que cada um fixe sua reflexão em um painel, de modo que todos tenham acesso às ideias uns dos outros.

Figura 4- Mural



Fonte: <https://br.depositphotos.com/14817307/stock-photo-notes-on-pinboard.html>

•**Resultado esperado no final dessa etapa:** Esperamos que haja um momento reflexivo sobre o texto literário a respeito das ações das personagens e sua relação com o ambiente em que vivem, assim como sobre os diálogos que a obra estabelece com o leitor e a maneira como se deu a construção da cidade. Destacamos que, ao dialogarmos com os alunos, ainda que de maneira mais abrangente, sobre os operadores da narrativa, estamos chamando a

atenção para elementos que nos auxiliam na compreensão do texto literário, mostrando-nos que sua análise não é intuitiva e contribuindo para que o leitor se torne mais reflexivo e sensível às questões tratadas no texto literário e aos elementos que o compõe.

É importante assinalarmos que as crônicas da obra partem de um contexto local, a cidade de Iepê – SP, porém, ao considerarmos as temáticas universalizantes que por elas perpassam, tais como a política, o comportamento social, a vida, a morte, discriminações e preconceitos, percebemos que ela alcança um contexto geral, uma vez que esses temas se reportam a todos os seres humanos, independentemente do local onde vivem.

Figura 5- Capa do livro *Filosofias de Vó Maria: Crônicas de um Cotidiano Caboclo*



Fonte: www.clubedeautores.com.br

Etapa 4: *Interpretação*

Objetivos: Compartilhar a interpretação da obra *Filosofias de Vó Maria: Crônicas de um Cotidiano Caboclo* (2017) com a coletividade, por meio da produção de breves relatos, inspirados na obra, assim como sua publicação no Blog *Bordados do tempo* (<http://bordadosdotempo.blogspot.com>) e realizar um novo encontro no MHIPI — Museu Histórico da Igreja Presbiteriana Independente de Iepê.

Duração: 6 aulas.

Temas: Interpretação da obra; produção de breves relatos; encontro no museu; compartilhamento de experiência com o outro e montagem de móbile com fotos.

Recursos: Relatos dos alunos; fotos dos alunos e familiares; alfinetes coloridos; móbile para a fixação das fotos.

Procedimentos para o desenvolvimento: • Incentive os alunos para que conversem com os familiares a fim de conhecerem mais sobre as histórias de família, as cenas divertidas, ou inusitadas que compõem o repertório familiar de cada um.

• Peça para que registrem essas histórias, transformando-as em breves relatos, como se fosse a incorporação da própria história à história de Iepê, tecendo, assim, um diálogo com a obra lida. **Importante:** Sugerimos que o professor reserve um tempo, duas aulas, por exemplo, para que possa conversar com os alunos sobre as produções que realizaram, dando-lhes um retorno, abordando questões linguísticas que porventura geraram dúvidas nos estudantes.

• Em parceria com o blog *Bordados do tempo*, solicite a publicação²³ de alguns desses relatos dos alunos. **Importante:** Destacamos que o blog foi criado com intuito de reunir histórias que o tempo bordou em Iepê e região, a fim de valorizá-las.

• Sugerimos que seja promovido um novo encontro no MHIPI — Museu²⁴ Histórico da Igreja Presbiteriana Independente de Iepê, com o intuito de reunir alunos, seus familiares e autora. O intuito é a construção de um móbile com fotos, simbolizando um grande bordado das histórias que tecem nossa vida em família.

• **Resultado esperado no final dessa etapa:** Esperamos que aconteça o compartilhamento das interpretações realizadas pelos alunos, que segundo Cosson (2018, p. 66) ganham consciência de que são membros de uma coletividade e de que essa coletividade fortalece e amplia seus horizontes de leitura.

Figura 6- Modelo de móbile para exposição de fotos



Fonte: <https://bbel.uol.com.br/>

²³ Caso não seja possível a publicação dos relatos no blog, uma outra sugestão seria a exposição dos textos nos murais da própria escola, para que todos os membros da comunidade escolar possam ter acesso aos relatos dos estudantes.

²⁴ Na impossibilidade da realização do encontro no Museu, é perfeitamente possível que ele seja realizado na própria instituição escolar.

Palavras finais

Chegamos ao final das atividades propostas, e esperamos que sejam mais uma alternativa didática que contribua para o desenvolvimento do letramento literário, podendo ser adaptada às mais diversas realidades escolares.

Retomamos a ideia de que, embora o trabalho seja singular e pertença a um contexto de produção local, particular e específico, é também possível que o (a) professor (a) pense sobre outras histórias, em outros contextos, em outras cidades, em outros autores, os quais, a partir de um cenário local, adentram o universal ao abordar temáticas que são caras a todo ser humano, tais como Cora Coralina e Guimarães Rosa. Além disso, salientamos que o trabalho é elaborado a partir do gênero textual *crônica*, bastante presente nos materiais didáticos e nas práticas escolares, o qual recria por meio da linguagem literária, expressiva e bela, cenários e cenas do cotidiano, possibilitando ao aluno desenvolver competências mais gerais, que lhe seriam importantes a outros contextos.

Sucesso!

Atenciosamente,

A Autora.